

Organizadores

Edna Maria Mendes Rodrigues

Lúcia Paula Matos Ximenes

Raimundo Evandro Ximenes Martins

# VIVÊNCIAS

I Antologia da Academia Groairense de Letras e da  
Academia Forquilhense de Letras e Artes



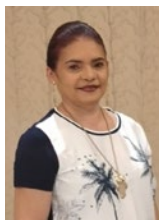
Academia Groairense de Letras e da Academia Forquilhense

I Antologia da Academia Groairense de Letras e da Academia Forquilhense de Letras e Artes

Editora  
**SER  
TÃO  
CULT**

I Antologia da Academia Groairense de Letras e da Academia Forquilhense de Letras e Artes

I Antologia da Academia Groairense de Letras e da Academia Forquilhense de Letras e Artes



### **EDNA MARIA MENDES RODRIGUES**

A acadêmica é graduada em Pedagogia, Especialista em Língua Portuguesa e Suas Literaturas, Metodologia do Ensino Fundamental, Gestão e Avaliação e Educação Especial, Educação Inclusiva, Neuropsicopedagogia Institucional e Clínica e Mestre em Filosofia.

A escritora é poetisa, contista, antologista e integra a coluna Movimento Literocultural da AGL e AFLA da Revista Atração. Como professora, exerce a função de coordenadora pedagógica da Rede Estadual de Educação do Ceará e integra a Academia Groairense de Letras (AGL) e a Academia Forquilhense de Letras e Artes (AFLA) como membro fundador e presidente. Suas obras publicadas são: *Ao Inverso: da Academia à Poesia*; *Groáiras, a Grogró de Mel e Magia e Realidade – Contos Modernos*.



### **LÚCIA PAULA MATOS XIMENES**

A acadêmica nasceu em Sobral, no dia 31 de outubro de 1975. Morou até os 9 anos na Localidade de Córrego dos Matos e, posteriormente, no Distrito de Itamaracá. Primogênita de uma prole de quatro irmãos, seus genitores são José Gildo Matos Lopes e Maria da Conceição Matos. Casada com Jeová Rodrigues Ximenes.

Formada em Pedagogia, licenciada em Gestão Escolar e também Educação Especial. Professora da rede pública de ensino dos municípios de Cariré e Groáiras. Membro fundador efetivo da Academia Groairense de Letras – AGL, ocupante da cadeira de número 9.



### **RAIMUNDO EVANDRO XIMENES MARTINS**

Membro da AGL, nascido na Fazenda Malhada D'areia, Groáiras-CE. Viveu até o início da vida adulta no meio rústico, ouvindo histórias folclóricas, aproveitando-as em seu segundo livro, *“A Aventura de Samael na Terra dos Três Rios”*. *“O Ateísmo dentro de uma Ordem Jurídica Plural”*, seu primeiro livro, defende

que a vida social não fica sem valor ou sentido por descartar-se a crença em divindades, decorre de conhecimentos em direito e em filosofia.

Organizadores

Edna Maria Mendes Rodrigues

Lúcia Paula Matos Ximenes

Raimundo Evandro Ximenes Martins

# VIVÊNCIAS

I Antologia da Academia Groairense de Letras e da  
Academia Forquilhense de Letras e Artes

Sobral - CE

2023

Editora

**SER  
TÃO  
CULT**



Editora  
**SER  
TÃO  
CULT**

Rua Maria da Conceição P. de Azevedo, 1138  
Renato Parente - Sobral - CE  
(88) 3614.8748 / Celular (88) 9 9784.2222  
contato@editorasertaocult.com.br  
sertaocult@gmail.com  
www.editorasertaocult.com.br

**Coordenação Editorial e Projeto Gráfico**  
Marco Antonio Machado

**Coordenação do Conselho Editorial**  
Antonio Jerfson Lins de Freitas

**Revisão**  
Antonio Jerfson Lins de Freitas

**Diagramação e capa**  
João Batista Rodrigues Neto

**Catálogo**  
Leolph Lima da Silva - CRB3/967

V857 Vivências: I Antologia da Academia Groairense de Letras e da Academia Forquilhense de Letras e Artes./ Edna Maria Mendes Rodrigues, Lúcia Paula Matos Ximenes, Raimundo Evandro Ximenes Martins (Orgs.). - Sobral CE: Sertão Cult, 2023.

190p.

ISBN: 978-65-5421-091-1 - e-book - pdf

ISBN: 978-65-5421-090-4 - papel

Doi: 10.35260/54210911-2023

1. Academia de Letras e Artes. 2. Antologia. 3. Autores cearenses-Forquilha-CE e Groaíras-CE. I. Rodrigues, Edna Maria Mendes. II. Ximenes, Lúcia Paula Matos. III. Martins, Raimundo Evandro Ximenes. IV. Título.

CDD 869.91



## Prefácio

“Verba volant, scripta manent” é uma máxima dos antigos que ainda não perdeu sua força significativa na atualidade. Com efeito, se o pensamento não for externado e materializado, jamais se saberá o que se passa na mente de uma pessoa. E repetindo outro batido provérbio, diz-se que “cada indivíduo é um universo”. E um universo diferente e rico em lições a serem dadas. Todos têm uma vida ímpar com experiências próprias, únicas e distintas, que trazem ensinamentos ou mesmo admiração. E isso deve ser revelado, exposto, documentado e sobretudo legado à posteridade. A singularidade de qualquer pessoa interessa a toda a Humanidade. E isso, esse traço distintivo, que é a singularidade, é um tesouro enterrado no âmago de cada indivíduo, que precisa ser descoberto para a apreciação de todos, pois um tesouro enterrado e escondido não tem utilidade alguma.

A presente antologia tinha e tem como finalidade dar vazão a experiências e sentimentos de pessoas que desejassem exprimi-los sob a forma escrita em diferentes estilos. A Academia Groaírense de Letras (AGL) e a Academia Forquilhense de Letras e Artes (AFLA), sediadas nos municípios de Groaíras e Forquilha, respectivamente, abriram tal empreendimento artístico-literário para o público em geral, mas apelando principalmente para os seus próprios membros, como maneira de estimulá-los à produção literária. Deve-se destacar que os referidos municípios são vizinhos e compartilham entresi a maioria dos clãs familiares que povoam ambas as comunas, destacando-se a Presidente, Edna Mendes, que tem dupla cidadania, isto é, pertence aos dois municípios, motivo pelo qual, além de indiscutível competência, de patente laboriosidade e de ser detentora de notórios dotes artísticos de escritora, veio a ser e é presidente atual dos referidos grêmios.

A rigor, para a consolidação de qualquer sociedade literária, é mister que se tenha uma publicação coletiva de obras, na qual se acolham as diversas expressões do público que almeja atingir. E esta primeira antologia,

que ora se prefacia, tem também como objetivo cumprir essa tarefa, quiçá seja a principal razão de ser desse projeto, pois com tal publicação será revelada à comunidade a missão de ambas as confrarias, que é fomentar a produção artístico-literária. Esta antologia será um marco temporal, porquanto, após sua edição, ambos os sodalícios mostrarão que estão definitivamente constituídos e construídos, e que se encontram de portas abertas para a promoção da cultura literária e artística, tão sequiosa de meios para ser expressa e propagada e tão necessária para fortalecer lindes civilizatórias que, nos dias hodiernos, parecem regredir.

Foi com muita satisfação que observamos várias pessoas atenderem aos reclamos para colaboração com o nosso plano, e não só de nossos dois municípios coirmãos, mas de várias partes do Brasil. Era uma empresa que, quanto ao alcance de seu desiderato, tínhamos um certo ceticismo e sérias dúvidas pairavam na sua concretização. Parecia uma ideia quimérica, pois não se tem notícia de algo parecido nem em outras cidades maiores, como na nossa grande vizinha Sobral. Entretanto, tudo correu de vento em popa, e o pirronismo cedeu lugar a um otimismo materializado nas diversas contribuições artísticas que afluíram copiosamente aos depósitos eletrônicos da comissão organizadora da Antologia.

Calha, à guisa de gratidão e reconhecimento, penhorar sinceras gratulações ao Dr. Domingos Pascoal, homem de incontáveis predicados positivos, que deu início à ideia visionária de realização da presente antologia. Evidentemente que a ideia é de suma importância, mas, sem quem a executasse, não passaria de um plano apenas. Portanto, felicitações à comissão executora, da qual fazem parte Edna Mendes, Paula Matos, Henrique Mendes e o humilde subscritor deste antelóquio. Por fim, dirigimos nossas principais e francas gratidões aos artistas colaboradores, cuja participação foi decisiva e crucial para tornar realidade o intento inicial, e sem a qual a Antologia não passaria de um projeto frustrado.

Que o aforismo “*verba volant, scripta manent*” seja substituído pelo seguinte: “*verba volant, scripta manent et quod impressum est æternum est*” e venham várias antologias, sendo esta a primeira de muitas.

Groaíras, 27 de julho de 2023.

Evandro Ximenes Madeira

# I ANTOLOGIA DA AGL E AFLA

Nosso céu tem mais estrelas, nossas várzeas têm mais flores, nossos bosques têm mais vida, nossa vida mais amores.

Gonçalves Dias

Falar sobre o amor, o céu e as estrelas, a tristeza e a alegria, a paixão, as preocupações da vida e os obstáculos vencidos ou a serem vencidos tornam os escritores seres intocáveis, que emocionam e se deixam emocionar independentemente da idade, do credo ou do caminho percorrido, pois sempre temos algo a falar e, portanto, precisamos registrar para um dia analisarmos o nosso eu, mais íntimo, mais soberano a qualquer época.

Propagar e pôr em prática a ideia do entusiasta escritor Domingos Pascoal de Melo em oportunizarmos e organizarmos a I Antologia da Academia Groairense de Letras (AGL) e da Academia Forquilhense de Letras e Artes (AFLA) foi um desafio, contudo vencido com êxito. Acadêmicos, convidados, crianças e jovens estudantes aceitaram o convite e vieram enriquecer este belo trabalho.

Os diletos escritores teceram em seus textos memórias, desejos, sonhos que entranham em nossa alma aflorando nossa imaginação e aguçando nossas emoções, tornando a leitura um prazer inefável. Nesta ocasião, percebe-se a importância de uma antologia na vida de tantos que almejam ver suas escritas sendo eternizadas e propagadas mundo afora.

São contos, crônicas, poesias, uma variedade de textos que trazem as mais belas e variadas mensagens que o leitor, com certeza, se

deleitará aos lê-los, deixando vir à pele os mais nobres sentimentos. Leia-os com moderação, sem pressa, aproveitando os intervalos no seu dia-a-dia labutar e perceba a importância desta obra para a literatura brasileira.

É através da leitura que seremos transportados momentaneamente para qualquer lugar e, em muitas destas viagens, podemos ficar com aqueles que mais amamos, reviver nossos melhores momentos e sonhar acordados com os corações aquecidos.

Leia e se encante!

Edna Maria Mendes Rodrigues  
Presidente da AGL e AFLA



# Sumário

Sobre os Autores / 15

Fazenda Muriçoca e porque o nome de Muriçoca / 38

*Adauto de Albuquerque Melo*

Heróis groaírenses da II Guerra Mundial / 40

*Adauto de Albuquerque Melo*

Saudades de Groaíras / 41

*Antenor Gonçalves Fernandes*

Sou do Tempo / 42

*Augusto Kays Ximenes Matos*

O crucifixo do Relógio / 43

*Augusto Kays Ximenes Matos*

Vandinha / 45

*Augusto Martins Melo*

Um destino que ninguém pôde evitar / 47

*Conrado José Neto Aragão*

Leitura de Sinais / 49

*Edna Maria Mendes Rodrigues*

Eu, Professora / 51

*Edna Maria Mendes Rodrigues*

Canção do Exílio Groaírense / 52

*Esmeralda Costa da Silva*

Hino da Academia Forquilhense de Letras e Artes (AFLA) / 53

*Evoneida Paiva Mendes*

Recordações / 55

*Francisca Cilene Ximenes Maciel*

Lagoa das Bestas e sua Origem / 58

*Gilberto Alves Feijão*

O sertanejo e o clima / 59

*Gilberto Alves Feijão*

Chiquinha centenária, sim senhor / 60

*José Joab Aragão*

Uma hospedagem paraibana / 62

*José Joab Aragão*

Sexta-Feira da Paixão / 65

*João Avelino Filho*

Vá / 67

*João Avelino Filho*

Monsenhor Ximenes e a AGL / 68

*José Luís Araújo Lira*

“O grande susto - segura o padre, menino!” / 71

*José Mauro de Oliveira*

A escola / 74

*Lúcia Paula Matos Ximenes*

Felicidade / 75

*Lúcia Paula Matos Ximenes*

O Banco da Praça – Uma homenagem a meu falecido pai,

Vicente de Paulo Maciel / 76

*Maria Carmelita Melo Maciel*

Pessoa de Deus / 77

*Maria da Conceição Ximenes Paiva*

Monsenhor Cleano / 81

*Maria das Graças Monteiro Melo*

Predestinados ao Amor / 84

*Maria de Nazaré Rocha Ramos dos Prazeres*

Casarões / 86

*Marliza Duarte Maia da Silva*

Terceira Idade / 89

*Marliza Duarte Maia da Silva*

O filme / 91

*Marliza Duarte Maia da Silva*

A Santíssima Trindade / 93

*Pedro Célio Forte Sampaio*

Seres sencientes —o despertar do direito dos animais / 94

*Raimundo Evandro Ximenes Martins*

Uma lição de mãe / 96

*Raimundo Evandro Ximenes Martins*

O Nordeste / 100

*Raimundo Lira Maciel*

Hora do retorno / 101

*Raimundo Nonato Aragão*

Missa no Trapiá / 102

*Raimundo Nonato Aragão*

AFLA: imortalizando cultura e arte - patronos e acadêmicos em destaque / 106

*Raimundo Pedro Justino de Orlanda*

Muriçoca / 108

*Raul Hélio Feijão*

Groaíras: flores e mel / 110

*Reginaldo Ferreira Rodrigues*

Um homem à frente de seu tempo / 112

*Renato César Aragão Mendes Júnior*

Tributo ao patrono da cadeira nº 04 da Academia Forquilhense de Letras e Artes – AFLA, Francisco Araújo Torres / 114

*Zuila Madeira Albuquerque Paixão*

Tributo ao patrono da AFLA - Academia Forquilhense de Letras e  
Artes Monsenhor Sabino Guimarães Loyola / 118

*Zuila Madeira Albuquerque Paixão*

O Homem, o Amor e o Direito / 122

*Alessandro Buarque Couto*

A Magia do maestro / 124

*Antonia Roza de Aguiar Menezes*

Tudo eu faria / 125

*Antonia Roza de Aguiar Menezes*

Apreendi tanto e mais tanto nos tapas que a vida deu / 126

*Antônio Charles Melo Feijão*

Dias / 127

*Dinorá Melo Ximenes Martins*

Kariboka / 129

*Francisca Geane Souza Oliveira*

Por que não sou cristão e sou moralmente são / 130

*Francisco Daniel Sousa*

Um ser especial / 132

*José Teles de Menezes Sobrinho*

Sorriso de mãe / 133

*Leunira Batista Santos Sousa*

O sino / 134

*Regis Luís Machado Melo*

Aconteceu lá no Sertão do Daniel / 136

*Sônia Lúcia Alvares Fernandes*

Meu pai / 141

*Zumira Martins Melo*

Eu e o tempo / 143

*Zumira Martins Melo*

Sempre ao meu lado / 146

*Ana Beatriz Albuquerque Mendes de Vasconcelos*

O Brasil dos meus sonhos / 147  
*Ana Beatriz Albuquerque Mendes de Vasconcelos*

A vida que levo e a que levarei / 148  
*Ana Beatriz Albuquerque Mendes de Vasconcelos*

A cadeira mágica – 2 / 149  
*Evison da Silva Soares*

Um passeio muito legal / 150  
*Evison da Silva Soares*

A flor indelicada / 151  
*Flávia Rislaine Carvalho De Jesus*

Nordeste / 152  
*Flávia Rislaine Carvalho De Jesus*

A Voz do Silêncio / 153  
*Gabriele Vasconcelos Paiva*

História do pobre ao milionário / 154  
*Guilherme Nathan Lima da Conceição*

Família na escola / 155  
*Guilherme Nathan Lima da Conceição*

Carta aberta à Saúde / 156  
*Isabela Silva da Hora*

Maria Bonita / 156  
*Isabela Silva da Hora*

A Comunidade Colônia / 157  
*Janaine da Silva Santos*

São João / 158  
*Janaine da Silva Santos*

O mundo está doente / 159  
*João Pedro Braga Melo*

Tempos de criança / 160  
*José Hyago da Silva Farias*

Carrossel / 161

*Júlia Beatriz Carvalho de Menezes*

Povos Indígenas: Minha Preocupação / 162

*Kaio Marques Borges de Sousa*

Amor / 163

*Karen Terezinha Alves Albuquerque*

A Amora / 164

*Luís Felipe de Aguiar Menezes*

Problemas Sociais / 165

*Maria Amanda Alves Melo*

Meus Desenhos / 166

*Maria Clara Dias Prado*

Grito de Mulher / 167

*Maria de Fátima dos Santos Pereira*

Os animais / 168

*Maria Helena da Silva Rodrigues Silva*

O menino sonhador / 168

*Maria Helena da Silva Rodrigues Silva*

Terra de Encantos / 169

*Maria Stefany da Costa Oliveira*

Mãe Querida / 170

*Maria Stefany da Costa Oliveira*

Arte / 171

*Maria Taysla Silva Sá*

Carta de Amor / 172

*Maria Taysla Silva Sá*

Minha maior saudade / 173

*Marília Damasceno Sousa*

O Sofá / 174

*Micaely Ludhimila Santos de Lima*

A Família na Escola / 174  
*Micaely Ludhimila Santos de Lima*

A girafa e a zebra / 175  
*Natanael de Santos Silva*

O tigre e o rato / 177  
*Natanael de Santos Silva*

Família na escola / 178  
*Priscila Lopes da Silva*

Felicidade / 178  
*Priscila Lopes da Silva*

A Princesa Audrey / 179  
*Rayane Pereira Paiva*

É Preciso Doer em Mim! É Preciso Doer em Nós! / 183  
*Raphaelly Vasconcelos dos Santos*

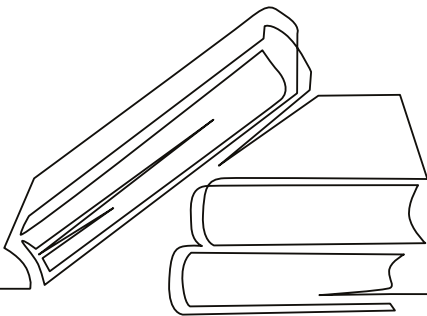
O valor da leitura / 184  
*Rauanny Memória Feijão*

Batalha do viver / 185  
*Rich Dhastin Martins dos Santos*

Reinado Cangaceiro / 186  
*Rich Dhastin Martins dos Santos*

A Vida / 187  
*Sandy Melo dos Santos*

Futebol Feminino / 188  
*Valentina Hermínia Almeida Menezes*





## Sobre os Autores

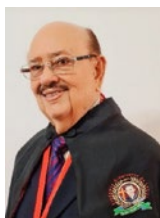
### Acadêmicos



#### **ADAUTO DE ALBUQUERQUE MELO**

O acadêmico nasceu em 27 de junho de 1940, na Fazenda Muriçoca, zona rural de Groaíras. Filho de Francisco Cassemiro de Albuquerque e Maria do Nazaré de Melo. Casou-se com Maria Alves da Mota, em 1966, aos 26 anos de idade. Do matrimônio, tiveram 8 filhos.

Adauto foi cabo do Exército Brasileiro, onde recebeu Certificado Exemplar de Conduta. Ingressou na vida política em 1966, tendo sido vereador por dois mandatos e vice-prefeito por três mandatos. No dia 06 de fevereiro de 2001, sua esposa faleceu, deixando-o viúvo. Em 2017 entrou na Academia Groairense de Letras.



#### **ANTENOR GONÇALVES FERNANDES**

Poeta, escritor, Capitão do Exército Brasileiro, formado em Odontologia, filho de Antônio Gonçalves Rosa e Izaura Fernandes Rosa, natural do Cariré-CE. Marido, viúvo de Maria Amélia A. Fernandes, com quem foi casado por 66 anos. Publicou, em 2016, seu livro *Memórias* e está em vias de publicação de mais 3 obras:

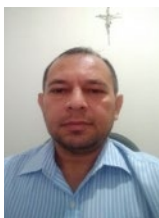
*Memórias II*, *O Variante* e o *Variante II*. Pai de 5 filhos, avô de 9 netos e 1 bisneto. Ingressou na Academia Groairense de Letras – AGL em 2017, onde ocupa a cadeira de N° 02, como membro correspondente do Rio de Janeiro. Atualmente, está residido em Recife-PE.





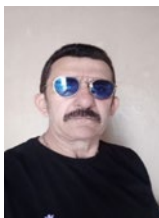
### **AUGUSTO KAYS XIMENES MATOS**

O acadêmico nasceu em Sobral no dia 12 de novembro de 1986. Filho de Lucilene Ximenes Matos e de Manoel Sebastião Ximenes. Morou nas localidades de Pará, Córrego dos Matos e depois no Poço das Pedras. Nesse último local, a família ficou até o início da década de 90, vindo a se fixar na sede da cidade. Foi nesse contexto da cidade que iniciou os trabalhos e os estudos. É graduado em Filosofia pela Universidade Vale do Acaraú (UVA) em 2004. Em 2010 foi aprovado para o curso de Psicologia da Universidade Federal do Ceará (UFC). É proprietário das Lojas Princesa e Membro Efetivo da AGL (Academia Groairense de Letras).



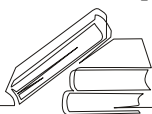
### **AUGUSTO MARTINS MELO**

O acadêmico é Historiador, Especialista em Desenvolvimento com o Meio Ambiente e em Teoria e Metodologia da História; Advogado: Especialista em Direito Previdenciário e em Direito e Processo do Trabalho; Ex-vereador, 2005/2008; Ex-secretário de Infraestrutura de Groaíras, 2009/2012; Primeiro Procurador da Secretaria da Educação Básica de Groaíras-CE, 2017/2020; Autor do Estatuto dos Servidores Públicos do Município de Groaíras-CE, 2018; Músico amador: ex-integrante da primeira banda de música do município, Banda Manoel Machado Araújo. Acadêmico da AGL, Cadeira 06; Primeiro secretário-geral da AGL; Um dos coautores de “Groaíras Nosso Pedacinho de Chão”, 2017, obra capitaneada pelo saudoso Raimundo Nonato Ximenes.



### **CONRADO JOSÉ NETO ARAGÃO**

O acadêmico é compositor, cantor e poeta brasileiro. Nasceu na Fazenda Amazonas, em Forquilha - Ceará, no dia 19 de outubro de 1959. É filho de Joaquim Conrado Aragão e Francisca Gomes de Loiola. É Técnico Industrial; Medicina e Segurança do Trabalho. Enquanto Membro Efetivo da Academia Forquilhense de Letras e Artes – AFLA musicou o “Hino Oficial da AFLA”. Em 2020 lançou seu primeiro Álbum na Plataforma Spotify. Publica, mensalmente, composições inéditas na Revista Atração.





### **ESMERALDA COSTA DA SILVA**

A acadêmica é professora, escritora e poetisa cordelista. Pós-graduada em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira e Africana (URC e graduada em Letras/Português (UESPI). Leciona língua portuguesa em turmas de 8º e 9º ano da rede municipal Campos Sales (CE). Recebeu o título de cidadã groairense em 07 de outubro de 2021. Autora da coluna Cordel Brasileiro na plataforma Virtual Facetubes. Membro correspondente da AGL - Academia Groairense de Letras.



### **EVONEIDA PAIVA MENDES**

A acadêmica nasceu em Salgado dos Mendes, Forquilha-CE, em 13 de agosto de 1967. É filha de Luís Ferreira Paiva e Maria Ivoneides Paiva. É a Secretária Geral da Academia Forquilhense de Letras e Artes (AFLA). Graduada em Pedagogia; Português e Inglês; Especialista em Metodologias do Ensino Fundamental e Médio; Gestão, Planejamento, Avaliação e Supervisão Escolar. Exerceu cargo público (1986-2022), de Professora. Assim, desempenhou entre outras funções, Gestão Escolar e Orientação de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).



### **FRANCISCA CILENE XIMENES MACIEL**

A acadêmica é filha de Raimundo Martins Maciel e Maria do Socorro Ximenes Maciel, tem 3 irmãos: Francisco, Batista e Sérgio, casou-se com Fco. Edvandro Aragão Melo, teve 2 filhos (Fco. Kauan e Fco. Natan). Estudou em escolas públicas do município, fez faculdade de História, exerceu várias funções, como: Agente de Endemias, Agente administrativo na Secretaria de Saúde, formou-se no Curso de Auxiliar de Enfermagem, Professora do Ensino Fundamental em algumas escolas do município, Professora e coordenadora da Escola Carlos Jereissati, em Sobral, Professora do Ensino Médio na Escola Monsenhor Linhares e membro da AGL. Através de seus trabalhos conheceu os problemas sociais de várias localidades e adquiriu o desejo de ajudar pessoas, ingressando na vida pública no



ano de 2012 como candidata a vereadora, não teve sucesso e tentou novamente em 2016, vindo a ganhar; se reelegeu em 2020, sendo a única mulher neste período a compor o legislativo. Tornou-se Presidente da Câmara Municipal em 2023, exercendo com humildade, gratidão e respeito às leis o mandato dado pelo povo groairense e por Deus. Está em fase de conclusão do Curso Técnico de Enfermagem. Sempre é possível sonhar com fé que dias melhores virão e que podemos fazer a diferença todos os dias.



### **GILBERTO ALVES FEIJÃO**

O acadêmico é natural de Lagoa das Bestas, em Groaíras-CE, reside na Rua Professor Malaquias, 1031, Centro em Groaíras, foi graduado em direito pela UFC em dezembro de 1971, atualmente é escritor, comunicador e jornalista, acadêmico fundador da ASLEJUR – Sobral e AGL – Groaíras e também Conselheiro das

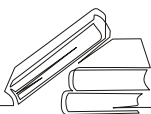
referidas entidades literárias.



### **JOSÉ JOAB ARAGÃO**

O autor nasceu no distrito Trapiá, em 17 de março de 1945. Ocupante da cadeira 01 da AFLA e da cadeira 05 da ASEL. Membro da Associação Brasileira dos Estudos do Cangaço, em Mossoró, RN. Radialista. Manteve colunas semanais no Correio da Semana e na Folha, em Sobral. Licenciado em Língua e Literatura

Portuguesa. Autor dos livros *Debaixo do Alpendre* e *Três Riachos, uma Forquilha*, em parceria com Jeta Loiola. Curso de Língua Francesa UVA. Atividades profissionais: Cia de Eletrificação Centro-Norte do Ceará; Serviços Gerais de Engenharia Ltda: Cia. Hidro Elétrica do São Francisco - CHESF; Banco do Brasil S.A.; Santa Casa de Misericórdia de Sobral; Secretaria de Administração e Planejamento da Prefeitura de Forquilha.





### **JOÃO AVELINO FILHO**

O acadêmico nasceu em 26 de agosto de 1958, empresário, casado, residente em Groaíras, Ceará, filho de João Avelino de Carvalho e Maria Otília de Jesus. É poeta, escritor, artesão e membro efetivo da AGL - Academia Groairense de Letras.



### **JOSÉ LUÍS ARAÚJO LIRA**

O acadêmico é advogado, mestre, doutor, com pós-doutorado em Direito; professor titular do Curso de Direito da Universidade Estadual Vale do Acaraú, desde 2005, de forma efetiva, tendo lecionado um semestre em 2004 como substituto. Na UVA é diretor Adjunto do Centro de Ciências Sociais Aplicadas e dirige, ainda, o Museu Diocesano Dom José – Sobral. Fundador da Academia Fortalezense de Letras, Academia Brasileira de Hagiologia, Academia Cearense de Cultura, Academia Sobralense de Letras Jurídicas e do Instituto Histórico e Geográfico de Sobral, do qual é o atual Presidente. Comendador da Santa Sé na nobre e pontifícia Ordem Equestre do Santo Sepulcro de Jerusalém – Lugar-Tenência do Rio de Janeiro e membro da Comissão de Cultura e Arte do Conselho Federal da OAB. Publicou 29 livros.

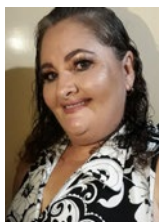


### **JOSÉ MAURO DE OLIVEIRA**

O acadêmico nasceu na fazenda Daniel, no município de Cariré-CE, em 20 de Abril de 1950. Filho do Sr. Luiz Gonzaga de Oliveira e Luzia Gonçalves de Oliveira. Casado com Telma Sandra de Oliveira. Pai de Grayceanni Kelly Oliveira e avô de Marcio Cleiton dos Santos Correia Junior e José Mauro de Oliveira Neto.

Estudou o curso primário na Escola Paroquial Pio XII de Groaíras - CE. Tendo feito os cursos: ginásial e científico no Colégio Estadual Dom José Tupinambá da Frota, em Sobral-CE. Concluiu o curso superior de Estudos Sociais na Faculdade de Formação de Professores de Belo Jardim-PE.





### **MARIA CARMELITA MELO MACIEL**

A acadêmica é filha de Vicente de Paulo Maciel e Francisca das Chagas Melo Maciel, que hoje moram ao lado de Deus. Tem 58 anos de idade, mora em Groaíras, é mãe de Raquel e Marcília e avó de Vitória, Karol e Maria Luiza. Foi funcionária pública durante 30 anos e atualmente é dona de casa aposentada. Foi professora de alfabetização escolar e orientadora social do grupo de idosos, gestantes e de crianças e adolescentes, pela Secretaria da Assistência Social. Em outubro de 2017 ingressou na Academia Groairense de Letras, ocupando a cadeira de número 15, por conta do seu amor em escrever poesias.



### **MARIA DA CONCEIÇÃO XIMENES PAIVA**

Mestra em Ciências da Educação pela Word University Ecumenical, Especialista em Língua Inglesa e em Gestão e Administração pela Faculdade UNINTA. Graduada em Letras Português-Francês pela Universidade Estadual do Ceará -UECE. Professora de Língua Portuguesa da rede estadual do estado do Ceará, lecionando atualmente no município de Groaíras, na Escola Integral de Ensino Médio Monsenhor Linhares. Tantão Paiva é membro efetivo da AGL e autora do livro “*Mãe de Casa e outras memórias*”.

E-mail:tantao\_paiva@hotmail.com



### **MARIA DAS GRAÇAS MONTEIRO MELO**

A acadêmica nasceu no povoado Daniel, município de Cariré-Ceará, em 02 de setembro de 1953. Filha do pedreiro Raimundo Dico Monteiro e da dona de casa Vicentina Monteiro Souza, estudou na Escola Paroquial Pio XII, onde concluiu o ensino fundamental. No Colégio Estadual Dom José Tupinambá da Frota concluiu o ensino Médio. Coursou Direito na Universidade Federal do Ceará, onde também fez curso de mestrado. Em 1975, ingressou na Justiça do Trabalho como Técnica Judiciária e, também por concurso público, na magistratura trabalhista no ano de 1989. Galgou o cargo de desembargador do trabalho no ano de 2003, tendo exercido, ainda, a presidência desse mesmo órgão, dentre outros cargos, como Vice-Presidência do tribunal,

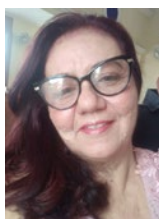


Ouvidora e Diretora da Escola Judicial. Gosta de ler autores das mais diversas escolas literárias, em especial, escritores pós-modernistas.



### **MARIA DE NAZARÉ ROCHA RAMOS DOS PRAZERES**

A acadêmica nasceu em 10 de agosto de 1974, na fazenda Puba, Taperuaba, Sobral, Ceará. Filha única de Moisés Bezerril Rocha e Joaquina Braga Rocha. Aos cinco anos participava de peças musicais na escola, na adolescência atuava em apresentações teatrais interpretando a personagem “Chiquinha”, do programa televisivo “Chaves”. Formada e licenciada em Pedagogia e Letras, Pós-graduada em Educação Especial, atualmente exerce a profissão de professora.



### **MARLIZA DUARTE MAIA DA SILVA**

A acadêmica nasceu em Salgado dos Mendes, distrito de Forquilha-CE, em 24 de dezembro de 1956. É formada em Pedagogia e pós-graduada em Psicopedagogia Clínica e Institucional pela FLATED. É membro efetivo fundador da Academia Forquilhense de Letras e Artes (AFLA), titular da cadeira 19. Ama escrever crônicas.



### **PEDRO CÉLIO FORTE SAMPAIO**

Radialista, Poeta, Compositor e Escritor, um caucaiese, fortalezense e groairense por titulação de cidadania. Membro de algumas Academias e com vasta produção em Cordéis e livros publicados, alguns premiados. Profissional atuando no Rádio e Televisão como apresentador e Repórter.



### **RAIMUNDO LIRA MACIEL**

Brasileiro, aposentado, escritor. Filho de José Paulino Maciel e Marta Alves Pessoa. É membro efetivo da Academia Groairense de Letras - AGL, ocupando a cadeira 23.





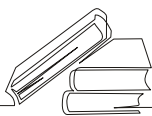
### **RAIMUNDO NONATO ARAGÃO**

É filho de José Conrado Aragão e Amélia Ximenes de Loiola. É membro da Academia Forquilhense de Letras e Artes (AFLA), onde exerce o cargo de Presidente de Honra. Ocupa a cadeira de número 22, a qual tem como Patrono, Paulo Ximenes Aragão, forquilhense também nascido na fazenda Amazonas. É membro da Academia Sobralense de Estudos e Letras (ASEL), onde ocupa a Cadeira de Número 10 e detém o cargo de Diretor de Comunicações. Raimundo Aragão é graduado em Ciências Contábeis e pós-graduado em Contabilidade Gerencial Pública e Privada pela Universidade Estadual Vale do Acaraú. Foi professor na referida Universidade, durante dois anos. Trabalhou no Instituto Nacional de Previdência Social - INPS, Banco do Brasil, CAGECE e foi, durante oito anos, Secretário Adjunto de Cultura e Turismo de Sobral. Durante 12 anos manteve uma coluna semanal no Jornal Correio da Semana, em Sobral. É autor do livro de crônicas “*De Frente para o Norte*”, agraciado em 2011 com o prêmio Milton Dias, em Fortaleza.



### **RAIMUNDO PEDRO JUSTINO DE ORLANDA**

Pedro Orlanda é cearense, escritor, poeta, filósofo e professor. Desde 2020, tenho a honra de compartilhar minhas poesias sobre o amor através do meu livro “*Amor em Versos*”. Meu objetivo é encantar o mundo e trazer mais felicidade através das palavras. Sou Acadêmico Fundador e Efetivo da Academia Forquilhense de Letras e Artes (AFLA). Além disso, sou Efetivo na Academia Massapeense de Letras e Artes (AMLA), na Academia Internacional de Literatura Brasileira (AILB) e associado à Academia Brasileira de Escritores (ABRESC). Tenho a alegria de administrar a página no Instagram @amoremversos.1, onde compartilho meus escritos, levando poesia e inspiração para os leitores.







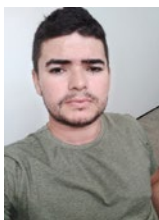
### **RAUL HÉLIO FEIJÃO**

O acadêmico nasceu em Groaíras-CE, onde reside; professor, advogado, jornalista e radialista, casado com Cláudia Memória Feijão, pai da poetisa Rauanny Memória Feijão. Graduado em direito pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA-CE) e especialista em Direito Constitucional pela mesma instituição. Vice-presidente da Academia Groairense de Letras (AGL), onde ocupa a Cadeira de nº 25.



### **REGINALDO FERREIRA RODRIGUES**

Nascido em Sobral-CE, passou sua infância e adolescência na Fazenda Lagoa do Peixe, Groaíras-CE, na casa de seus pais, Francisco Eriberto Rodrigues (*in memoriam*) e Teresa Ferreira Lima. Foi seminarista, é doutorando em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará (UFC), possui licenciatura em Filosofia pela UEVA e atua como professor efetivo de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas na Escola de Ensino Médio e Tempo Integral Monsenhor Linhares, Groaíras-CE.



### **RENATO CÉSAR ARAGÃO MENDES JÚNIOR**

O acadêmico é do distrito de Salgado dos Mendes, Forquilha, Ceará. É filho primogênito de um casal de agricultores. Em 2015 e 2018, conclui o curso de graduação e de mestrado, respectivamente, ambos pela Universidade Estadual Vale do Acaraú. Em 2021, assume como professor efetivo na rede estadual de educação do Ceará. É membro fundador da Academia Forquilhense de Letras e Artes. O sertão semiárido, é minha maior inspiração.





### **ZUILA MADEIRA ALBUQUERQUE PAIXÃO**

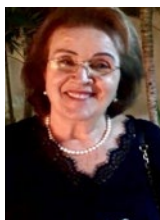
Nasceu em Barra dos Melo – Forquilha-CE - em 29 de março de 1954, é casada e tem uma filha. Escolaridade e Capacitação Profissional: Ensino Superior - Curso de Letras, Curso Especial de Formação Pedagógica e Bacharelado em Ciências Contábeis. Experiência Profissional: Professora de Língua Portuguesa. Tempo de Experiência Profissional: 37 anos. Deixou aflorar a tendência pela Literatura, quando optou pelo Curso de Letras e conquistou uma vaga na Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), tendo tido a terceira colocação na lista de aprovados. No ano de 2021 adentrou à Academia Forquilhense de Letras e Artes (AFLA), ocupando a Cadeira de nº 04.

## **Convidados**



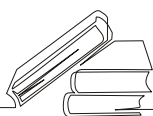
### **ALESSANDRO BUARQUE COUTO**

Doutor em Direito pela Universidade do Museu Social Argentino (UMSA), reconhecido pela Universidade Estácio de Sá. Pós-Doutorado em Direito pela Universidade do Museu Social Argentino (UMSA). Foi Professor das Entidades de Ensino Superior: 1) Faculdade de Aracaju (FACAR); 2) Universidade Tiradentes (UNIT); 3) Faculdade de Negócios de Sergipe (FANESE); 4) Pós-graduação da FANESE; 5) Pós-graduação da Faculdade Amadeus (FAMA); e 6) ACADEPOL/SE. Palestrante em vários eventos jurídicos. O mais importante, Pai de uma filha linda chamada Maria Clara.



### **ANTONIA ROZA DE AGUIAR MENEZES**

A escritora é natural de Propriá – Sergipe. Nasceu em 13 de junho de 1948. É graduada em Ciências Contábeis e Pós-graduada em Comunicação Social e Jornalismo, ambos pela UFS. Trabalhou como Auditora Fiscal do Trabalho (aposentada).





### **ANTÔNIO CHARLES MELO FEIJÃO**

Poeta Charles Melo, como é conhecido, além de poeta é escritor, trovador e cordelista da cidade de Groaíras, no Ceará. Membro fundador e atual presidente da Academia Cearense de Literatura de Cordel (ACLC); Membro da União Brasileira de escritores (UBE - Núcleo Arapiraca-AL); Academia Arapiraquense de Letras e Artes (ACALA); Academia Literária Clube da Poesia Nordeste (ALCPN - Serra Talhada-PE); Academia Lítero Cultural de Sergipe (ALCS - Aracaju-SE); Academia Camocinense de Estudos e Letras (ACEL – Camocim-CE). Poeta Charles Melo já conta com dois livros de poesias publicados, o primeiro, “*Veredas Sertanejas*”, e o segundo, “*Caminhos D’versos*” e vários cordéis.



### **DINORÁ MELO XIMENES MARTINS**

Nascida no dia 29 de dezembro de 2000 na cidade Fortaleza/CE, filha de Maria de Fátima Rodrigues Melo Martins e Raimundo Evandro Ximenes Martins, é acadêmica dos cursos de cinema e audiovisual e de direito. É militante de causas progressistas.



### **FRANCISCA GEANE SOUZA OLIVEIRA**

A escritora é bisneta e neta de parteiras, agricultores, chapeleiras, louceira. Sou professora, poeta, revisora de textos. Autora do livro “*Poeira das palavras repetidas*” (2014). Tenho artigos publicados em Revistas Especializadas em Literatura. Sou defensora da Caiçara, terra do meu Patrono da Cadeira, 11 da AFLA, Joaquim Melo Rodrigues, minha terra gênese; Sou conhecedora de sua história. Sou Graduada em Letras - Habilitação em Língua Portuguesa de Literatura e Pós-Graduada em Língua Portuguesa e Literatura, ambas pela Universidade Estadual Vale do Acaraú-UVA.





### **FRANCISCO DANIEL SOUSA**

O escritor nasceu no dia 25 de julho de 1982 na cidade Groaíras-CE, filho de Maria de Fátima Sousa e Lindoval Rodrigues Paiva, mas foi criado por seus avós maternos, que são: Francisca Ernestina Costa e José Mesquita Sousa, popular “Zé Bento”, casado e pai de três filhos, sendo um deles portador de TEA, Transtorno do Espectro Autista.



### **JOSÉ TELES DE MENEZES SOBRINHO**

O escritor nasceu em Aracaju - Sergipe em 25 de agosto de 1948. Graduado em Ciências Econômicas, pela UFS. Consultor Industrial e Mestre em Economia pela UFPE. Professor aposentado de Economia da UFS, Pró-reitor de Planejamento da UFS. Mestre maçom da Loja Cotinguiba, do Estado de Sergipe.



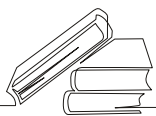
### **LEUNIRA BATISTA SANTOS SOUSA**

Escritora, poetisa e jornalista. Graduada em letras Português/Espanhol pela UNIT. De Professora/Educadora a Auditora Fiscal Tributária da SEFAZ-SE, aposentada. Coautora do livro “*Nossa Senhora da Glória e Sua História*” (1978). Autora do livro “*O Espelho da Felicidade e Asas Poéticas*”. Participou de 75 Antologias com poesias no Brasil e no Exterior, e de 18 revistas com poesias e artigos. Membro Efetivo Fundador da Academia Literária do Amplo Sertão Sergipano (ALAS), cadeira 03. Membro Efetivo da Academia Gloriense de Letras (AGL), cadeira 16.



### **REGIS LUÍS MACHADO MELO**

O escritor nasceu em Groaíras no dia 29 de fevereiro de 1968. É filho caçula de Francisco Albuquerque Melo e Margarida Machado Melo. É professor efetivo da rede pública municipal de Groaíras desde 1997. Foi diretor da Escola Nossa Senhora do Rosário de 2004 a 2013 e da Escola Professora Noélia Ximenes Parente de 2014 a 2020.





### **SÔNIA LÚCIA ALVARES FERNANDES**

Professora, poetisa, escritora e coach em inteligência emocional. Natural de São Luís-MA, quarta filha de Maria Amélia Álvares Fernandes e de Antenor Gonçalves Fernandes, dentista, oficial reformado do Exército e Confrade correspondente do Rio de Janeiro da Academia Groairense de Letras (AGL). Formada em letras pela universidade Estácio de Sá-RJ, MBA em gestão de empresa e RH, Master Coaching e treinamento de gerentes e formações de líderes. Atualmente reside em Recife-PE.



### **ZUMIRA MARTINS MELO**

Professora pública municipal em Groaíras-CE no período de 1971/1975. Assessora Sindical do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Groaíras entre 1976/1982. Servidora pública estadual, datilógrafa, no período de 1982/1996, na Escola de Ensino Fundamental e Médio Monsenhor Linhares, quando se afastou de suas funções, aposentando-se em 2000. Devidamente habilitada, foi convidada para exercer a função de Secretária Escolar na unidade educacional em que se aposentou, função que exerceu até pedir afastamento. Atualmente dedica-se aos cuidados da casa e da família.

## **Estudantes**



### **ANA BEATRIZ ALBUQUERQUE MENDES DE VASCONCELOS**

Ana Beatriz nasceu em Manaus-AM em 16 de julho de 2002. Cresceu em Fortaleza-CE. Teve a sua infância voltada para o estudo e, nas horas de lazer, preferência por passeios na cidade. Aos treze anos participou de um grupo intitulado Jovens Escritores, através do qual as turmas do 9º Ano de sua escola fizeram-se representar, resultando disso as seguintes Produções Literárias Infantis: “*Sempre a meu Lado*”, “*A vida que levo e a que levarei*” e “*O Brasil dos meus sonhos*”. No final de 2019, sua família muda-se para Sobral, onde permanece residindo.





### EVISON DA SILVA SOARES

O autor tem doze anos, estuda o 6º Ano A, no Centro Educacional Zenor Pereira Teixeira. É integrante da Oficina Manhã Literária, coordenada pelo poeta Marcos Antônio Lima, é participante das Antologias: *II Encontro de Escritores Santabrigidenses & Convidados*, *IV Encontro Sertanejo de Escritores e Leitores (ISDEL)*, *Encantos Nordestinos*, *IV Encontro de Escritores e Leitores Montealegrenses & Convidados* e *III e IV Encontro de Escritores & Leitores Portofoelhenses & Convidados*. A sua Madrinha Literário é a Poetisa Patrícia Santos, da Academia Santabrigidense de Letras & Artes (ASLA).



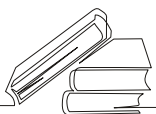
### FLÁVIA RISLAINE CARVALHO DE JESUS

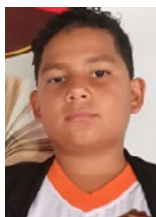
Flávia tem dezessete anos, cursa o 2º Ano A, no Colégio Estadual Luiz Viana Filho, em Santa Brígida-BA. É integrante da Oficina Manhã Literária, coordenada pelo poeta e escritor Marcos Antônio Lima, Presidente da Academia Santabrigidense de Letras & Artes (ASLA). Essa é a sua quarta participação em Seletas Literárias. Flávia Carvalho obteve colocação honrosa no IV Concurso Literário de Monte Alegre de Sergipe e têm como Padrinho Literário, Elton Carlos Magalhães.



### GABRIELE VASCONCELOS PAIVA

A autora nasceu em Sobral, em 28 de setembro de 2007. Vive atualmente em Groaíras. Iniciou seus estudos no colégio Monsenhor Cleano, localizado em Groaíras. No seu 9º ano do ensino fundamental, ela foi aprovada na Olimpíada de Língua Portuguesa com uma crônica autoral. Atualmente, cursa o 1º ano do ensino médio no colégio Monsenhor Linhares. Desde criança, sempre gostou de histórias e escrever. Seus principais interesses e hobbies são literatura, desenho e animação.





### **GUILHERME NATHAN LIMA DA CONCEIÇÃO**

O autor tem 12 anos, estuda o 6º Ano A, no Centro Educacional Zenor Pereira Teixeira, Povoado Colônia, Santa Brígida-BA. É integrante da Oficina Manhã Literária, coordenada pelo Escritor e Poeta Marcos Antônio Lima (Presidente da Academia Santabrigidense de Letras & Artes – ASLA), é participante do IV Concurso Literário de Monte Alegre de Sergipe, e tem como Padrinho Literário o Produtor Cultural Pedro Son, da ASLA.



### **ISABELA SILVA DA HORA**

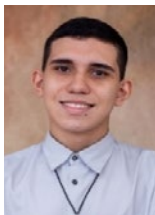
Isabela nasceu em 28 de março de 2009 na cidade de Campina Grande, na Paraíba, e tem 14 anos. Filha dos agricultores Edvaldo Maurílio da Hora e Apoliana Suênia da Silva Gomes. É aluna do 9º Ano A do C. E. Z. P. T, Povoado Colônia. É Integrante da Oficina Manhã Literária, coordenada pelo Escritor e Poeta Marcos Antônio Lima. Frase: *“Eu sei que te inspiro, baby”*. Seu Padrinho Literário é o poeta repentista Zé Santana (Vice-presidente da Academia Santabrigidense de Letras & Artes - ASLA).



### **JANAINE DA SILVA SANTOS**

A escritora tem doze anos, cursa o 7º ano do Ensino Fundamental no Centro Educacional Zenor Pereira Teixeira, Povoado Colônia – Santa Brígida-BA. É integrante da Oficina Manhã Literária e participante de várias seletas literárias, dentre elas o IV Encontro de Escritores e Leitores Portofolhenses & Convidados, e IV Concurso Literário de Monte Alegre de Sergipe, no qual obteve colocação honrosa. A sua Madrinha Literária é a poetisa Jaqueline Santos da Academia Santabrigidense de Letras & Artes (ASLA).





### **JOÃO PEDRO BRAGA MELO**

O escritor tem 15 anos e é natural de Sobral-CE. Estudante do 1º ano do Ensino Médio na E.E.M.T.I. Monsenhor Linhares. Filho de Izabel Mesquita Braga e Moésio Gonçalves de Melo. Católico, assume a função de acólito na Paróquia N. Sra. do Rosário, em Groaíras-CE.



### **JOSÉ HYAGO DA SILVA FARIAS**

O escritor nasceu em Sobral, no ano de 2008. Cursa a nona série. Sempre foi curioso e procurava o significado daquilo que desconhecia. Essa curiosidade foi fundamental para as conquistas que obteve até agora. Parte desses méritos “devo aos meus pais”, que sempre o incentivaram a ir além, tirando-o da sua zona de conforto. Todo o seu caráter e valores vêm deles, e esses são, com certeza, os seus bens mais preciosos.



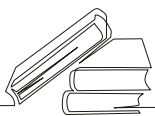
### **JÚLIA BEATRIZ CARVALHO DE MENEZES**

Nasceu em 04 de agosto de 2014, em Aracaju – Sergipe. Estuda o terceiro ano do ensino fundamental, no Colégio de Ciências Pura e Aplicada - CCPA, em Aracaju-Sergipe.

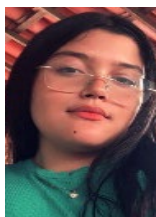


### **KAIO MARQUES BORGES DE SOUSA**

Nasceu no Rio de Janeiro-RJ em 18 de março de 2011. Quando tinha apenas dez anos, sua família mudou-se para o Distrito de Salgado dos Mendes, Distrito de Forquilha-CE. Mora atualmente na Sede do Município. Participou da 2ª Olimpíada Forquilhense de Redação, tendo sido classificado entre os dez primeiros colocados. É aluno do 7º Ano - A da E.M.T.I. Dep. José Parente Prado e sua Produção Textual recebeu o título “Povos Indígenas: Minha Preocupação”.







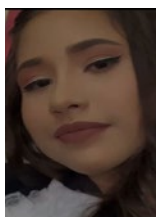
### **KAREN TEREZINHA ALVES ALBUQUERQUE**

Nasceu em 11 de novembro de 2008 em Sobral. Filha de Francisco Alisson Albuquerque e Kélvia Alves Aguiar. Estuda na ETI Nossa Senhora do Rosário, cursa o 9º ano. Há quatro anos começou a escrever poesias, fato que a levou a receber convites para participar de sessões da AGL e apresentar suas composições poéticas.



### **LUÍS FELIPE DE AGUIAR MENEZES**

Nasceu em 08 de maio de 2012, em Aracaju - Sergipe. Estuda o 6º ano do ensino fundamental no Colégio de Ciências Pura e Aplicada - CCPA, em Aracaju – Sergipe.



### **MARIA AMANDA ALVES MELO**

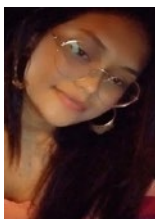
Nasceu em 12 de fevereiro de 2008, em Marechal Hermes, Rio de Janeiro, vive atualmente em Groáiras, Ceará. Filha de Margarida Maria Moreira Alves e Antônio Carlos Rodrigues Melo. Iniciou os estudos no colégio E.E.F José Antônio de Vasconcelos, atualmente cursando o 1º ano do Ensino Médio no colégio E.E.M.T.I Monsenhor Linhares. No ano de 2020 participou como convidada da Antologia do 2º Encontro de Escritores Santabrigidenses & Convidados com a poesia “As flores”. Sempre procura participar de projetos dentro da escola buscando ampliar seus conhecimentos em diversos temas.



### **MARIA CLARA DIAS PRADO**

Maria Clara Dias Prado nasceu no dia 23 de dezembro de 2013, em Sobral-CE. A autora gosta muito de desenhar e inventar histórias e passa muitas horas se divertindo assim e colorindo seus desenhos. Também gosta muito de gatos e costuma criar personagens baseados neles e nas pessoas que conhece. Pensa muito em ser desenhista ou uma dona de uma loja de cupcakes. Sempre foge para seu mundo particular, pois é onde consegue ser a dona das criações.





### **MARIA DE FÁTIMA DOS SANTOS PEREIRA**

Nasceu em 30 de janeiro de 2008 em Santa Quitéria – Ceará. É filha de Divani Caraubá dos Santos e Juca Mendes Pereira. Desde pequena foi uma criança introvertida, calada, mas isso não a impediu de ser uma boa aluna. A escritora cursa o 1º. Médio na E.E.M. Monseñor Linhares e tem vários sonhos, mas o maior deles é retribuir tudo o que os seus pais fizeram e fazem por ela.



### **MARIA HELENA DA SILVA RODRIGUES SILVA**

A autora tem 12 anos, está cursando o 7º Ano A, no Centro Educacional Zenor Pereira Teixeira do Povoado Colônia, Santa Brígida – BA. É integrante da Oficina Manhã Literária, coordenada pelo Escritor e Poeta Marcos Antônio Lima. Maria Helena tem participação em várias Antologias, incluindo o IV Concurso Literário de Monte Alegre de Sergipe, e seu Padrinho Literário é o Escritor Danilo Farias, da Academia Santabrigidense de Letras & Artes (ASLA).



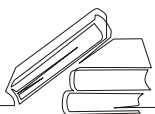
### **MARIA STEFANY DA COSTA OLIVEIRA**

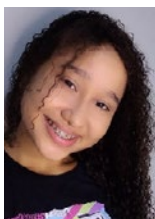
Nasceu em Sobral-CE no dia 08 de setembro de 2010. Seus pais são Francisco da Cruz Silva Oliveira e Benedita Pereira da Costa. Tem duas irmãs e um sobrinho. O que mais gosta de fazer é dançar. A autora cursa o 7º. ano na E.T.I. Nossa Senhora do Rosário. Quando crescer, quer trabalhar na área da saúde como pediatra, psicóloga ou fisioterapeuta.



### **MARIA TAYSLA SILVA SÁ**

Nasceu em Paulo Afonso – BA, é desenhista e escritora, tem 14 anos, estuda o 9º Ano A, no Centro Educacional Zenor Pereira Teixeira, Povoado Colônia, Santa Brígida - BA. É integrante da Oficina Manhã Literária da Academia Santabrigidense de Letras & Artes (ASLA), e participante da II Antologia de Escritores Santabrigidenses & Convidados, que tem como Padrinho Literário, Elton Carlos Magalhães.





### **MARÍLIA DAMASCENO SOUSA**

A jovem Marília tem 18 anos, reside em Groáiras. Gosta de esportes, dançar, ler livros e assistir a bons filmes.

Marília acredita em um mundo onde há mais amor e menos preconceito.



### **MICAELY LUDHIMILA SANTOS DE LIMA**

A autora tem 12 anos estuda o 6º Ano A, no Centro Educacional Zenor Pereira Teixeira, Povoado Colônia, Santa Brígida - BA. É integrante da Oficina Manhã Literária, da Academia Santabrigidense de Letras & Artes (ASLA), e participante da II Antologia de Escritores Santabrigidenses & Convidados, IV Encontro Sertanejo de Escritores e Leitores (ESDEL), IV Encontro de Escritores & Leitores Monte-alegrenses e Convidados, e IV Concurso Literário de Monte Alegre de Sergipe, no qual obteve a 8ª colocação. Micaely tem como Padrinho Literário, o confrade José Mauro Oliveira.



### **NATANAEL DE SANTOS SILVA**

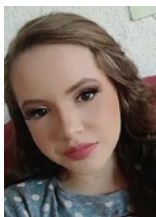
O autor tem 13 anos estuda o 8º Ano A, no Centro Educacional Zenor Pereira Teixeira, Povoado Colônia, Santa Brígida - BA. É integrante da Oficina Manhã Literária, coordenada pelo Escritor e Poeta Marcos Antônio Lima (Presidente da Academia Santabrigidense de Letras & Artes – ASLA). Essa é a sua quarta participação em seletas literárias, sendo que participou do IV Concurso Literário de Monte Alegre de Sergipe – SE, obtendo o 2º lugar na categoria Contos. Natanael tem como Padrinho Literário, o Ativista e Fomentador Literário Dr. Domingos Pascoal.





### **PRISCILA LOPES DA SILVA**

A autora é de Florianópolis, tem 12 anos, é aluna do 7º ano B do C. E. Z. P. T, Pov. Colônia. Integrante da Manhã Literária da ASLA – Academia Santabrigidense de Letras e Artes, com participação no I Encontro de Escritores Santabrigidenses & Convidados; I e III Encontro de Escritores e Leitores Portofolhenses & Convidados; Antologia Natal com Poesia, da Biblio Editora, II Encontro de Escritores Santabrigidenses & Convidados, IV Encontro Sertanejo de Escritores & Leitores (IV ESDEL), Encantos Nordestinos I e II, IV Encontro de Escritores & Leitores Monte-alegrenses e Convidados, IV Concurso Literário de Monte Alegre de Sergipe, no qual obteve a 3ª colocação na categoria poesias. Seu Padrinho Literário é o acadêmico da ASLA, Marcos Silva.



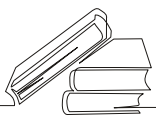
### **RAYANE PEREIRA PAIVA**

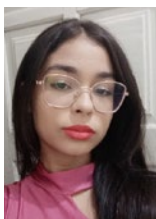
A autora nasceu em Sobral no dia 17 de setembro de 2009. É filha de Tatiane Mota e João Paulo Herculano e tem uma irmãzinha de 6 anos, a Ana Lis. Cursa o 8º. ano na Escola ETI Nossa Senhora do Rosário e está realizando o curso Jovem Brigadista de Valor (JBV). Seu maior sonho é fazer a faculdade de Direito e conhecer Paris junto com sua família.



### **RAPHAELLY VASCONCELOS DOS SANTOS**

A autora nasceu em Fortaleza-CE em 28 de março de 2009. Quando tinha apenas sete anos, sua família mudou-se para Forquilha-CE. Mora atualmente na Sede do Município. Participou da 2ª Olimpíada Forquilhense de Redação, tendo sido classificada entre os dez primeiros colocados. É aluna do 9º ano D da E.M.T.I. Deputado José Parente Prado e sua Produção Textual recebeu o título “É Preciso Doer em Mim! É Preciso Doer em Nós!”





### **RAUANNY MEMÓRIA FEIJÃO**

A autora é nascida no dia 14 de abril de 2010, cursa o 8º ano no Colégio Sant’Ana de Sobral; filha de Raul Hélio Feijão e Cláudia Memória Feijão. Poetisa/escritora, autora de vários poemas, já participou de muitas Antologias e apresentações de suas obras na Academia Groairense de Letras (AGL) e Academia Forquilhense de Letras e Artes (AFLA); colunista da “Revista Atração” na página “Respirando Cordel, Falando Poesia” e apresentadora via podcast de mesmo nome na Rádio Ilumina de Sergipe.



### **RICH DHASTIN MARTINS DOS SANTOS**

O autor tem 15 anos, é aluno do 2º ano do Ensino Médio do Colégio Estadual Luiz Viana, em Santa Brígida, e integrante da Oficina Manhã Literária, coordenada pelo Escritor e Poeta Marcos Antônio Lima. Rich é um versátil poeta cordelista, que obteve colocações honrosas, seja em declamação poética em vídeo, seja em concursos literários. Essa é a sua 4ª participação em seletas literárias. Rich tem como Padrinho Literário o nobre confrade José Mauro Oliveira.



### **SANDY MELO DOS SANTOS**

A autora nasceu no Rio de Janeiro em 08 de fevereiro de 2007.

Filha de Elizângela Paulo Melo e Luciano Lima dos Santos, cursa o 2º Médio na E.E.M.T.I Mons. Linhares em Groaíras-CE. Seu sonho é dar orgulho à sua família e se formar em Nutrição. Nas horas vagas, seu hobby é escrever.

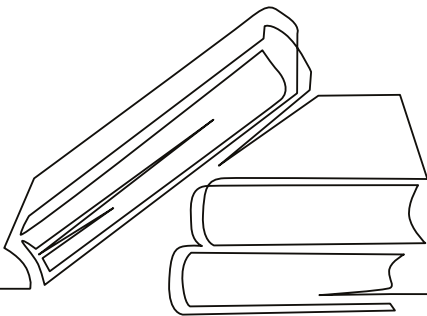


### **VALENTINA HERMÍNIA ALMEIDA MENEZES**

A autora nasceu em 19 de setembro de 2013, em Aracaju - Sergipe.

Estuda a quarta série do ensino fundamental, no Colégio de Orientação e Estudos Integrados - COESI, em Aracaju - Sergipe.



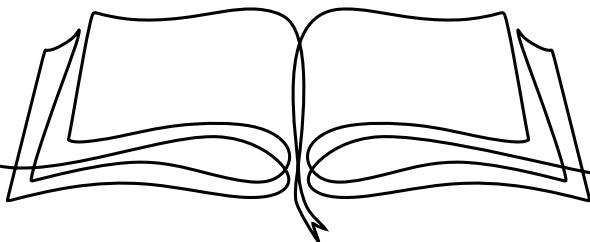


# Parte I

• ACADÊMICOS •

“Leia mil livros e suas palavras fluirão como um rio”

Lisa See



## Fazenda Muriçoca e porque o nome de Muriçoca

*Adauto de Albuquerque Melo*

Esta fazenda era propriedade do casal Vicente Ferreira Freires e Rosalina Freires do Nascimento, os quais tiveram os seguintes filhos: 1º Luís (Sabino) Rodrigues Freires, casado com 1ª esposa: Regina Alves Feijão; e a 2ª esposa: Teresa Rodrigues Santos. 2º Pedro Rosalino Freires, casado com Ernestina Rodrigues Freires. 3º Vicentina Maria da Conceição, casada com Francisco Vicente Feijão. 4º Florinda Rodrigues Freires, casada com Realino de Paiva Dias. 5º Joana Maria Freire do Espírito Santo, casada com Francisco Sales Feijão. 6º Maria Rodrigues Freires, casada com José de Paiva Dias. 7º Francisco Rodrigues Freires, casado com Raquel Fidelix. 8º Rosa Maria Rodrigues, casada com Raimundo Nonato de Albuquerque. 9º Filomena Rodrigues dos Santos, casada com José Calixto de Albuquerque.

Os filhos que receberam herança nesta propriedade, que fizeram residência e constituíram famílias, foram os seguintes: Pedro Rosalino, casado com Ernestina Rodrigues Freires. Luís Sabino, casado com 1ª Regina Alves Feijão; 2ª Teresa Rodrigues Santos. Florinda Rodrigues Freires, casada com Realino de Paiva Dias. Filomena Rodrigues dos Santos, casada José Calixto de Albuquerque, e Rosa Maria Rodrigues, casada com Raimundo Nonato de Albuquerque, que tiveram os seguintes filhos: Francisco Cassimiro de Albuquerque (1918-1998), Francisca Ximenes Albuquerque (1920-1938), Manoel Malaquias Albuquerque (1924), José Ximenes Albuquerque (1928), Maria Cassimiro Albuquerque (1928), Raimunda Ximenes Albuquerque (1930), Justino Cassimiro Albuquerque (1932), Simão Ximenes Albuquerque (1934) e Luísa Albuquerque (1936).





Francisco Cassimiro de Albuquerque foi casado com Maria do Nazaré de Melo no dia 10 de outubro de 1937. Residiam na Fazenda Muriçoca, onde nasceram os quatro primeiros filhos: Tobias Cassimiro Albuquerque (1938), Adauto de Albuquerque Melo (1940), Margarida Albuquerque Melo (1940), Alfa Albuquerque Melo (1941). Já os demais nasceram na Gangorra e em Groaíras, sendo eles: José Albuquerque Melo, Maria Albuquerque do Socorro Ferreira, Antônia Cassimiro Aragão, Maria Nice Albuquerque, Rosa Maria Albuquerque Melo e Maria Natividade Albuquerque Melo.

O porquê do nome de Muriçoca é que, no tempo dos proprietários Vicente Ferreira Freires e Rosalina Freires do Nascimento, existia nesta localidade uma grande mata que até era difícil de se andar nela, pois toda a água da chuva que caía não escorria, mas sim se infiltrava no solo, pelo motivo da grande quantidade de folhas e madeiras encharcadas, o que se tornava um grande hospedeiro e criação de muriçocas, pois as pessoas não queriam nem ir para lá, o que não se poderia nem falar porque entraria bastante muriçoca na boca.

Esta água que ficava presa ao solo era tanta que foi estourar um olho d'água nos terrenos mais baixos, já na propriedade de Antônio Primo e Antônio Ximenes Azevedo, que fizeram até plantio de um canavial e coqueiral, os quais vieram a morrer pelo motivo do desmatamento da referida, para o plantio de roçados. Estes sítios ficavam ao lado da casa que é hoje a fazenda de Adail Melo, antes casa de farinha de Luís Sabino.



## Heróis groairense da II Guerra Mundial

*Adauto de Albuquerque Melo*

No ano de 1945, quando a guerra se propagava na Europa, o Brasil também mandou a sua contribuição bélica e humana em defesa da paz mundial. Hoje, para conhecimento dos nossos jovens e de nossa gente, estou apresentando os nomes dos Imortais Combatentes da FEB, Força Expedicionária Brasileira, nas pessoas de: Sebastião Alves do Prado e Francisco de Oliveira Lima, os quais embarcaram rumo à Itália no 5º escalão, partindo em 08-02-1945, Comandante Tenente Coronel Ibá Jobim Meireles, navio de transporte: General MEIGS. Ficaram em Fortaleza para a próxima leva os soldados: Raimundo Nonato Ximenes, Miguel Rodrigues de Assis, Francisco das Chagas Feijão, Gerardo Carlos de Lima e Francisco Antônio Cassimiro.

Com a rendição total da Alemanha no dia 08 de maio, os cinco últimos não mais viajaram. Os dois primeiros retornaram ao Brasil. Partida de Nápoles: em 12-08-1945, chegada ao Rio de Janeiro em 22-08-1945, Comandante General Cordeiro Farias, navio de transporte: Mariposa (NORTE-AMERICANO).



## Saudades de Groáiras

*Antenor Gonçalves Fernandes*

Minha Groáiras eterna  
Para ti saudades mil  
Tenho você no coração  
Como a maior cidade do Brasil.

Desde os primeiros passos que me pus a caminhar  
Fui logo te conhecendo  
E como tal também dizendo  
É aqui o meu lugar.

Eu me sentia a vontade  
Com meus amigos a brincar  
O sentimento era puro, adorava até o ar  
Achava tudo bom e gostoso  
Como escolher a melhor fruta  
Existente no pomar.

Por forças das circunstâncias muito jovem me ausentei  
Por muitos lugares andei  
Mas por maior que fosse a distância de ti me separar  
Uma verdade era certa: Nunca deixei de te amar!

Tempo este que eu te falo  
Noventa e três anos atrás, nascido no Daniel  
Trago comigo na mente  
O desejo de ser fiel.

Nunca esquecer as raízes da região em que se cultua a literatura  
de cordel  
E dizer com muito orgulho  
Sou filho da cidade que inspirou uma escritora

Pôr na capa do seu livro o título “Groáiras, a nossa Grogró de mel”.



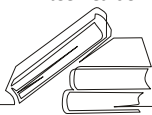
# Sou do Tempo<sup>1</sup>

*Augusto Kays Ximenes Matos*

Sou da hora que o sertão não tinha luz nem água encanada;  
Sou da oportunidade que poderíamos ficar sentados nas calçadas,  
sem medo;  
Sou do tempo que se mandava recado;  
Sou contemporâneo de três papas: João Paulo Segundo, Bento XVI e Papa Francisco;  
Sou da época que se jogava bila, brincava de conto e se descia a rua com carrinho de madeira;  
Sou do período que no parque tinha espalha-brasas;  
Sou do intervalo que se tomava banho na chuva e de lata d'água no cacimbão;  
Sou do momento de se orientar com estranhos em lugares desconhecidos para ir nos parentes;  
Sou do espaço da bomba rasga-lata e do bombril pegando fogo no São João;  
Sou do ciclo da brincadeira de garrafão, chuta lata e trisca na praça;  
Sou da idade que se usava ficha no orelhão para fazer ligação e se esperava a ficha cair;  
Sou da fase que se fala por vídeo chamada com outra pessoa a quilômetros de distância;  
Sou da ocasião dos carros e motos elétricos;  
Sou do lance da internet e do chatGPT;  
Sou da conjuntura do “sol artificial” para gerar energia;  
Sou um dos milhares de sobreviventes da pandemia de COVID-19;  
Sou do tempo que humano, apesar de todas as mudanças, não deixou de ser humano.

---

1 Texto criado com fins pragmáticos de ser abordado em reuniões da Ótica Princesa, cujo objetivo é melhorar a performance de colaboradores, bem como remodelar comportamentos. Temas sugeridos: as mudanças exigem adaptações; nostalgia; o presente também é bom; técnica de mindfulness (atenção plena) e medo do desconhecido.



## O crucifixo do Relógio<sup>2</sup>

*Augusto Kays Ximenes Matos*

Conta-se que, certa noite, ao escurecer, os objetos se reuniram e resolveram fazer um julgamento para expulsar o Relógio da categoria de objeto, pois à noite, quando todos os objetos descansavam, ele continuava trabalhando para não perder a contagem do tempo e, por isso, era o mais bem cuidado pelo senhor Carlos.

Foi chamado o Livro para presidir o congresso, ele começa:

— Bom, pessoal, boa noite a todos! Como sabem, estamos aqui reunidos para julgar a classificação do relógio enquanto objeto e, para dar andamento, vamos ouvir as partes. Primeiro, vamos chamar a Agenda para fazer a sua acusação.

— Caros objetos - disse a agenda-, o Relógio não deve ser mais tratado como objeto, por ser totalmente diferente de nós. Enquanto nós, durante a noite, ficamos parados descansando, o Relógio trabalha do mesmo modo que durante o dia. Sem falar que ele é o mais antigo de todos e não fala com ninguém à noite, pois o seu trabalho não deixa sobrar tempo. Que objeto é esse que não socializa com a sua categoria? Além disso, quando eu completar um ano, o senhor Carlos me jogará fora e logo comprará outra agenda. Se a Cadeira quebrar, ele a deixa de lado e compra outra, se a tinta da Caneta acabar, ele comprará uma nova. Agora, se for o Relógio que acabar a bateria, ele apenas compra outra bateria e o deixa novinho. Sem falar que o Relógio é

---

2 Texto criado em 2012 com fins pragmáticos de ser abordado em reuniões empresariais, cujos objetivos sejam melhorar a performance de colaboradores, bem como remodelar comportamentos.

Temas sugeridos que podem ser abordados em reunião: Constância no trabalho; Justiça e equidade; Acompanhar as tendências; Controle de grupo.



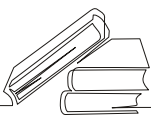
um assassino, pois matou a Ampulheta para implantar a sua ditadura, escravizando os humanos com seus minutos e segundos precisos.

Ao concluir o seu discurso, a Agenda foi aplaudida de pé pelos objetos, e o Livro, com a sua sabedoria, ainda queria ouvir a defesa do Relógio.

— Bom, pessoal, já que ouvimos a acusação, peço silêncio a todos para ouvirmos a defesa do Relógio, que será feita pelo Calendário - disse o Livro.

— Saúdo a todos com uma boa noite - disse o Calendário. Venho até vocês esclarecer algumas dúvidas quanto ao meu amigo Relógio. Todos sabem que nós, os objetos, temos cada um a sua função, umas que exigem mais, outras que exigem menos e, entre nós, aqui, o que mais trabalha é o Relógio. No entanto, vocês estão querendo condená-lo por isso. Eu até concordaria em condená-lo se ele fosse o mais preguiçoso, se ele se atrasasse, se parasse ou se não trabalhasse com tanto esforço e continuamente. Mas se eu, o Calendário, acho difícil contar os meses, imaginem, vocês, ter que contar os mesmos segundos, os mesmos minutos, as mesmas horas, todos os dias do ano, dia e noite, com tanta empolgação e entusiasmo. Eu, que tenho experiência em contar, sinceramente, não queria. É por isso que o senhor Carlos o julga importante. E quero dizer mais, o relógio não é assassino. Vou explicar. Eu sou testemunha de que o tempo existe e, para marcar ele, os seres humanos criaram objetos cada vez mais precisos. Foi nessa lógica que a ampulheta foi inventada - para suprir a minha falha em contar frações. Mas a Ampulheta ainda não era tão dedicada e para isso é que foi inventado o Relógio, com sua cronometragem precisa e sua dedicação integral no serviço.

Ao concluir o seu discurso, o calendário foi aplaudido de pé e, assim, o eficiente Relógio continuou na sua tarefa, recebendo não só o reconhecimento do senhor Carlos, mas agora de todos os objetos.



## Vandinha

*Augusto Martins Melo*

“[...] a própria vida me ensinou que um dos segredos mais úteis para escrever é aprender a ler os hieróglifos da realidade sem bater na porta para perguntar nada” (Gabriel Garcia Márquez, *Viver para Contar*, 2014, p. 396).

Chegou à noite, faceira, rabinho sinalizando intenção de aproximação, possibilidade de contato, troca de afeto. Pretinha, estatura média, rosto animalmente angelical, celebramos nosso pacto com alimento, água e carinho recíprocos, eis os termos do “negócio” bilateral entre homem e uma cadelinha de rua.

Sumia por uns dias, sendo os reencontros eventos de intensa demonstração de afeto, tudo por um pouco de atenção e um punhado de ração.

Fortalecendo-se laços, dei-lhe nome, Vandinha, familiarizando-a, reforçando o compromisso de sempre atendê-la, quando requerido nos limites do possível, nos distanciamentos da triste realidade de um animal de rua, andarilho nato, elemento simbolizador de liberdade nos extremos dos júbilos e intempéries do tempo, do esbaldar do lixo na tentativa de saciar suas fomes.

Não tive como adotá-la. O parco espaço de minha residência já tem latidos, e agora miados, que me enchem de amor e pelo por todos os cômodos, contraponto entre alegria e, inclusive, falta de privacidade diante de tantos olhos vigilantes. São três cadelas e duas gatas.

Dentre idas e vindas, Vandinha passou a ser assistida por um companheiro, um vira-lata “caramelo” possessivo, não aceitando aproxi-



mação da pretendida, sinalizando com rosnado e exposição dos dentes, mensagem clara, como se dizendo: “se vier, morde!”. Apesar do risco expresso, cumpria o pacto com a cadelinha de rua dando-lhe ração, água e carinho, sempre à espreita, vigilante, tentando minimizar os riscos de ataque do cão caramelo.

A visita que se dava em curtos intervalos, sempre à noite, foi se distanciando mais e mais, acreditando, em dado momento, que a amiguinha teria encontrado ou reencontrado um lar.

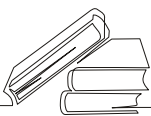
Passado longo tempo, o reencontro com a amiguinha foi desalentador. Veio só. Seu corpo era documento das mazelas do abandono. Magra, esquelética, com claros sinais de alguma doença fatal a consumi-la. Abalado com o estado de Vandinha, reforcei nosso pacto acrescentando aplicação de medicamentos para infestações de carrapatos e outros.

Procurei o poder público. Após longos seis meses, foi feito o teste rápido para detecção da leishmaniose, que deu negativo. Aquele, como que uma versão contemporânea de Pilatos, lavou as mãos.

Vandinha, cheia de dores e sangrando pelo órgão genital, com a ajuda de amigos, a levamos ao veterinário, sendo o diagnóstico imediato câncer, porém, possivelmente tratável. Exames foram requeridos e o material foi imediatamente coletado no corpo do animal, sem qualquer reclamo, apesar das sinalizações de dores. A apreensão se potencializou pela incerteza entre a possibilidade de tratamento ou eutanásia da amiguinha, a depender dos resultados laboratoriais.

Retornando da consulta, a alimentamos e tristemente a devolvemos à liberdade na esperança de encontrá-la em breve. Ela, cheia de limitações, com dores e sem conseguir defecar, consequências da mazela que a consome, desfilou no logradouro no tilintar dos seus ossos, no seu caminhar paralelo com a morte, até que se cruzem e a criatura retorne ao seio do Criador.

Groaíras-CE, 25 de maio de 2023.





## Um destino que ninguém pôde evitar

*Conrado José Neto Aragão*

Gostaria que a história a seguir  
Fosse um mau presságio ou cruel mentira.  
Mas, infelizmente, ela é verdadeira  
E da minha mente, jamais se retira.  
Eu me refiro a um acidente na CE,  
Que liga Sobral a Groaíras.

Quem não crer em carma, destino ou na sorte,  
Com esses meus versos é possível entender.  
Quanto a mim consiste, essa fatalidade,  
Para quem não sabia, dar a conhecer

Um jovem casal, após se casar  
Migra pro Sul pra ir trabalhar.  
Nas idas e vindas, em uma das vezes  
Retornara ao berço, resolvendo ficar.

Estabeleceram-se, sendo pais de uma filha,  
Porém, com seis meses, Deus a recolheu.  
Veio outra criança, que ainda no ventre da mãe,  
No trágico acidente, não sobreviveu.  
Era dia dezesseis, do mês de novembro,  
No ano de setenta e seis.  
Dolorosa data, em que se cumpriu a sina  
Para aqueles três.

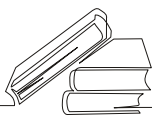


Quando retornavam de uma viagem,  
Destino a Sobral,  
Num trecho da via, o carro tombou  
E, ali, foi fatal!

Corpos estendidos, às margens da estrada,  
Ele agonizava e a esposa, chamava-o aflita, ferida.  
Para um hospital foram conduzidos, tarde demais.  
Bebê e seus pais perderam suas vidas.

Presente eu estava, na ocasião.  
O clamor partia meu coração!  
Minha mãe chorava, doíam seus ais,  
Pois, aquele rapaz era meu irmão!

Nenhum descendente conosco ficou.  
Daquela família somente restou:  
Lembrança, saudade, tristeza e dor.



## Leitura de Sinais

*Edna Maria Mendes Rodrigues*

Em 03 de dezembro de 2020, nossa mãe nos anunciou que havia comprado uma passagem para fazer uma viagem, mas não nos avisou a data e o destino. Ela sempre foi muito independente, de decisões seguras, por isso não questionamos. Cuidamos, ficamos atentos, pois ela insistia, mesmo aos seus oitenta e três anos, em todo dia colocar alguma coisa em sua mala de viagem.

Helena, a “neguinha” da família de Chico Conrado e Evangelina, fazia questão de dar pistas sobre o rumo que havia decidido tomar, mas nunca nos revelou o nome do lugar. Então começamos a seguir as pistas. Certo dia, deixei de ser Edna e passei a ser Onésima, a sua irmã; Mirtinha já não era a Mirtinha, e sim, a Raimunda; Edson Filho já não era o Edson Filho, e sim, dependendo das vezes, era Milton ou Domingos. Concluímos então que nós, os filhos, que estávamos mais próximos, havíamos sido colocados na tal mala, portanto seria uma viagem longa, mas havia algo que não compreendíamos. Por que trazer os irmãos? Talvez antes do embarque quisesse reviver os momentos felizes da infância e então, veio a vovó, a Evangelina, a sua mãe.

Em um de seus sonos da tarde, mamãe me surpreendeu com gritos: “Mamãe! Mamãe! Mamãe!” Meio que surpresa com o novo personagem, respondi-lhe:

— Diga, estou aqui!

Ela, com os olhos semicerrados, talvez acordada, talvez dormindo, respondeu-me, prontamente: “Tu não é a mamãe.” Sorri diante da resposta, mas fiquei inquieta com o que havia me denunciado, seria o



meu cheiro ou a minha voz? Ela estava realmente, num tempo bom e queria revivê-lo antes do inevitável embarque.

Em outra ocasião, ao chegar à sua casa, tomei-lhe a bênção e perguntei-lhe pelas novidades e ela não pensou duas vezes e respondeu-me: “– Quem vem chegando é quem traz as novidades.” Então, parti a debulhar minhas novidades de casa, a falar das farturas do inverno, das histórias de Miami e lá ficava ela deitada em sua poltrona a ouvir-me ou pelo menos fazíamos cada uma o seu papel: emissor e receptor; filha e mãe.

Foram dias de lutas, de fisioterapias, de remédios, de massagens, de feridas, de alentos, de alegria por cada novo dia e tendo a COVID-19 se esgueirando por entre nós, mas dormíamos cientes de que ao chegarmos lá, em sua casa, a encontraríamos na confortável e marrom poltrona, mesmo que para passarmos a mão nos seus macios cabelos brancos.

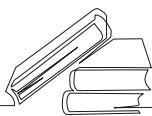
Chegou o dia do embarque e ela não nos avisou, esperou apenas a Mirtinha chegar próximo e partiu sem dar adeus, apenas ... partiu!

Hoje, há sete dias de sua partida, entendemos que Deus foi generoso conosco, os filhos, os genros e noras, os netos, os bisnetos, os irmãos, os sobrinhos e amigos e a manteve conosco por mais 462 dias após Seu chamado para que pudéssemos ter a chance da despedida, que não tivemos com nosso pai, infelizmente, não aprendemos esta lição. O que aprendemos então? É que nunca estamos preparados para nos separar daqueles a quem amamos e que somos pessoas deveras egoístas, por tentar mantê-la aqui, para nossa alegria, sem levarmos em conta a sua situação.

Neste 10 de março, Deus a colocou em seus braços e nem precisou do bilhete de passagem, pois a sua vida terrena deu-lhe como prêmio o Reino dos Céus. Descanse em paz, mamãe! Sempre honraremos o seu nome e o nome de nosso pai.

Helena Mendes Rodrigues

\* 22/08/1938 + 10/03/2022



# Eu, Professora

*Edna Maria Mendes Rodrigues*

Sempre...  
Foi inspiração  
Foi gosto  
Foi prazer  
Foi dedicação  
Foi abnegação  
Foi necessidade  
Foi cansaço  
Foi sonho!

Minha mãe  
Foi inspiração e dela...  
Fui a fã  
Fui aluna  
Fui discípula  
Fui amiga e por ela...  
Tornei-me professora!

O dom floresceu  
E o gosto cresceu  
Corações muito afaguei  
E quantas lágrimas sequei!  
O amor se multiplicou  
Muitos olhinhos encantei  
Com certeza, destinos mudei.

O prazer do fazer  
Fez-me vencer  
Obstáculos diversos  
Noites mal dormidas  
Sem sábado ou domingo  
Suando de segunda a sexta  
Mas vivendo um sonho sonhado.

Do giz ao pincel  
Da caneta ao notebook  
Do caderno ao drive  
Da criança ao adulto  
Do solteiro ao casado  
Dos filhos ao marido  
Dos irmãos aos sobrinhos  
E até dos cunhados  
Fui professora!

Eram as mesmas  
Regras e músicas  
Até o olhar continuou  
Os desejos aumentaram  
As funções mudaram  
Mas o espírito resistiu  
Porque sou professora!

Não importa o tempo  
Aqui fica o doce alento  
O que interessa é a colheita  
Por isto me dou por satisfeita  
Vendo as sementes que plantei  
Bem crescidas e florescidas  
Muitas delas agradecidas.  
Esta sou eu...  
A tia Edna  
A professora na versão escritora.



## Canção do Exílio Groairense

*Esmeralda Costa da Silva*

Minha terra tem primores  
Que eu quero exaltar  
Carnaubais que encantam  
Na magia do olhar.

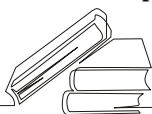
Nossos campos são floridos  
Nosso céu bem estrelado  
Nossos vales são mais verdes  
Nosso solo muito amado.

Nosso clima é tropical  
Tem três rios a banhar  
Vegetação e fartura  
Que eu sempre irei lembrar.

E estando eu sozinho a noite  
Comigo a saudade está  
Minha terra tem primores  
Que jamais encontro cá.

Doce amada Groaíras  
Meu Berço no Ceará  
Em ti encontro primores  
Que não desfruto por cá.

E estando eu sozinho a noite  
Comigo a saudade está  
Não permita Deus que a morte  
Me impeça de voltar lá.



# Hino da Academia Forquilhense de Letras e Artes (AFLA)

*Evoneida Paiva Mendes*

## **REFRÃO**

Altiva AFLA, berço cultural.  
Em teu cerne emerge inspirações.  
Desenvolve a língua maternal (Repetir)  
Refletida em nossos corações. (Repetir)

## **I**

Academia Forquilhense de Letras e Artes,  
De imensurável e imortal princípio.  
Valorizando a história e arte local,  
Entre vultos históricos do município!

## **II**

Em literária confraria forquilhense,  
Ergueu-se a AFLA, grandiosa e imponente.  
Florescendo sonhos e idealizações,  
Com as memórias e cultura dessa gente.

## **REFRÃO**

Altiva AFLA, berço cultural.  
Em teu cerne emerge inspirações.  
Desenvolve a língua maternal (Repetir)  
Refletida em nossos corações. (Repetir)



**III**

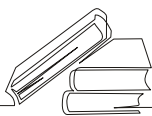
Sustentada por pilares da equidade,  
Aspirando impetrar o bem comum.  
Membros ditosos, em placidez e liberdade,  
Têm a AFLA, plenamente, em cada um.

**IV**

Salve, ó AFLA de eruditos escritores, De artistas inspirados na poesia!  
Refletida nos patronos precursores, Exultando arte e história em  
harmonia.

**REFRÃO**

Altiva AFLA, berço cultural.  
Em teu cerne emerge inspirações.  
Desenvolve a língua maternal (Repetir) Refletida em nossos corações.  
(Repetir)





## Recordações

*Francisca Cilene Ximenes Maciel*

Às vezes fico a pensar,  
Diante de tantas perfeições e criações  
Por que haver maldade  
Se a felicidade é algo possível  
De sentir, de viver.

Nas férias, em meu sertão  
Da brisa ao amanhecer à cantiga do galo  
No curral, o leite mugido  
Na cozinha, o cafezinho servido  
Com amor bem aquecido.

Meu pai contava dias e horas  
Para as férias em família.  
E para começar a narrar  
Agradecer a Deus em primeiro lugar  
Pela família que me deste  
Por tudo que tenho e sou  
Por cada momento vivido  
Muitas vezes, não reconhecido.

Das brincadeiras divertidas,  
Brigas inocentes entre irmãos  
Do castigo imediato para sabermos  
Reconhecer o significado da desunião  
E o valor do perdão e da união



Das roupas descentes em datas festivas  
Marcadas por belas fotografias.  
Ao anoitecer, ouvindo a música  
Do querido Luís Gonzaga  
Soar no meu sertão

Lembra a paz na escuridão  
Onde a lamparina aquece os corações.  
Dos contos assombrados,  
Histórias engraçadas das botijas  
Da oiticica iluminada

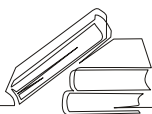
Do compadre lobisomem  
Das rezas que salvam do mal olhado.

Das noites estreladas e a lua iluminada  
Pegando vagalume e guardando no frasquinho.  
Deitados em redes aos balanços  
Sentindo o vento soprando.

Tudo isso vivi com alegria  
De forma simples e humilde  
Para alguns nada significa  
Para mim, são momentos que  
Marcaram a minha vida  
Recordam os ensinamentos de meus pais  
Vivências que nunca serão esquecidas.

Com minha mãe, na educação  
Aprendi a ler e escrever  
A perder o medo de falar  
De levantar ao tropeçar

Na vontade de vencer os desafios  
E a inabalável fé em Deus  
Acreditando que tudo passa,  
Mas as marcas ficam  
E o bem prevalece.



Hoje revivo as recordações  
De momentos difíceis, porém felizes  
De um lugar de memórias

De um homem, pai e amigo  
Que não pensou em si  
Mas no futuro melhor para seus filhos

E disse: se alguém precisar de ajuda  
Não negue!  
Pois o que você dá ao próximo  
Deus lhe dará em dobro.



## Lagoa das Bestas e sua Origem

*Gilberto Alves Feijão*

Na segunda metade do século XVIII, nasceu na Localidade, presentemente denominada “Lagoa das Bestas”, o senhor Francisco Gonçalves Feijão, tendo ali crescido e desenvolvido um trabalho de agropecuarista, comprando glebas de terras e ali criando bovinos, caprinos, ovinos, equinos e suínos.

Nessa área existia um pequeno “caldeirão”, uma espécie de lagoa, local em que os animais saciavam a sua sede.

No início do século XIX, o senhor Chico Feijão, com a ajuda de burros, jumentos e sua família construiu uma parede no referido caldeirão, a fim de barrar mais água, objetivando permanecer com o líquido precioso durante toda a quadra do verão.

Ali começaram a beber, à noite, muitas bestas (éguas), que eram vigiadas, segundo uma lenda, por uma índia, mulher muito bonita de cabelos longos e pretos.

Em decorrência dos fatos acima expendidos, referida localidade foi batizada por “Lagoa das Bestas”, nome este até hoje muito identificado não só no Ceará, como em boa parte do Brasil.

Registro uma curiosidade, daquele lugar saíram vários operadores do direito, como: Dr. Arsiteu Melo Alves, Gilberto Alves Feijão, Domitila Melo Feijão, Domingos Raimundo de Carvalho, Domingos Alves Melo, Fabricio Sousa Feijão e muitos outros que no momento me falha a memória.

De acordo com a história, a família Feijão de Lagoa das Bestas tem origem do patriarca “Chico Feijão”, que foi pai de 16 filhos, todos criados ali, de dois casamentos.



## O sertanejo e o clima

*Gilberto Alves Feijão*

O sertão é misterioso  
Com suas características  
Tudo nele é curioso  
E intriga os cientistas

Semiárido é o clima dominante  
Chuvas irregulares é a prova  
Duas estações confiantes  
Uma seca outra chuvosa

O sertanejo aproveita a chuva  
Com trabalho duradouro  
Para a dificuldade não se curva  
Planta e colhe sua lavoura

No período seco faz o roçado  
Broca, limpa, faz derruba  
Sem ganhar nenhum centavo  
Como é grande sua luta

Mesmo com seu trabalho espinhoso  
E alegre por natureza  
Não mede qualquer esforço  
Faz piada com presteza

Assim vive o homem do sertão  
Luta forte para sobreviver  
Honesto de coração  
Nunca para de sofrer

Em guerra constante com o clima  
Vive o sertanejo com pudor  
Não desespera nem subestima  
E sempre sai vencedor.

*Groáiras-CE, 06 de junho de 2023*



## Chiquinha centenária, sim senhor

*José Joab Aragão*

Para o Célio Cavalcante, radialista,  
sobrinho da Chiquinha

Poucas pessoas em Forquilha sabem onde habita a cidadã Francisca das Chagas Siqueira. O carteiro nunca ouviu esse nome, e talvez, até os barbeiros e motoristas de praça, que sabem quase tudo, jamais conseguiram descobrir, pelo nome civil, o endereço dessa senhora.

Perde tempo e viagem o forasteiro que investigar a moradia da mulher.

Mas se o sujeito chegar e procurar onde mora a Chiquinha Poroca, todos vão indicar a casinha da Vila Nova, construída de taipa, com uma porta e uma janela na frente, de poucos cômodos e com um quintal onde vicejam algumas árvores. Nessa casinha simples mora, desde os longínquos anos trinta, a centenária Chiquinha. Analfabeta das letras, mas alfabetizada pela vida, graduou-se na arte de servir. E, desde tenra idade, tornou-se procurada, e querida, pelas famílias amigas para execução de tarefas domésticas, inclusive no acompanhamento de parturientes e dos primeiros cuidados dos recém-nascidos, hoje mulheres e homens maduros.

Nascida no antigo povoado Campo Novo, terra natal do monsenhor Sabino Loyola, Chiquinha foi, ainda jovem, residir na rua da Vila Nova, atual Davi Ximenes Aragão, e aí montou o seu habitat, de onde se afastará somente quando morrer.

A rainha da Inglaterra, com toda pompa, completou cem anos no dia quatro deste agosto. Todo o país mobilizou-se, com antecedência de três semanas, nas comemorações do evento real. A Chiquinha do Forquilha, sem a pompa dos ingleses, mas com o carinho dos conterrâneos, comemorou o seu centenário no dia dezessete deste agosto, sem festejos prévios ou posteriores.



Aconteceram no dia certo, ou melhor, na noite exata. Com um vestido azul, especialmente confeccionado para o acontecimento, teve direito a missa concelebrada pelo padre Moésio e monsenhor Sabino, com a igreja repleta de amigos. Da igreja para casa teve séquito com a banda de música de Meruoca e interdição de rua e registro da TV Verdes Mares.

Quando as vizinhas tentavam, a muito custo, calçar os sapatos, frutos de um presente, nos pés enrugados, ela protestou:

— Para que isto? Em toda a minha vida, com cem anos de idade, nunca calcei sapato, por que vocês agora estão querendo botar isso nos meus pés?

E foi para a igreja calçada com os seus antigos chinelos.

Embora parecessem manifestações prestadas a vultos importantes do poder, a festa foi espontânea, natural, sem conotações interesseiras. E nem poderia haver tais interesses porque o patrimônio da homenageada não ultrapassa o montante formado pela casinha onde mora, uma aposentadoria e um mobiliário menor, de onde se destaca um pote de barro, construído em 1914, herança do seu pai, Luiz Henrique de Siqueira, conhecido por Luis Diogo, e que serviu para matar a sede de comboieiros que se deslocavam da região do Campo Novo para as serras do Rosário e da Meruoca.

Com saúde de ferro, alimenta-se normalmente. Masca fumo e ainda se lembra dos goles de pinga que bebeu até os oitenta anos.

Nunca fez mal a ninguém. Vive na paz de Deus e na amizade com os vizinhos.

A Chiquinha centenária, de viver modesto, com certeza serve de exemplo para os homens e as mulheres que não têm tempo para refletir que a vida pode ser boa quando valorizamos as coisas simples, por mais simples que possam parecer.

26.08.2000



## Uma hospedagem paraibana

*José Joab Aragão*

Nos meados de janeiro de 1968 eu, com os meus vinte e três anos incompletos, fazia parte do quadro de pessoal de uma empreiteira de Fortaleza que construía uma linha de transmissão de energia elétrica entre as cidades de Taperoá e Livramento, no sertão paraibano.

Caídas algumas chuvas, despontavam as primeiras folhas da caatinga que vestiam de verde os garranchos dos tabuleiros, confundidos, em forma e cor, com as bromélias e xiquexiques, crescidos à margem da linha de transmissão.

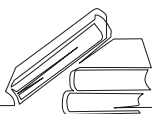
Uma linha de transmissão, de princípio, evita atingir, ao longo do trajeto, núcleos urbanos ou rurais a fim de que os inconvenientes provocados por descargas elétricas não prejudiquem os moradores.

Determinado dia, às treze horas, estávamos, eu e mais dois companheiros concluindo uma tarefa na altura do quilômetro vinte, aproximadamente, quando chegou o engenheiro da obra num veículo. Avaliado o tempo que seria gasto na conclusão daquela tarefa, e da seguinte, combinamos que um carro nos apanharia às 17h30 numa estrada vicinal situada à nossa frente.

Selado o acordo, retornamos ao trabalho.

Concluía a última tarefa, verificamos o erro de cálculo utilizado para a operação de transporte. O ponto combinado situava-se muito além do estabelecido. Identificado o engano, resolvemos apressar a caminhada. Para ganharmos tempo, tomamos atalhos por capoeiras de algodão e veredas de bode.

Anoitecia.





Suados, famintos e cansados, chegamos, às sete horas, no terreiro de uma casa de taipa. Baixa, sem reboco, com apenas uma porta e uma janela na frente, não muito diferente das inúmeras casas sertanejas espalhadas pelo Nordeste afora.

Sentado, num banco roliço de madeira, com as costas amparadas na parede, um casal de namorados; numa cadeira, uma senhora idosa; nos três ou quatro tamboretos restantes, a mesma quantidade de pessoas. Na janela, uma lamparina iluminava o ambiente. Recitada uma saudação de boa noite, a idosa nos informou que ali estivera um carro à nossa procura. Não tendo chegado ninguém, o tal carro fora embora.

Dirigir-se a pé para Taperoá não fazia parte dos nossos planos. Ademais a exaustão recomendava prudência. Decidimos, pois, afastar-nos uns vinte metros da moradia e nos deitar no chão. Com uma capa de chuva, qual travesseiro, forrei a nuca. Olhando para o céu salpicado por pontos luminosos que piscavam festivamente pensei “ouvir estrelas.” Mas captei apenas os trinados dos capotes no poleiro, ao lado da casa. Certamente, Olavo Bilac só *ouvia estrelas*, no seu poema, quando estava de estômago forrado e corpo descansado.

Logo dormíamos. Por quanto tempo não sei.

Sei que, depois de um instante de descanso, uma voz nos acordava com firmeza:

— “*Voceis num pode ficá aí, não.*”

O que fazer? Vamos debandar? Fiquei assustado. Não tinha mais ninguém no pátio da casa. Só o dono da voz, perto de nós. Para agravar mais o quadro, o ultimato foi repetido. Mas, para alívio geral, veio acompanhado do convite de entrada no rancho para uma “*quebra de jejum.*”

Calejado de anos, o sertanejo, dono da voz e daquela casinha, nos dava as boas-vindas à sua maneira.

Uma mesa de poucas tábuas, baixinha, acanhada, rodeada por três tamboretos, sustentava no dorso três beijus de tapioca e duas bandas de rapadura preta que, à primeira vista, pareciam dois pedaços de tijolos de adobe.



Sob a proteção do teto envergado e da aba do chapéu de couro amassado do sertanejo, comemos a iguaria bendita.

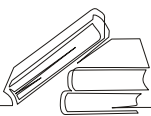
Refestelados, agradecemos a honraria e, quando partíamos para retomar o nosso leite no aceiro do terreiro, o velho protestou: “*não, sinhô. Vossimiceis dromem é aqui mermo.*”

Bem, “*quebrar o jejum*” até que foi possível. Mas pernoitar ali... não conduzíamos redes... a casa muito pequena... “*O senhor já fez muito... não se preocupe,*” falei. “*Nada disso. A casa é pequena, mas os podê de Deus é maió.*” Retrucou amistosamente.

E daí passou à ação. Afastou a mesa e os tamboretas e armou, em ganchos improvisados, três “baladeiras” descoradas pelo uso. Deitado, senti um cheirinho de coisa ardida. Mas com o estômago forrado e mais sonolento ainda pelo avançado da hora, que importância tinha o cheiro exalado da rede amiga?

De manhã cedo nos levantamos. O dono da casa já estava acordado. Agradei-lhe a hospedagem. Tentei ser generoso dando a um netinho, dele, parte do dinheiro que eu conduzia. O sertanejo não permitiu o recebimento da quantia.

Antes de sair, enquanto apanhava a capa de chuva sobre a mesinha, olhei para o interior da casa. Num pé de parede, três pessoas dormiam, placidamente, deitadas no chão.



## Sexta-Feira da Paixão

*João Avelino Filho*

Todos os anos, o Nordeste se fecha numa contrição e aguarda com pudor a divina Semana Santa. Tudo é regido pela fé, pela esperança de que sejam perdoados todos os pecados.

Na minha infância, em casa, cobriam-se os santos dos quadros e demais imagens que pudessem nos encaminhar ao divino. Uma áurea de respeito e resignação pairava no ar. Não se podia cometer nenhum pecado.

A procissão em minha cidade, na tarde de Sexta-Feira da Paixão, ia se formando. Silenciosa. Tudo estava previsto para ser mais uma honra à fé católica nordestina. Mas houve a fatalidade.

Na entrada da rua formavam-se os espectadores à espera da procissão que já se compunha ao lado da Igreja matriz. Entre os espectadores, Chico Raimundo, que tinha parâmetros para isso, era o delegado. Mantinha-se firme na espera daquele que feriu seu coração, inundando-se do amor e da beleza de Rosa, seu grande amor. Haveria vingança e o gajo sedutor haveria de vir e veio...

Na primeira curva, depois da igreja, estava Chico - decido - embora a hora e a situação não favorecessem, mas teria que ser naquela hora. De valentia afamada, Jonas estava certo de sua superioridade e não temia, vestido de linho branco, chapéu de palha com discreta decoração roxa, arma na cinta. Aparentava coragem para enfrentar um batalhão e veio.

Chico Raimundo, tenso e sereno ao mesmo tempo, permanecia imóvel.

“Olha, lá vai passando a procissão, se arrastando que nem cobra pelo chão”.



O rifle reluziu na luz da tarde e o estrondo do tiro, confundiu os participantes.

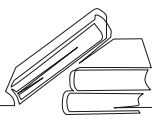
Não podia ser, era dia santo! Chico Raimundo, inseguro do efeito da pólvora e chumbo, sacou o punhal, tinha que terminar a tragédia que havia iniciado e partiu para consumir o ato herege.

Foi desfeita a procissão.

O sangue no linho branco apresentava outra tragédia além do Cristo.

E sereno e calmo, Jonas exclamou:

— Deixe-me ir, toda traição tem seu preço.



## Vá

*João Avelino Filho*

Vá lá e fala  
Do quilo da fome  
Do preço do medo  
Da falta de ar

Do pão que tá caro  
Fala do escarro!  
Da tosse, da febre  
Do prato vazio  
Do desvio do olhar.

Fala da dor tão atroz  
Que cala tua voz.  
Fala do horror  
Que sem pudor  
Te deixa feroz

Fala  
Do filho faminto  
Do destino distante  
Da boca calada  
Da mentira gritante  
Da falta de amar

Do homem no lixo  
Na rua, no frio  
Que mata, do verbo  
Que tá por um fio!  
Seja prolixo  
Sem medo de amar

Fala da rua  
Da tua vida nua  
Não para, continua!!  
Até que assusta  
Quem quer te calar

Fala da fila  
Da mentira crua  
Do trem que não veio  
Do osso, da carne  
cortada  
Do sangue no asfalto  
Que não quer estancar

Fala o que veta e  
oprime  
E te faz ser menor  
Desperta e grita!  
Te joga e mostra  
Que és bem maior.

E na boca da noite  
Sentindo o açoite  
Não cala!  
Vá lá e fala!  
O que tem que falar.



## Monsenhor Ximenes e a AGL

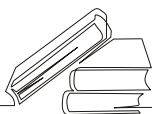
*José Luís Araújo Lira*

Não conheci pessoalmente o Monsenhor Luís Ximenes de Aragão Freire, mas, por sua amizade com meu santo Pároco, Mons. Antonino Cordeiro Soares, conhecia um pouco de sua literatura. Suas cartas jocosas encantavam. Era tanta criatividade que ele parecia um romancista. Alguns personagens eram sempre citados: Mons. Antonino (de Guaraçiaba do Norte), Mons. Moraes (de Ipu), Pe. Lira, Pe. Osvaldo Chaves, Pe. Sadoc de Araújo, Mons. Cleano, patrono da Academia Groairense de Letras. Eram situações inimagináveis envolvendo virtuosos sacerdotes e tanto nos alegram e fazem rir, mesmo sabendo que hoje, eles se encontram na eternidade... As cartas eram escritas para o Mons. Expedito Silveira, que as fazia circular. Citemos alguns casos ou “causos”:

“... É exato mesmo que o Treugeba escreveu ao Santo Padre, pedindo para levar um drama em Cracóvia, em benefício dos Dirigentes do Dia do Senhor de Reriutaba? Estão ensaiando, desde setembro, e o título da peça é A FILHA DO DIRETOR DO CIRCO. Personagens: Moraes, Cleano, dona Maturina (...), Tibúrcio, o ponto; Xandin, o Diretor do Circo; Sanfoneiro, Moésia e, no fim, vão cantar o Líbera em polonês a 5 vozes, Moraes fazendo um solo no pífano...”

“Cleano comprou a botique do Lira e está vendendo agnus-dei, escapulário do Carmo, tijolinho de coco, e refresco. Vai indo, como pobre. Osvaldo fez uma promessa para ir ao Japão visitar o túmulo de São Tomé, que, segundo diz ele, está sepultado lá, desde a Guerra dos Farrapos”.

“... o Mons. Antonino atribui o caso a um mistério. É uma incógnita. Por sua vez afirma o Cleano Tavares que não se trata senão de coisas de adolescentes. Infantilice do diagnóstico”.



“Cleano também está sem emprego. Perdeu na política e anda hoje vendendo jogo do bicho em Groaíras. Dizem que ele quer ir passar um ano na Serra Pelada, a conselho de Dom Coutinho”.

Mons. Ximenes era, também, um poeta, apaixonado por trens. Vejamos um de seus belos poemas.

“Se eu fosse um trem

Se eu fosse um trem, garanto que eu seria  
um trem daqueles velhos trens de outrora!  
A uma estação eu nunca chegaria  
senão depois de ter passado a hora.

O melhor da estação está na espera  
do trem que vai passar e que atrasou.  
Se eu fosse mesmo um trem (ah, quem me dera!)  
eu seria esse trem que não passou...

Eu seria esse trem retardatário,  
cheio de lassidão, trem proletário,  
que o povo espera sempre na estação,

numa esperança sempre renovada  
de que esse trem lhe traga na chegada  
um pouco de alegria ou de ilusão”.

Monsenhor Luís Ximenes nasceu em Camocim, a 5 de novembro de 1926. Filho de maquinista, desde cedo desenvolveu o seu gosto por trens. Foi ordenado sacerdote no dia 30 de novembro de 1952. Foi pároco de Santa Quitéria por mais de 40 anos e respondia pelas atuais paróquias de Hidrolândia e Catunda. Faleceu em 04 de outubro de 1994. Seus restos mortais estão na Igreja Matriz de Santa Quitéria. Sobre seu túmulo lemos na lápide: “Eu sou maquinista/ do trem que vai de/ Santa Quitéria até a/ eterna Jerusalém”. Deixou várias obras



que variam de poesia à história, seja da Diocese ou de trens, sempre com português escorreito e de uma beleza ímpar.

Sua importância para Santa Quitéria é tanta que a Lei Nº 143/94, de 17 de outubro de 1994, instituiu feriado o dia 04 de outubro, alusivo ao DIA DA HOMENAGEM PÓSTUMA AO REVERENDO MONSENHOR LUIS XIMENES DE ARAGÃO FREIRE.

O indiquei como patrono da Cadeira de Sócio Honorário que ocupo, com muita honra, na AGL e o homenageei com o poema “Trem”, em meu livro “*Outros Versos*”:

Trem encantador,  
Aquele que não passou...  
Do Maquinista que nos levaria  
À Jerusalém Eterna!

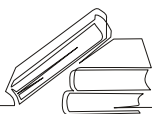
(...)

Trem de passageiros,  
Trem cargueiro,  
Trem de turismo,  
Com apitos saudosos.

Trem encantado  
Vejo o Vagão número sete 13  
Percorrendo os trilhos  
Rumo à Estação de Camocim

Naquele vagão,  
Contempla-se feliz  
Um maquinista tendo ao seu lado  
Um menino que, depois, usando uma batina

Conduziu  
O trem da fé  
O trem que nos leva a  
Deus verdadeiro!





## “O grande susto - segura o padre, menino!”

*José Mauro de Oliveira*

“Como os anjos servindo a Cristo no céu, assim são os coroinhas servindo a Jesus no altar!”

Papa Bento XVI

Tantas épocas que marcam nossas vidas. Algumas têm significação especial. Para mim, as lembranças de 1958 a 1963 reservam-me a pensar que elas precisam ser colocadas no papel, um dia, quem sabe, meus descendentes leiam este capítulo da minha vida e, como em um filme, façam também uma viagem no tempo e consigam chegar àquela época. Fase singela e vivida por um menino magrinho, raquítico, que se dedicava a participar das atividades de sua igreja. O ano de 1958 assinalou-se como o marcador do meu envolvimento com as atividades litúrgicas da paróquia. A influência vinha da minha casa, meus pais eram voltados para os preceitos cristãos do catolicismo. Atravessar a praça, na direção da igreja Nossa Senhora do Rosário, era a rotina de nossas vidas. Eu fazia com alegria, pois queria demonstrar a minha fé. Um dia, recebi do padre Cleano, vigário de nossa paróquia, o convite para me tornar um coroinha. Para quem não sabe, o coroinha auxilia o celebrante quando ele está no altar, durante a missa. Fiquei encantado! Queria exercer com brilhantismo a tarefa de ser um coroinha: transportar os objetos litúrgicos, servir a Deus, em trajes de coroinha, cumprir a missão de levar a galheta com ovinho para entregar ao padre, na hora do ofertório. Tudo era mágico e fervoroso para mim.

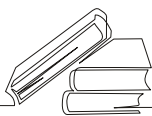
Tanto empenho não passou despercebido aos olhos do padre Cleano. Ele resolveu formar, novamente, uma nova equipe de coroinhas. E eu estava lá entre a turma. Sentia-me honrado, feliz por saber que seguiria em frente, seguiria com o meu sagrado serviço, ode continuar participando das celebrações, missas, novenas e bênçãos. Mas, logo



após oconvite, um susto souo como um entrave. É que naquele tempo, as missas eram rezadas em latim. Então, o que foi motivo de alegria transformou-se em preocupação. “Meu Deus, como vou decorar o texto em latim, eu que quase de nada sei da Língua Portuguesa?”, varava os meus pensamentos em minhas noites de reflexão. Mas como sempre fui de encarar os desafios, desde a minha meninice, aceitei o convite. Mesmo sabendo que o problema seria decorar o texto que compunha a liturgia da santa missa em latim.

Padre Cleano escolheu, para fazer parte de minha equipe, os meus amigos, Célio Luiz Vasconcelos, D’Jovane Augusto Farias e meu primo, Francisco Paulo Monteiro que, posteriormente, tornou-se conhecido em Fortaleza como o professor Pimpão. Meu primo, a quem eu o tratava por Chico Paulo, notabilizou-se na capital cearense pela sua excelência em Língua Portuguesa. Ele era três anos mais velho do que eu. E como era meu amigo, comprometeu-se a me ajudar. Muito inteligente, era mais adiantado que eu na escola, sabia ler e escrevia fluentemente. O método que ele me ensinou para decorar as celebrações em latim proporcionou-me um rápido aprendizado: ao fazer a leitura em voz alta, eu conseguia decorar com mais facilidade. O início da celebração até hoje não saiu de minha memória. O padre exclamava:” Introibo ad altare dei!”. E eu, o coroinha respondia: “Ad deum qui laetificat juventutem meam!”.

Ao perceber que a tática funcionou, meu primo Chico Paulo considerou-me aprovado e foi comunicar ao padre Cleano que poderia me chamar. Eu estava preparado para responderem latim. Durante a minha vida de coroinha, aconteceram algumas situações inusitadas. Uma delas jamais esqueci. Encontrava-me, certa vez, na parte externa da igreja. O vento estava muito forte. Pelo menos, serviria para aquecer os carvões que iriam se transformarem brasas. Os carvões estavam armazenados em um turíbulo. Após a colocação do incenso, no momento exato da cerimônia daquele dia, o incensório deveria soltar bastantefumaça. A intenção era provocar em todos o sentimento de Cristo Vivo. Impressionava-mecomo a fumaça causava um furor envolvente, agradável e que aromatizava toda a igreja.



Outro momento importante aconteceu na sexta-feira da Semana Santa. A procissão do Senhor Morto percorria as ruas da cidade. E lá estava eu cumprindo a missão de acompanhar o andor. Um percurso longo, de mais ou menos umas duas horas. Como coroinha, cabia a mim tocar a matraca. Tarefa que eu considerava dolorosa, pois os dedos da minha mão direita ficavam marcados pela movimentação daquele instrumento tão peculiar.

Outro fato deveras marcante aconteceu no ano de 1962. Foi durante a missa das nove horas da manhã de domingo. Este horário de missa era o preferido pelos moradores do sertão. Como de costume, eu me posicionava ao lado do padre. Naquele dia, o susto foi grande. No instante em que o padre se preparou para o ato da elevação do cálice, observei que ele demorava a fazer o gesto. Observei que ele estava pálido e não piscava os olhos. Eu pensei: “Algo está errado com ele”. Ao mesmo tempo, percebi que ele procurava, com as duas mãos, segurar o cálice. Padre Cleano ficou estático por uns três minutos. Toda a igreja percebeu e silenciou. Os fiéis calaram-se. Eles entenderam que havia um problema. De repente, alguém grita no meio da multidão: “Segura o padre, menino!”. Quando olhei, o padre estava caindo, em minha direção. Assustei-me. Eu, uma criança de 12 anos, raquítica, amparar um homem de quase um metro e 80 centímetros de altura? A minha reação foi a de pular para trás, pois entendi, naquela fração de segundos, que o padre iria me esmagar. Depois de ser socorrido, constataram que ele estava com problemas intestinais. Foi uma situação difícil que eu considero ter sido o primeiro momento de tensão que enfrentei em minha vida.

Quando relembro esses fatos, vem a vontade de voltar a ser aquele menino, um menino que gostava de exercer as suas tarefas de coroinha, um menino que tantas vezes atravessou a praça cheio de alegria em direção à igreja, que tinha o compromisso de ajudar o padre nas celebrações em latim. Quem sabe, ali não foi escrita uma das melhores fases de minha vida? Uma fase de pureza, de aprendizado de valores. Ah, que saudade, como tudo isso me proporciona uma enorme nostalgia!



## A escola

*Lúcia Paula Matos Ximenes*

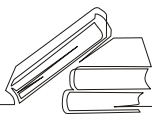
A decoração do ambiente já estava pronta. O café da manhã também. O local para as fotos já estava reservado: um tecido claro ao fundo, a imagem de duas asas e a seguinte frase: “Um anjo chamado Mãe”.

Aos poucos elas iam chegando. Cabelos arrumados, alguns lavados recentemente, ainda molhados. No rosto uma maquiagem, aquela que há bastante tempo estava na gaveta, por não haver motivos para usá-la. O traje, ah! o traje, é aquele que se usa em ocasiões especiais, a famosa “roupa de sair”. O sorriso no rosto completa o semblante de quem aceitou um convite para uma manhã diferente: com alimentação diversificada, brindes, lembrancinhas, alegrias, conversas com amigas e a pose para a fotografia.

O ato de retratar a imagem individual de cada uma dessas mulheres teve um propósito e este obteve o êxito desejado: a elevação da autoestima feminina. Por algumas horas, tudo se transforma, seus fardos se tornam leves, se percebem como mulheres bonitas e valorizadas. Se envaidecem e querem o registro como recordação.

A realidade das mulheres da comunidade de Daniel e adjacências, Cariré-CE, não é diferente de muitas outras. Trazem consigo a realidade da vida sertaneja, sem empoderamento, muitas delas submissas, outras que carregam a cruz das violências físicas, psicológicas, morais, financeiras, e ainda as que assumem a maternidade sozinhas.

A Escola Raimundo Dico Monteiro é pequena em suas estruturas, mas imensa em acolhimento, em proporcionar momentos que vão além do ensino/aprendizagem. A cada evento percebemos a participação da comunidade, como se ali se transformasse num centro de eventos. Um local de encontros, de conversas, de distração...



## Felicidade

*Lúcia Paula Matos Ximenes*

Na sala comprida, com chão de tijolos, paredes sem rebocos e uma altura em que eu me perdia, ele estava lá. Sentado em sua cadeira de balanço, fumando seu cachimbo e assistindo ao programa Som Brasil, apresentado por Rolando Boldrin, em sua minúscula TV “preto e branco”, que funcionava com bateria. Sempre o conheci usando calça e camisa de mangas compridas, em qualquer dia ou horário. Chegávamos, pedíamos sua bênção e a recebíamos acompanhada de um beijo na testa. Aquele gesto terno me fazia muito feliz.

Na cozinha, ela estava ao “pé” do fogão de lenha cozinhando um capote para o almoço, temperado com “pedrinhas” de sal, pimenta e colorau – ainda consigo sentir aquele sabor inigualável. Com a sua voz um pouco rouca e fraca também nos abençoava, fitando-nos com aqueles olhos que mais pareciam dois anis. Os cabelos brancos eram presos por um pente/presilha, em seu corpo esguio um vestido com bolsos frontais, mangas “três quartos”, e comprimento bem abaixo do joelho.

Aos poucos a casa ia ficando repleta de mais netos, filhos, genros, noras. O banho no açude era a primeira programação, o passeio no sítio vinha em seguida. Uma aventura entre árvores frutíferas onde comíamos de tudo e ainda levávamos para casa. Havia muita fartura. Caminhar sob a copa das árvores, sujar os pés nos canais de água que se formavam no solo, por conta da aguação, sentir o cheiro da natureza e o sabor das frutas tiradas do pé foram momentos que proporcionaram uma infância feliz e abençoada.

Os domingos na casa dos meus avós, na localidade de Flamengo, Groaíras-CE, ficaram gravados na alma. Seu Cornélio e dona Auína (Evangelina) cumpriram suas missões aqui no plano terreno, mas continuam vivos em meu coração.



## O Banco da Praça – Uma homenagem a meu falecido pai, Vicente de Paulo Maciel

*Maria Carmelita Melo Maciel*

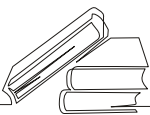
Hoje são tantas recordações! Estou no banco da praça sentada sozinha, pensando na vida de muitas lições. Cantando a música da branca casinha, o vento nas árvores roncando sem rumo. Meu Deus, que saudades de dias atrás!

O companheiro do banco aqui não tá mais. Será que no céu tem banco assim? Será que tem outros vivendo por lá? Eu penso que ele está feliz, saudades não tem. A vida de lá é segredo, ninguém pode contar.

As conversas no banco não têm nunca mais. Os planos da vida ficaram pra trás. O som de cigarra é forte demais. O canto dos pássaros continua também.

Estou eu e o banco, os pássaros, cigarras e o vento, mas do meu lado, ninguém! Mas sei que do lado de lá você está bem. Está tão feliz, uma nova vida começa. Sem dor e sem janelas. Aquele lugar tão sonhado, tão limpo e com flores, chegou...

O cheiro do campo de lindas capinas. Ah! Você sonhou tanto! Está tão feliz, e os anjos correndo pra lá e pra cá. Você virou estrelinha, no céu a brilhar. Seu tempo chegou, não deu pra esperar. Não foi muito longe, você foi pular nos braços de Deus que veio te buscar. A saudade ficou, a felicidade também de um homem honesto que só fez o bem.



## Pessoa de Deus

*Maria da Conceição Ximenes Paiva*

“Pois já forjou o seu sorriso  
E fez do mesmo profissão...”

(Chico Buarque)

Tinha um tipo físico corpulento, estatura de quase dois metros de altura, dentes muito brancos, uma risada gutural que podia ser ouvida de longe. Em nossa cidade, do rico ao mais humilde, todos o conheciam. Estava sempre pelas ruas no Mercado Público de Groaíras, ajudava aos marchantes nas bancas, era gentil e simpático, falava com todos, cumprimentava a mim como “Pessoa” e, ao final da conversa, terminava com um “até logo, Pessoa de Deus”.

Tornou-se gari, e rindo ele varria as ruas do mercado e também as que circundavam a Praça da Matriz, dizendo piadas e brincadeiras, limpava toda a cidade. Depois, com os princípios da Administração Pública, houve mudanças para o ingresso no serviço público, então, como ele era funcionário da prefeitura, era necessário concurso para a referida instituição, por isso indagavam como ele tinha conseguido tal proeza, já que era analfabeto.

“Simples!”, dizia ele fazendo gestos com a vassoura. “Pediram lá na prefeitura: ‘Varra de lado’, eu varri! ‘Varra de frente’, eu varri!” Ao dizer isso, mexia-se todo como se fosse uma dança com a vassoura, para frente e para trás. “Assim tô aqui, funcionário da prefeitura!” - e soltava uma gargalhada.

No 07 de Setembro, tornava-se figura histórica. Os desfiles na cidade eram um espetáculo! Organizados pela professora Zita e tendo Monsenhor Cleano como diretor da Escola Pio XII, era tudo muito glamoroso. Havia as alas dos estudantes com bicicletas enfeitadas de verde e amarelo, porta-bandeiras uniformizadas, parecendo militares,



e os carros ou carroças enfeitados levavam a rainha do milho, a rainha do algodão, como também a miss da escola, todas muito belas. A cidade ficava em festa com os carros alegóricos, tal qual escola de samba! Como havia geralmente a Princesa Izabel em um dos carros ornamentados, sempre era escolhida uma moça bonita da escola, representando a Lei Áurea, em referência à libertação dos escravos. Lá estava ele! Atrelado a cordas e correntes, representando os negros por seu porte e cor de pele. Não parava de rir e sempre ganhava uns trocados extras para uns goles de aguardente após o desfile.

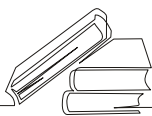
Às vezes, quando estava na sua luta diária, limpando as ruas, passava alguém e ele gritava para a pessoa que iria almoçar na casa dela e, ao final, despedia-se com o bordão “para ver o que pobre come!” – dizia ele, rindo.

De uma feita, estava com amigos conversando na rua cedinho da manhã e seu cunhado vinha ao encontro do grupo, percebendo a presença dele, resolveu mudar de calçada e, ao ser indagado por um amigo o porquê de seu cunhado não lhe cumprimentar e mudar o caminho, disse em um tom de deboche: “Não quis ser compadre dele! Me deu um filho para apadrinhar e eu não aceitei! Esse povo de família é zangado!”

Sempre acordava cedinho, mas nesse dia dissera que não dormira bem na noite anterior e nem em outras noites já havia um mês. Perguntaram a razão de tanta insônia ou seria um problema mais grave, então ele explicou o motivo: “Desde que minha amada, rainha do lar, viajou para o Rio de Janeiro, não consigo pegar no sono pela falta do ressonado dela perto de mim!” – referia-se à sua esposa Rita.

Naquela tarde, ele chegou no bar do seu Javan bem na hora de balançar a cumbuca que faria o sorteio do jogo do bicho, pois era costumeiro o sorteio naquelas horas.

Chegara com vontade de tomar uma dose de cachaça, sem dinheiro, mas não viu ninguém conhecido. Nesse momento, aproximou-se do bar um rapaz recém chegado do Rio de Janeiro, falava com sotaque carioca, puxando “os esses”, o que chamou a atenção dele.





Ele não o conhecia. Esse moço tinha a alcunha antes de ir embora para as terras da Guanabara de “Pão com Óleo”, era natural da localidade das Aroeiras dos Alves, município de Cariré. O jovem pedira uma dose de cachaça no balcão, mas queria um tira-gosto, como não fora atendido, reclamou do bar.

“Se estivesse no Rio, teria um galetto pra tira-gosto! Que lugar atrasado!” – dissera chiando, com sotaque carioca.

Ele, até então calado e com vontade mais forte de “tomar uma”... resolveu pedir ao Pão com Óleo seu desejo de beber uma cachaça.

“Por quê? Nem te conheço! – respondeu Pão com Óleo.

Ele mostrou o braço curtido, musculoso e também começou a dizer que era bom lutador e gabou-se de brigão, que se desse um murro em uma criatura e se ela não caísse, ele mandava cortar o braço com um serrote cego, embora não batesse nem numa mosca.

Pão com óleo, medroso e assustado, pediu rapidamente ao Seu Javan para servir uma dose ao moço forte no balcão.

Ao sair do bar, ele deu aquela risada gostosa tão característica dele e saiu cantando: “eu bebo ninguém tem nada com isso, quem trabalhou pra ganhar o dinheiro foi eu ...”

Esse era Luís Fidelis. Na gestão de Raimundo Antônio Casemiro, prefeito de Groaíras e tendo como governador Lúcio Alcântara, ele apresentava-se como Luís Fidelis Casemiro Alcântara. Aderiu depois ao cognome Guimarães Jereissati, continuando a sua importância na política do município e do estado – Luís Fidelis Guimarães Jereissati.

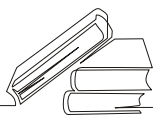
As pessoas da cidade costumavam chamá-lo para fazer vigília nos velórios pois, às vezes, os familiares ficavam cansados e ele prontamente atendia por alguns trocados. Naquela noite, a família enlutada tinha mais recursos e Luís foi presenteado logo cedo da noite com uma carteira de cigarros Calton, uma das marcas mais caras na época.

Luís nunca comprara nem sequer uma carteira de Arizona, marca mais barata. Alguns amigos dele chegaram ao velório e conversando viram, através do bolso da camisa, a carteira de cigarro tão cara e per-



guntaram quem pagou para ele. Com uma risada gutural, Luís respondeu: “aquele abestado ali deitado!” - referindo-se ao morto.

**Luís Fidelis de Sousa. Filho de Raimundo Fidelis de Sousa e Maria do Espírito Santo. Nasceu em Meruoca-CE em 11 de dezembro de 1938. Era casado com Rita Rodrigues Sousa. Faleceu em 15 de janeiro de 2003, em Groaíras.**



## Monsenhor Cleano

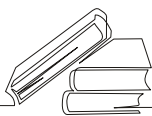
*Maria das Graças Monteiro Melo*

Quem passou a vida em branca nuvem  
E em plácido repouso adormeceu.  
Quem não sentiu o frio da desgraça,  
Quem passou pela vida e não sofreu,  
Foi espectro de homem e não homem,  
Só passou pela vida, não viveu. (Francisco Otaviano)

Conheci monsenhor Cleano no dia em que minha mãe levou-me para assistir a uma missa. Era no período da festa da Padroeira, Nossa Senhora do Rosário de Fátima. Tinha, naquela ocasião, uns sete anos de idade. Ainda vivia exclusivamente no lugar Daniel, a cerca de três quilômetros de distância de Groaíras, e ainda não frequentava bancos escolares. Mesmo assim, era muito curiosa, queria saber os porquês de tudo, e prestava muita atenção a tudo o que se passava ao meu redor. Gostei da missa, e percebi, já naquela ocasião, que vigário mostrava-se extremamente preocupado com os fiéis, comportando-se tal qual o bom pastor a cuidar de suas ovelhas. O sermão foi contundente e as pessoas mostravam-se atenciosas e comportadas, como se concordassem na sua plenitude com todos os seus conselhos e ensinamentos. Ao término da missa, perguntei à minha mãe: “por que todas as mulheres usavam mangas e por que os homens sentavam-se de um lado da igreja e as mulheres do outro lado?” Ela explicou que o uso das mangas pelas mulheres era uma exigência da Igreja, pois, na concepção de monsenhor Cleano, o momento da missa é muito importante. É um encontro com Cristo e, por essa razão, não apenas temos de usar as melhores roupas, mas estar com vestimentas que não demonstrem vulgaridade. Naquela época, as mulheres, com efeito, usavam roupas bem diferentes das que são usadas hoje. Roupas de banho praticamente limitavam-se a comportados maiôs. E quanto ao fato de os homens ficarem num lado da igreja e as mulheres do outro, disse-me



ela que seria uma antiga tradição, sempre presenciara aquele modo de proceder dos fiéis, mas não sabia exatamente as razões. Anos depois, quando atingi a idade de 13 anos, passei a estudar na Escola Paroquial Pio XII. Ingressei no segundo ano do ensino fundamental e, nesse mesmo ano, passei para o terceiro, graças à boa estrutura da escola e sua organização, que era muito bem administrada por Monsenhor Cleano, na ocasião, ainda Padre. Com o compromisso do bom pastor, Monsenhor Cleano geria a escola e conduzia a Paróquia com muita competência e sabedoria. Não media esforços para levar disciplina e largos conhecimentos. Na escola, todas as matérias, a exemplo de Português, Francês, Matemática, História, Geografia, Ciências, eram ministradas pelos mais abalizados professores. Nosso Monsenhor Cleano fazia questão de tratar pessoas muito bem formadas nesses conhecimentos específicos. Mas ele não se contentava com as matérias básicas, pois entendia que o jovem precisava de uma formação plena. Incluiu no currículo escolar muitas outras disciplinas, tais como Educação Moral e Cívica, Trabalhos Manuais. Tivemos até aula de Etiqueta. Aos domingos, por vezes, reunia os alunos na frente da escola, e de lá, todos saíam em filas, como se fosse uma procissão, rumo à igreja, para assistir à missa. A formação religiosa, vista como um ponto de equilíbrio das pessoas, era uma de suas grandes preocupações e, para concretizá-la, muito se empenhava. Tudo o que ele fazia era fruto de muito planejamento, organização e dedicação. E os resultados apareciam, na proporção de suas expectativas. Havia também aulas de Educação Física, e momentos de recreação. Antes do início das aulas, pela manhã, monsenhor Cleano convidava os alunos a ocupar a quadra para o hasteamento da bandeira e canto do Hino Nacional. Ele costumava dizer que todo cidadão precisava conhecer a fundo o seu País e isso começava por conhecer os seus símbolos, por saber a letra do Hino Nacional e cantá-lo muito bem. Ainda hoje guardo na memória esses ensinamentos e procuro segui-los, na medida do possível. Como nosso grande mentor na pequena Groaíras, ainda tão pacata, onde todos viviam em suas casas com as portas abertas para quem ali habitava, Monsenhor Cleano gostava de muita ação, como se quisesse a todo momento nos tirar da monotonia típica das pequenas cidades. Levava avante seus projetos com a colaboração de muita gente, mas ele punha-se à frente de todos



eles. A comemoração do Dia 7 de Setembro era emblemática. Semanas antes, ele nos convidava a ensaiar o desfile da Escola. A ponte do Rio Groaíras era o nosso destino. Saíamos da Escola Paroquial em direção à ponte, sempre marchando como se fôssemos soldados da Pátria. De lá retornávamos, igualmente treinando nossos passos para o grande dia. E assim, no dia 7, havia a grande apresentação da escola. Ainda hoje recebo fotos antigas em que tento reconhecer os colegas marchando perfilados, com a farda de gala. Ao término daquele momento festivo, Monsenhor Cleano sorria de satisfação, deixando que se percebesse um radiante brilho em seus olhos, como se estivesse a nos agradecer toda aquela colaboração e com a placidez daqueles que sentem a satisfação do dever cumprido. E nós, os estudantes, íamos para nossas casas com o coração embevecido de gratidão por termos participado do desfile, mostrando a nossos pais e aos cidadãos de Groaíras, nossa cidade sempre amada, que a comemoração do dia da independência do Brasil é um compromisso cívico, porque independência é libertação e todos nós ansiamos todo dia por ser livres no ir e vir, livres no pensar, livres na nossa maneira de ser. E o Monsenhor Cleano, com todo o seu comprometimento com a formação de sua gente, dos fiéis da Igreja de que foi pároco durante cerca de cinquenta anos, nos deu grandes lições de vida. Ensinou-nos regras de disciplina, de civismo, a importância da religião, com todos os seus valores. Enfim, na condição de um baluarte na educação de gerações de groairenses, ele nos viabilizou crescimento, com a possibilidade de dar grandes voos. Sempre que visito Groaíras, não deixo de ir à igreja, onde conheci monsenhor Cleano, e vou com o objetivo de assistir à missa e também de visitar o local onde se encontra sepultado esse grande mestre. Com certeza todos sentem-se muito bem nessa histórica igreja tão bem conduzida por monsenhor Cleano durante tanto tempo, e que, merecidamente, o acolheu, porque ele foi nosso importantíssimo guia e, como tal, trabalhou muito em prol dos groairenses. Por tudo o que fez, conquistou sua imortalidade. Ao contrário do texto do poeta Francisco Otaviano, monsenhor Cleano não passou pela vida em brancas nuvens, pois foi um homem de muita ação que, por tudo o que fez, deixou entre todos nós, o legado de suas realizações e sua eterna presença, porque ele fez a diferença.



## Predestinados ao Amor

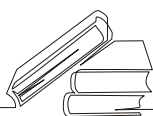
*Maria de Nazaré Rocha Ramos dos Prazeres*

Em um dia ensolarado, nascia às margens do açude de uma vila de pescadores, numa casinha de taipa, o menino Moesés. Era o terceiro filho de seis irmãos, que sempre se destacou por sua personalidade forte, corajosa e determinada.

Quando o guri estava com oito anos de idade, num lugarejo ao lado, nascia a pequena Joaquina, primogênita de seis irmãos. Os pais das crianças eram primos. Com pouco mais de um ano, devido ao desmame ocasionado por uma segunda gestação de sua mãe, a pequena Joaquina precisou ir para a casa de seus avós paternos, que residiam numa fazenda pacata, e o que era para ser temporário, acabou por ser permanente, sendo a menina criada pelos avós paternos.

A menininha cacheada crescia cercada de carinho e mimos dedicados pelos avós e tios, seu primo vinha com a mãe apanhar feijão e milho no roçado perto da casa grande onde a garotinha vivia. Geralmente, acabavam passando para cumprimentar os parentes e às vezes até almoçavam por lá. A pequena comia papa de leite e algumas especiarias diferentes dos demais membros da família e, por ser a raridade da casa, tinha seus privilégios, então quando o garoto, que não era bobo nem nada, estava por perto, ia por trás dela e colocava a colher em seu prato, mas a garotinha logo gritava ofendida e jogava papa no rosto dele.

Os dois foram crescendo paralelamente e logo nasceu um sentimento especial entre eles. Aos dezoito anos, o jovem falou para a moça que ia ganhar dinheiro na capital e no momento que conseguisse juntar um bom valor, voltaria para pedir-lhe em casamento. Joaquina, muito criança, com apenas dez anos, ficou um pouco assustada, mas



jamais esqueceu o compromisso feito embaixo de um pé de juazeiro em frente ao casarão de seus avós.

Assim foi feito, o rapaz viajou e ficou alguns anos trabalhando, juntando suas economias e, como prometido, voltou para casar. Ao chegar, o rapaz comprou um pedaço de chão e construiu uma pequena casinha de pau a pique com alpendre de palha, em seguida foram adquirindo alguns utensílios caseiros e, com ajuda de parentes, conseguiram alguns animais de terreiro.

Moesés e Joaquina casaram no cartório de sua terra natal, ela com o mais lindo dos sorrisos nos lábios e ele com o mais belo brilho nos olhos, enfim tinha chegado o tão sonhado dia.

No ano seguinte, a jovem senhora sofreu um aborto espontâneo, o que a fez investigar e descobrir que seria impossibilitada de segurar uma gravidez. A partir daí o casal perdeu todas as esperanças de se tornarem pais, mas com quase dezenove anos de união conjugal, o amor do casal foi perpetuado com o nascimento de uma linda filha, que mesmo prematuramente, com apenas sete meses de gerada, nasceu saudável e recebeu o nome de Maria devido às promessas feitas por suas avós materna e paterna, as quais ajudaram a trazer a pequena beldade ao mundo.

O casal construiu uma linda história juntos, enfrentando grandes desafios e batalhas. Ele sempre foi um esposo honrado, honesto, humilde e trabalhador. Ela, uma esposa virtuosa, sábia, prudente, religiosa, que além dos afazeres do lar, também batalhou lado a lado ao marido para ajudá-lo na manutenção dos compromissos diários. Numa madrugada triste e fria, no leito de um hospital, Moesés foi acometido por ataque cardíaco fulminante, porém antes, teve um último momento a sós com sua amada esposa Joaquina, em que ele mais uma vez declarou seu amor incondicional, ela, de imediato, o prometeu não mais se relacionar com alguém, na convicção de um dia se encontrarem novamente para eternizarem seu amor e prolongarem até depois do fim.



## Casarões

*Marliza Duarte Maia da Silva*

Existem milhões de casas, mansões e alguns lindos e deteriorados pelo tempo; os chamados casarões. Na minha infância, existiu e existe um grande casarão que pertencia a meu tio-avô, Manuel Mendes Ferreira, irmão da minha avó Firmina, foi uma época da minha infância quase mágica, quando eu curtia minhas férias com minha vó nesse casarão que, por sinal, meus pais chegaram a morar na antiga casinha do casal depois que foi construído o grande casarão cheio de alegrias. Foram muitas pessoas com muito trabalho na construção dos galpões para armazenar todo algodão, mamona e oiticica da época, época do famoso ouro branco, o algodão, como era conhecido. Também havia uma mercearia que fornecia para todo o pequeno vilarejo conhecido como Salgado dos Mendes.

Havia também a lojinha de tecidos, era iluminada a lampião, mas depois, com o tempo, veio a energia através do gerador. Era um senhor casarão, próspero, cheio de riquezas, de donzelas bonitas, de rapazes bem requisitados e de muita animação. Era o centro de tudo no vilarejo, pois lá veio o primeiro radio Semp, a primeira televisão em preto e branco, o primeiro Chevrolet, muitos políticos importantes e amigos queridos que vinham de longe para conhecer e tirar um dedo de prosa. À noite, todos vinham jogar o famoso três-setes.

De lá saíram muitos amores. Muitos se casaram com quem amavam, outros até hoje lamentam não terem vivido seus grandes amores, e outros ficaram solteiros à espera de um grande amor que nunca foi realizado. Lamento por esses que não tiveram a coragem de lutar pelo que seus corações desejaram. Era uma época de muita repressão psicológica e todos tinham medo de enfrentá-la.





Mas não é isso que quero expressar nestas linhas do tempo, o que realmente aconteceu com o nosso casarão? O tempo passou, como passa para todos, e os patriarcas se foram para a eternidade e, com a ausência deles, os filhos foram morar na cidade grande, deixando para trás o gigante do ouro branco. Passaram-se cinco décadas de abandono, se foi toda aquela época de esplendor, beleza e riqueza que o tempo dissipou.

Depois de meio século, um sobrinho comprou e trouxe restauração para o casarão, projetos e vida. Já não era aquele de antes o casarão abandonado, não tinha mais aquele aspecto de outrora, apresentando traços de solidão e abandono. Cheguei a sonhar com uma nova era, cheia de projetos e realizações, de novos horizontes, despontando em cada lindo amanhecer que se seguia, mas o sonho durou pouco, acho que não é dessa vez que o casarão ganhará vida e alegria. Visitei-o mais uma vez, agora recentemente, vi e senti o que eu jamais pensei sentir. Vi mais uma vez um lugar sombrio, escuro e um pouco sinistro. Não tinha mais aquele brilho, não vi vida naquele casarão, só tristezas, lembranças de um tempo que jamais voltará. Lamentavelmente, os seus antigos donos preferem estar lá sem serem incomodados por mais ninguém, acham que só eles foram os donos absolutos daquele lugar e não permitem que seja mais uma vez habitado. Eles estão bem com o cantarolar dos pássaros e aquele silêncio sepulcral que invade todo o local, e esses — os pássaros — são os únicos moradores que eles permitem ficar. Destacam-se o centenário tamarindo e o velho serrote vigiando todo o casarão e dizendo para todos que o tempo é o senhor de tudo, nada trazemos e nada levamos. Com efeito, o justo, ao morrer, seu espírito vai para Deus, ou seja, para o mundo das almas, já aqueles que são apegados aos tesouros terrenos, suas almas ficam aprisionadas às coisas materiais, que em vida eram seu maior tesouro. Tenho a convicção que aquele casarão será apenas uma lembrança de um tempo de glória e que hoje é apenas morada de corujas, morcegos e almas atormentadas.

O casarão do passado era cheio de pessoas alegres e felizes, dava prazer de visitar. Hoje, ninguém consegue nem dormir uma noite ou



até mesmo tomar um banho, receber uma visita, porque os fantasmas estão a dominar toda aquela extensão. Estão lá o esperando, quer você ter esse encontro? Marque e nos conte sua versão. É mais um capítulo a enriquecer a história do nosso velho casarão. Estou aguardando o próximo episódio: como o caminhar no corredor, passar pela porta, a voz do banheiro pedindo para não sair, o aperto do queixo chamando “bonitão”, os grandes raios de luzes entrelaçados, às duas e dez da madrugada, uma mãe, debaixo de uma chuva, ninando seu bebê (como poderia acontecer isso, se lá não existiam pessoas e muito menos crianças?), o fechar de portas e o arrastar de cadeiras. São essas simples coisas que se vê e se ouve, mas estou aguardando o corajoso que nos trará mais experiência, também existe mais um detalhe: dois amigos que foram visitar o casarão e saíram apressados, pois as vozes dos fantasmas não gostaram das visitas. São esses pequenos episódios que estão a mudar o lindo cenário do nosso casarão num lugar esquisito, solitário e apavorante, e quem sabe transformando-o no grande casarão mal-assombrado da Hollywood Cearense?



## Terceira Idade

*Marliza Duarte Maia da Silva*

A vida é muito complexa, passamos pelo tempo ou o tempo passa por nós? De uma coisa tenho certeza, o relógio do tempo é implacável, não atrasa e nem adianta um milésimo da vida à nossa existência, está sempre com o seu ponteiro no tic-tac da nossa vida, marcando cada passo, suspiro, sonhos, esperanças e também as nossas decepções.

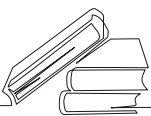
Vivemos três etapas da nossa existência: passado, presente e futuro. O nosso passado nos mostra a nossa história vivida, e não adianta olhar para trás e remoer coisas que não realizamos ou deixamos de fazer, passou é passado, o presente, esse é uma dádiva de Deus, e como diz a palavra, é um presente concedido a nós mortais, que nesse pouco espaço de tempo que nos é concedido, possamos viver intensamente como se fosse o nosso último dia, para amar, sonhar e realizar os nossos mais loucos desejos. O futuro é apenas uma página em branco em nossas vidas, onde não sabemos o que vai ser escrito, o que o destino nos reserva, sabemos apenas que o relógio do tempo continua a trabalhar e quantas horas, minutos e segundos teremos, isto não nos é revelado, temos apenas a certeza de que numa densa neblina ele vai se dissipar.

Enquanto tudo isso não acontece, estou olhando por cima das linhas do tempo, e me vejo assim: alguns anos atrás eu era criança, alguns meses eu era uma adolescente, e alguns dias eu era uma jovem com muitos sonhos a serem realizados. Hoje, sessenta anos, a chamada terceira idade, eu ainda não assimilei que o tempo passou, ou melhor, voou e que hoje eu já tenho prioridades nas filas e outros setores, continuo processando esta nova era da minha vida, como ser humano, ainda continuo aquela jovem sonhadora e aventureira de grandes emoções e belos sonhos.



O sol está por trás das montanhas, tornando assim a tarde bela e chamativa a meditar, como o tempo é o senhor de tudo, e que a vida é um sopro, e que nada podemos fazer para detê-la, nascemos já com o nosso passaporte pronto para a eternidade, o que muitas vezes viajamos sem ao menos aprontarmos as malas da alma e do espírito, felizes aqueles que nascem, crescem e morrem, e conseguem nesse curto espaço de tempo, viver, amar, sonhar, para isto viemos a esta terra, com um único propósito de amar e ser amado, dar, receber e ser feliz.

Lamento por aqueles que não conseguiram esta dádiva do destino, só temos a esperança de que dias melhores virão, de que nossos sonhos serão realizados, de que nossos pesadelos serão esquecidos, e de que continuaremos a olhar pelas janelas do tempo. Desejo que eu consiga realizar alguns dos meus sonhos, conto com vocês, meus amigos: Deus e o Tempo.



## O filme

*Marliza Duarte Maia da Silva*

Sempre falo que o tempo é o senhor de tudo. Hoje estamos gravando o filme “A Volante do Soldado Trinta e três”, num local onde sessenta anos atrás nascemos. Eu agora sou atriz, meu irmão é o cineasta, ambos nascemos aqui na conhecida Hollywood Cearense do barro vermelho, em Salgado dos Mendes, como nominaram os alemães que vieram de tão longe para admirar nossa cultura e nosso trabalho.

Estou olhando a paisagem e lembrando de cada detalhe em cada lugar. Tempos atrás, o casarão, agora abandonado, que abrigara tantas pessoas, algumas ilustres, outras simples, onde toda a comunidade à noite se reunia para jogar o famoso três-setes, havia um grande armazém onde se comprava todo o algodão da redondeza, hoje abandonado, fechadas as portas, e seus donos jazem num mundo onde todos nós iremos um dia.

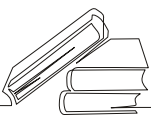
A calçada do casarão onde ficavam todas as donzelas com seus sonhos e amores, admirando a bela e clara lua no céu a brilhar. Hoje, só boas recordações. A grande árvore centenária, o grande e velho pé de tamarindo em frente ao casarão onde todos se reuniam debaixo dos seus frondosos galhos, onde se realizavam brincadeiras, leilões. Hoje, ele ainda permanece, acho que as duas coisas sólidas que ainda o senhor do tempo deixou que ficassem: foi exatamente o casarão e o velho pé de tamarindo, que ainda continuam com sua sombra e seus frutos, onde ninguém mais aproveita essa dádiva da natureza.

Continuo olhando pela janela do tempo e vejo uma casinha de taipa com varanda, onde meu irmão nasceu, mas que hoje só resta o chão batido coberto pelo mato. Em frente do casarão existiam um riacho e mais acima um barranco, onde havia uma casa, a casa da Imaculada,



onde eu gostava muito de brincar. Atualmente, só resta o barranco, e nada mais. O riachinho que corria, com suas águas cristalinas, cheio de pedrinhas rutilantes, que eu gostava de apanhar, hoje é um açude pequeno e cheio de lama.

A verde paisagem e densa floresta que existiam, onde, com minha avó Firmina, procurávamos ninhos de capota, presentemente é um grande descampado. Atualmente, ouço o vento assoprar sem direção. Já no passado, ouvia vacas mugindo, ovelhas balindo e o galo cantando no terreiro. O velho casarão, outrora iluminado pelo lampião, passou a ser iluminado com gerador que clareava tudo, deixando de lado a velha lamparina. O primeiro radio Semp da região veio para o casarão, fazendo com que as pessoas tivessem mais um motivo para se reunir, ouvir as notícias e “jogar conversa fora”. Muitas daquelas jovens que namoravam sentadas nesta calçada já se foram para a eternidade, deixando apenas lembranças e saudades. Olho tudo ao redor e vejo outro tempo, outra era, outra comunidade. A única coisa que nada mudou é o velho serrote em frente ao casarão, todo verde e majestoso, falando para nós que o tempo é o senhor de tudo e que nada podemos fazer para mudar esta realidade.



## A Santíssima Trindade

*Pedro Célio Forte Sampaio*

No Trino Poder, quem crê não teme pranto  
Nem teme que a mentira venha abalar sua verdade  
No Pai, no Filho, junto com o Espírito Santo  
Que está todo poder, da Santíssima Trindade

Santíssima Trindade, que nos faz ser vencedor  
E que é a base forte, de todo bom Cristão  
Nela toda essência de Deus vem com fervor  
Celebrando a Aliança, do seu amor em comunhão

Na Trindade Santa se forma, todo Corpo da Igreja  
E sempre estará presente, onde quer que ela esteja  
Trilhando a caminhada, na salvação da Cruz e luz

A Santíssima Trindade é, paz, amor e harmonia  
E todo Poder da Fé, nela é que principia  
Para quem queira vir seguir pelos caminhos de Jesus



## Seres sencientes — o despertar do direito dos animais

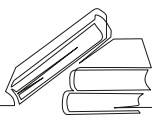
*Raimundo Evandro Ximenes Martins*

Muitos acontecimentos e eventos a serem examinados neste ano findante. Houve eleições gerais, campeonato mundial de futebol de seleções, guerra imperialista, atentados, mortes brutais, falecimento “do Rei do Futebol” e da Rainha da Inglaterra. No entanto, um assunto menos celebrado, menos discutido e menos divulgado será objeto desta crônica.

No momento em que se escreve este texto, acontecem as exéquias de Nélide Cuiñas Piñón, ou simplesmente Nélide Piñón. Ela faleceu no dia 17 de dezembro corrente, em Portugal, mas apenas agora seu corpo está sendo velado em salão da Academia Brasileira de Letras, uma vez que era ocupante da Cadeira número 30 daquele grêmio literário. Vale lembrar que ela foi a primeira mulher a ser alçada à presidência do referido sodalício.

Pois bem, mas o que tem de tão importante a morte da escritora? O que despertou a atenção de muitos foi o destino dos bens da literata. Sua herança consiste em quatro apartamentos em área nobre do Rio de Janeiro, cujos herdeiros são dois seres sencientes e não primatas. Os legatários são duas cadelinhas.

Essa notícia causou espécie e houve muitos reproches na conduta da acadêmica, sendo exemplo uma coluna no jornal digital de esquerda, nomeado de Diário do Centro do Mundo. O título do artigo era “A inacreditável sordidez da elite: Nélide Piñón deixa 4 apartamentos de luxo para suas duas cachorrinhas”. A articulista começou descrevendo uma cena, que vira antes de tomar ciência da notícia, relativa a “uma mulher jogada numa calçada, suja e moribunda”. Essa vista degradante fê-la pensar e declamar para si a seguinte sentença: “por que há cachorros que vivem como pessoas e pessoas que vivem como cachorros”?





A pergunta que se faz à autora do pequeno texto é: por que o primata pensante é mais importante que os outros mamíferos? Será que a espécie humana é mais especial e tem direito à primazia entre os outros animais? Pode o “homo sapiens” matar fria e covardemente os demais mamíferos?

Com efeito, somente após responder a essas indagações, a articulista de viés esquerdista poderia exprobar a conduta da escritora e ter como eticamente significante o arremate de seu texto, que foi novamente com a expressão: “por que há cachorros que vivem como pessoas e pessoas que vivem como cachorros”?

Na verdade, não existem razões éticas ou morais para pôr a espécie humana acima dos demais mamíferos, como o quis fazer a articulista do aludido jornal digital. Com efeito, o que causa admiração é a repreensão ao ato da literata vir de uma pessoa automeada de esquerda, pois é regra que pessoas assim autointituladas estejam em sintonia com as vanguardas de direito. Explica-se.

Ao lado de termos como racismo e sexismo, surge o vocábulo especismo. Como sabido, o racismo prega que, por ser membro de uma determinada “raça” humana, certo indivíduo é superior a outro. Igual raciocínio vale para o sexismo: por ser do sexo masculino, fulano é superior a sicrano, que é do sexo feminino. E assim, é o especismo: apenas por pertencer à espécie humana, alguém é superior aos animais, de sorte que necessariamente deve ter tratamento privilegiado em relação àqueles.

Senão todos, mas a grande maioria dos ordenamentos jurídicos do planeta considera os animais como coisas ou objetos em contraste com as pessoas, que são os membros da espécie humana. Deve ser lembrado que, em eras priscas, a mulher era, ao lado de animais, considerada como coisa. No entanto, recentemente a doutrina da “senciência” vem mudando esse quadro no tocante a essa dicotomia entre pessoas e animais. A sentiência está em asseverar que os animais têm a aptidão de ter sensações, emoções e sentimentos de forma consciente. Demandam conforto, companheirismo e liberdade e podem sofrer dor física ou psicológica.

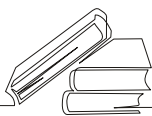


## Uma lição de mãe

*Raimundo Evandro Ximenes Martins*

Acessa-se uma rede social e percebe-se que se noticiam mortes. As postagens de conhecidos relatam que, em nossa comuna, morre uma jovem mãe e deixa uma prole de três filhos. Expõem-se suas fotos. Chama a atenção uma com o marido e os três descendentes. É possível perceber que se tratava de uma mãe extremosa. Uma garotinha de olhar vívido, provavelmente ao redor dos sete anos, é a mais nova. Como não poderia deixar de ser, o móvel do óbito foi a doença nominada de Covid-19, causada pelo novo coronavírus (SARS-CoV-2). Mais um acesso, e informativo da cidade vizinha comunica o falecimento de uma jovem de apenas vinte e quatro anos. Deixa dois filhos pequenos. A mãe de nossa urbe é conhecida de todos, como o é seu esposo, pessoa de bem, estimada por todos os cidadãos de nossa comunidade. Em relação à mãe ainda mais jovem, do município vizinho, pouco a pouco, vão-se traçando as linhas de seu parentesco e começam-se a ter dela vagas lembranças. Agora abrem-se os principais portais de notícias da internet estadual e nacional, há uma plethora de informações sobre mortos pela referida doença. Destacam-se parturientes que morreram e os recém-natos conseguiram sobreviver. Em um dos casos, a mãe não chegou a ver o fruto do seu ventre. O quadro que se vê é perturbador, assustador e aflitivo.

Minha falecida mãe pronunciava um ditado para questões de família: “pai é palhaço”. Com essa máxima, ela dizia que jamais um pai substituiria a mãe e que ele, uma vez viúvo, começava a envidar esforços para contrair novas núpcias, sem muita preocupação com os filhos, como o há em qualquer mãe. A grande preocupação de minha genitora era não morrer enquanto os filhos não tivessem sido criados. Entendia



ela que a orfandade, em face da perda da mãe, era algo desesperador, um grande suplício para qualquer indivíduo. Particularmente, em relação a esse detalhe, ela alcançou seu propósito, porquanto morrera após a maioria de toda a sua descendência.

Acessar a internet para inteirar-se da situação atual tornou-se um tormento. Nas redes sociais veem-se em abundância as marcas de luto e os pedidos de oração. E, a cada dia que passa, aumentam os óbitos de pessoas conhecidas e a idade das vítimas, cada vez mais, diminui. Paira sobre a humanidade um flagelo sem precedentes, levando em consideração o passado recente de duas gerações.

Todavia, o que chama a atenção são os pedidos de oração para que Deus compadeça-se do mal que assola a humanidade e o elimine ou, pelo menos, livre as pessoas do sofrimento. Pedem-se orações para pessoas de todas idades e gêneros que padecem da doença em voga. Noutra crônica, já foi advertido que não faz efeito executar oração, pois Deus é onisciente e amoroso. Sendo onisciente sabe de tudo do presente, do passado e do futuro. Logo, não precisa lembrá-Lo de que determinado enfermo está sofrendo e pode vir a óbito. Ele também é amoroso e rejeita tudo que é mau. Portanto, é de sua essência fazer o bem, e evidentemente dentro de fazer o bem está a conduta de evitar ou afastar todos os males, incluídas as doenças. Daí por que soa a sacrilégio pedir a Deus para que ele faça uma boa ação.

Novo acesso às redes sociais e depara-se com um jovem solteiro agradecendo à divindade por ter vencido a COVID. Lobriga-se em seu semblante a piedade de quem realmente acredita naquilo que diz. A fotografia franqueada na rede social mostra-o extático diante de uma imagem religiosa, com sinceros votos de gratidão por ter sido poupado da morte precoce e de voltar ao curso normal de sua vida.

Tudo isso realmente me faz pensar (It really makes me wonder), como, num tom mais pausado, pronuncia Robert Plant ao cantar “Stairway to Heaven”. A rigor, essas coisas reviram meu raciocínio, e eu não consigo renunciar ao ato de pensar. Ao contrário, os religiosos tolgem qualquer ação reflexiva nesse tocante. Com efeito, em novo acesso à internet, em um comentário acerca de um falecimento pre-

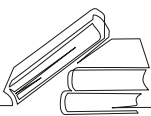


mature e inesperado de uma pessoa, vejo duas sentenças significantes e marcantes: “minha fé é inabalável, apesar de não entender os desígnios de Deus” e “‘sicrano’ foi-se, mas ficou minha fé”. A justificativa da “inabalável fé” é o fundamento para evitar fazer lucubrações sobre esses acontecimentos. Essa abdicação ao pensamento tem um nome pomposo: “sacrificiem intellectus” que é a marca da “misologia”. Misologia é a repulsa à ação de pensar.

De meu lado, não teria a ousadia de pedir milagres a Deus, quando mães morrem aos montes, deixando filhos pequenos atônitos e inconsoláveis. Jamais teria a pretensão de ter mais valor de que uma mãe. Ora, se as jovens mães não estão sendo salvaguardadas, quem dirá um indivíduo às portas da ancianidade e já com os filhos crescidos!

No entanto, dirão que tudo isso — a orfandade precoce de crianças, o sofrimento, a tragédia das parturientes — faz parte de um plano maior de harmonização do mundo. Isso me faz pensar (it makes me wonder) e vem-me à mente a preocupação dostoiévskiana. Dostoiévski teve como tema central de sua obra a inquietação com o sofrimento, sobretudo o das crianças. Em sua obra-prima, “Os Irmãos Karamazov”, em várias passagens são descritos momentos aterradores de sofrimento de crianças. Junto com isso, vem a inevitável pergunta: qual a razão do sofrimento? Ele conclui que não existe explicação para isso. Dando vazão ao seu pensamento por meio da personagem de Ivan Karamazov, ele sustenta que não é contra Deus. A contrariedade dele dirige-se ao mundo concebido por Deus. Ele não concorda com este mundo em que são impostos sofrimentos inenarráveis a crianças inocentes, sem nenhuma fundamentação plausível. Parece-me que não existem justificativas para mortes de mães, deixando crianças desamparadas.

Pois bem, muitos dirão que insisto muito nesse tema teológico. É que perdemos inutilmente energia com a religião. Deveríamos e devemos dirigir nossas forças para a ciência. E como se gasta com religião e como ela atrapalha a ciência. A pandemia que flagela a humanidade só será debelada pelos frutos da ciência. Isso desenganadamente foi demonstrado empiricamente pelos fatos observados no curso desta pandemia. Orações já se mostraram totalmente ineficazes e continuarão



sendo. Suplicar alguma coisa a quem deixa morrer uma jovem mãe é uma pretensão desmedida, já que o suplicado não o faz por pura e completa impossibilidade, pois é imensuravelmente bom e tem conhecimento de todo o sofrimento humano. Porém, o caro leitor que teve paciência de ler esta crônica até aqui dirá: “Mas Deus pode tudo, então ele tem a faculdade de salvar qualquer pessoa: mães jovens, mães velhas, pessoas solteiras de qualquer gênero *et cetera*”. O redator desta crônica sabe a resposta por que Deus não o faz, e o nobre leitor, deixando de lado o “sacrificiem intellectus”, também o saberá.

Sobral, dia do descobrimento do Brasil de 2021.



## O Nordestino

*Raimundo Lira Maciel*

Pra falar do nordestino  
Tem que ter duplo cuidado  
Sem tirar sua importância  
Nem lhe fazer desagrado  
Porem ele é um brasileiro  
Além de tudo é simpático  
Gentil, amigo e hospitaleiro

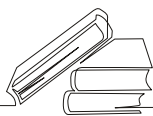
Falo aqui de antigamente  
Das agruras do passado  
Quando grandes estiagens  
Assolaram nosso estado  
Fazendo do nordestino  
Homem forte e trabalhador  
Sair vagando e sem destino

Tendo coragem de sobra  
Homem forte e destemido  
Trabalha o dia inteiro  
Tendo seu dever cumprido  
Com toda satisfação  
Como um servente de obra  
Em uma grande construção

Pra cumprir o seu dever  
Acorda a qualquer hora  
Pra ganhar o seu sustento  
Sem preguiça e sem demora  
Enfrenta sol, calor e frio  
Não teme nem temporal  
Topa qualquer desafio

Sofrido por natureza  
Assim era ele antigamente  
Trabalhando na lavoura  
Não ganhando nem pro sustento  
Muitas vezes chegando ao  
desengano  
Viajava mundo a fora  
Igual a um farrapo humano

Estudar ele não podia  
Por mera questão financeira  
Vivendo no pobre sertão  
Com sol, calor e poeira  
Chegava à mocidade  
Era obrigado a ir pra cidade  
De preferência Rio de Janeiro



## Hora do retorno

*Raimundo Nonato Aragão*

No ócio dos belos dias,  
Um alegre investimento  
É reservar aposento,  
No frescor das mareasias.

O sonho é andar na areia,  
Sentindo no rosto a brisa,  
Moldando o rastro onde pisa,  
Enquanto a aurora clareia.

Depois sentar num barranco,  
Mirar onde o mundo entorta,  
Ver a vastidão da porta  
Por onde entrou o homem branco.

Na duna ao longe, os cristais  
Refletem os raios solares,  
Que na imensidão dos mares,  
Guiaram nossos ancestrais.

Preterir bagre de anzol,  
Bom aperitivo é moqueca,  
Chope fresco na caneca  
Até o mar guardar o Sol.

A brisa que encrespa a água,  
É a mesma que embala as redes,  
E do alpendre sem paredes,  
Expulsa tristeza e mágoa.

Creio que a onda gigante  
Que de terror banha a Terra,  
Dá sinais de que encerra  
Seu plágio aos versos de Dante.

É hora de voltar à lida,  
De retomar velhos planos,  
Sonhar com a paz entre humanos,  
Louvar a Deus pela vida.



## Missa no Trapiá

*Raimundo Nonato Aragão*

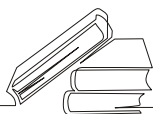


Casa da Fazenda Amazonas, hoje propriedade de Joaquim L. Aragão  
Grafite obra do artista Antonio Carlos Campelo Costa.

“Vamos que o padre não espera”.

Eram as primeiras palavras que eu costumava ouvir, antes de abrir os olhos, nos domingos de missa. Antes de o Sol surgir no nascente, meu pai estava pronto. Magro, chapéu de massa na cabeça, calça e camisa bem engomadas, panos passados e sapatos limpos. Caminhava de um lado a outro do alpendre, à espera da minha mãe, que dava os últimos retoques na cozinha.

Ele já havia tirado o leite das vacas e as devolvido à capoeira junto com os bezerros. Minha mãe preparara o almoço da volta, fizera café, distribuía o leite e executava a penúltima tarefa antes da viagem, que era a arrumação das crianças, no caso, eu e minha irmã mais nova, Maria Amélia.





Os animais estavam selados debaixo do umbuzeiro. Um cavalo estradeiro era a montaria do meu pai. Nesses passeios curtos, além do cavaleiro, ele me carregava na garupa e minha irmã na lua da cela. Minha mãe andava sozinha em um animal de menor porte. Meu irmão Joaquim já andava separado no cavalo dele, o “Piru”.

Uma estrada carroçável ligava a fazenda ao distrito de Trapiá, numa extensão de doze quilômetros, passando pelo Salgado dos Mendes. Meu pai e os vizinhos usavam uma atalho que reduzia a distância à metade. Era uma trilha que atravessava uma área de mata fechada para os padrões da caatinga. Passava por lombadas íngremes, grotas secas e pedras soltas. Os animais andavam devagar. Isso fazia com que o trajeto demorasse em torno de 40 minutos. A ansiedade com a lembrança das puxas e dos bolos pé-de-moleque faziam desse tempo uma eternidade.

Era um alívio avistar as casas que antecediam a igreja. Antes destas, à esquerda havia o cemitério. Eu passava com o rosto virado para o lado contrário e respirava fundo quando arriscava um olho e não via mais a fileira de cruzeiros. Sempre tive medo de alma. Em frente à Capela ficava a praça, que era um espaço amplo, mas sem bancos, sem árvores e sem pavimentação. Um casario entremeado de bodegas e barracas circundava a igreja e a praça. No centro ficavam algumas bancas de café, locais onde sempre havia aglomeração.

As pessoas tinham poucas chances de se comunicarem. Os encontros ocorriam nos eventos religiosos, nos velórios, nas cantorias, nos reisados e nos forrós, onde o ambiente era mais animado.

Os assuntos represados eram tantos que no Trapiá, antes da missa, em pouco tempo, parentes, amigos, compadres, enchiam o ambiente com aquele vozerio característico das multidões. A animação era tanta que às vezes eles não ouviam a terceira chamada para a solenidade. Em algumas ocasiões, o padre ficava nas bordas do patamar agitando o sinete conclamando os fiéis a entrarem na capela. A missa ia começar.

Após a bênção final, muitos retomavam as conversas nas barracas. Havia os que pegavam as montarias e retornavam de imediato às res-



pectivas moradas, às vezes a léguas de distância. Outro grupo, formados por pais e mães de filhos pagãos, acompanhados dos padrinhos, permaneciam na Igreja para a cerimônia dos batismos.

Alguns homens confabulavam em voz alta e o padre os lembrava de que estavam no templo. As madrinhas enalteciam para as comadres, as belezas dos afilhados. Eram trabalhadores rurais, pequenos proprietários, gente do povo, mas que criavam os filhos dentro de uma linha de respeito a Deus e de obediência à autoridade paterna.

Na Pia Batismal, os pirralhos, cansados da viagem, fatigados com o calor, abriam o berço ao mesmo tempo. De olho no padre, as mães aflitas tentavam, em vão, acalmá-los.

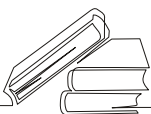
Seu Zé Conrado e dona Amélia sempre estavam nessas rodas de batizados, apadrinhando, muitas vezes, mais de uma criança. Após a cerimônia e da frase: “Deus te abençoe, te dê muita saúde e felicidade...” dirigida aos novos afilhados, meu pai costumava oferecer uma rodada de guaraná Del Rio com bolacha para mulheres e crianças. Os compadres bebiam quinado Imperial e conhaque São João da Barra.

Era a parte mais agradável da manhã e acontecia na bodega de um amigo, a qual ficava por trás da igreja, próximo aos fundos da casa paroquial. Naquele local, ficavam amarrados os animais.

Eram momentos de muita alegria, de elogios mútuos, promessas recíprocas de futuras visitas. Havia menos pressa, menos vaidade. Os bens materiais supérfluos estavam muito abaixo dos valores humanos. A palavra dada, as amizades sinceras, pesavam mais do que os interesses financeiros. Pura confraternização.

O retorno, já quase ao meio-dia, era mais triste e cansativo, diferente da viagem agradável com o clima ameno do começo da manhã. Os animais sofriam com o calor intenso e chegavam a escorregar nas partes mais inclinadas.

Eu respirava aliviado quando ultrapassava o riacho Salgado e sabia estar distante uns cem metros da nossa morada. Após a chegada, antes de o Sol baixar e os amigos aparecerem, um bom passatempo era



contar os domingos que faltavam para a próximamissa. Ou, os meses faltantes para os festejos dos padroeiros.

O mais animado era o de Forquilha, mas aí eram dez dias na rua, conhecendo novos companheiros, longe da rotina da casa. E tinha banda de música, foguete - que eu detestava - carrossel, algodão doce, pirulito, roupa nova. Será outra história.



## AFLA: imortalizando cultura e arte - patronos e acadêmicos em destaque

*Raimundo Pedro Justino de Orlanda*

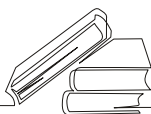
Nas letras sagradas, a AFLA se revela.  
Acadêmicos imortais, um universo de estrelas.  
Professoras e professores, guardiões do saber.  
Com dedicação e zelo, ensinam Forquilha a crescer.

Aos patronos que iluminam nosso caminhar.  
Monsenhor Sabino, exemplo a nos guiar  
Com sua sabedoria, amor e dedicação.  
Enriquece a cultura e a arte do nosso torrão.

Eruditos escritores, mestres da escrita.  
Suas palavras, tesouros, histórias infinitas.  
Poetas e poetisas, seres de pura emoção.  
Versos que tocam fundo, revelam a paixão.

No vasto campo da história, o historiador.  
Desvenda segredos, o passado com fervor.  
Teatrologo, cineasta, encenadores de vida e arte.  
Nos palcos iluminam, personagens de estrelato.

E entre todos, uma estrela rara a brilhar.  
A única com 4 Aragão a se destacar.  
Sua essência singular, talento inigualável.  
Em suas veias, a genialidade palpável.



AFLA, berço de mentes brilhantes e sábias.  
Nasceste para eternizar as belas poesias.  
Acadêmicos imortais, guardiões da cultura.  
Com suas obras, transformam a vida e a figura.

Vossos nomes ecoam em tempos imortais.  
Num legado que se perpetua em gerais.  
A AFLA celebra a grandeza do saber,  
Nas páginas do tempo, immortaliza o poder.

Nas páginas dos livros, a memória se eternize.  
AFLA, celeiro de talentos, nossa riqueza concisa.  
Cada patrono, um elo com nossa história.  
Enaltece a cultura, revela nossa glória.

Nesta Antologia aqui está a homenagem.  
Aos acadêmicos imortais, nossa mensagem.  
AFLA, abençoada por intelectuais a brilhar,  
Gratidão eterna a todos que ali estão a se inspirar.



## Muriçoca

*Raul Hélio Feijão*

No município de Groaíras  
Fica bem localizada  
Dela se vê o serrote jandaíra  
Cortada por boa estrada

Ao norte a fazenda Canto, ao sul fica a Floresta  
A oeste Lagoa do Peixe, rio Groaíras à leste  
São os limites desta localidade modesta  
Muitas matas ao sudoeste

A Muriçoca tem em si muita beleza  
Tudo que na caatinga há de bom  
Bela paisagem camponesa  
Pássaros e vento comandam o som

Sua paisagem é imponente  
Seja no inverno ou verão  
A carnaúba sempre presente  
Transmite muita emoção

Berço de muitas famílias  
Que nela ergueram seus lares  
Simples, porém muito honestas  
Só cuidando de afazeres

Sendo anil, vem chuva forte.  
A lua vista todas as noites junto às estrelas  
Faz estas alegres ao sabor do vento  
Com o revezamento dos planetas  
Ficam vigilantes pela noite à dentro.



Na Muriçoca é dadivosa a natureza  
O romper da aurora é mais bonito  
Celebrado com muita beleza  
Raios solares iluminam o infinito

Os pássaros festejam o amanhecer  
Não se calam por todo o dia  
Cantam sempre por querer  
Fazem coro com alegria

Na Muriçoca o sol brilha com atenção  
Irradiando paz, saúde e felicidade  
Embelezando este lindo torrão  
Transmitindo serenidade

O pajé no horizonte presente  
Testemunha tudo que ocorre  
De cor tênue o sol será ardente  
Sendo anil, vem chuva forte.



## Groaíras: flores e mel

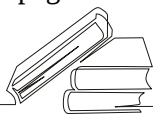
*Reginaldo Ferreira Rodrigues*

Todo 23 de maio é dia de celebrar. Celebrar tem dois sentidos primordiais: O primeiro é relembrar, através de um rito, um acontecimento marcante, e o segundo para que as novas gerações possam se apropriar desse pretérito, a fim de que ele não venha a cair no esquecimento, pois uma geração que não cultiva sua Memória, torna-se um povo sem história.

O termo Memória tem suas raízes na língua dos gregos antigos. Memória era uma deusa para eles. De seu encontro com Zeus, este era infiel, infelizmente, nasceram nove musas, entre elas, Clio, a História. As Musas tinham como papel inspirar os poetas a cantar o passado. Ah, o passado! Este nos remonta ao tempo. Este no panteão grego chama-se Cronos, pai de Zeus, que devorou o próprio filho. Poderemos aprender com os helenos que o tempo é um tirano esfomeado, ele nos retira tudo que é mais sagrado: a vida. A nossa e a daqueles que devotamos carinho, afeto, amor, gratidão.

O nosso lugar respira história, respira lembranças. Lugar aqui não tem apenas um sentido geográfico, físico, ele vai além disso. Se refere às relações. Foi nesse lugar comum que formamos nossas identidades: o povo groairense; escolhemos nossos pares; criamos e educamos nossos filhos, que apesar do egoísmo da modernidade, resiste cultivando os valores da tradição, como o sentido coletivo de Pólis, a cidade, espaço de todos.

Falar do passado é coisa de museu mesmo. A palavra museu tem sua origem no grego Musa, também filha do pai do Olimpo. São elas que hoje irão cantar o nosso passado, o canto do não esquecimento. Ser esquecido é trágico. Lutamos a vida toda para que não sejamos apagados da história.





Groaíras, a cidade cuja etimologia revela um mel que os pássaros gostam. Indago desde criança, qual o significado desse mel e onde encontrá-lo. Será que cada groairense leva consigo essa essência do néctar presente nessas terras? Ambrosia que encontramos em nomes de Dona Leopoldina, Vereador Domingos de Paiva Neto, Gerson Mendes, Major Araújo, João de Lima e tantos outros. Olhar para o que passou é pegar o fio da história e tentar ligá-lo ao presente, é retomar a força, a esperança e a vontade daqueles que aqui passaram e deixaram para nós a continuação da tarefa. É olhar para um Monsenhor Cleano e se inspirar em sua disciplina, seu zelo de um cristão santo e pecador, seu compromisso com a educação.

Que esses tantos outros que teremos o prazer de conhecer signifiquem para nós aprendizado. De alguma forma o passado controla o presente e que possamos olhar para trás vislumbrando um futuro melhor. Olhar para o heroísmo de Mororó seja mirar em sua indignação diante do poder despótico, tirano que mina a democracia. Que nos faça perguntar pela luta do nosso tempo, que nos perguntemos por que estamos tão conformados, tão calados. Que tenhamos o prazer de expressar nossa terra, que é abundante hidricamente, por ela serpenteiam três lindos rios, que matam a sede, que nos refresca e alimenta o nosso ecossistema. A educação aqui é exemplar, ela faz parte da história da educação de todo o Ceará, a lembrar da Escola Pio XII, a Escola Monsenhor Linhares, a Escola Júlia Elisa. Temos uma história belíssima que nos inspira muita vontade de continuá-la. Será que temos o mesmo vigor dos nossos antepassados? O que aconteceu conosco? E você está a se perguntar: o que eu tenho haver com isso? Respondo: Não seremos felizes sem uma vida pública. É na vida pública que se aprende a conviver. É com o outro que eu sei que eu sou, o outro me revela.

Fugir de nossa história, fugir do nosso passado, da vida social é correr à toa para lugar nenhum. Aristóteles já dizia: quem vive sem os outros ou deve ser um deus que não precisa de ninguém, ou uma besta.

Precisamos pensar com liberdade, refletir e procurar onde está o mel que os pássaros gostam. Que jamais sejamos fel, pois se assim for, não haverá pássaro, nem borboleta e nem Jardim. Seremos apenas deserto.



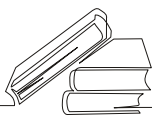
## Um homem à frente de seu tempo

*Renato César Aragão Mendes Júnior*

O Senhor Manoel Mendes Ferreira foi um ser humano fundamental na história do distrito de Salgado dos Mendes, comunidade rural localizada na porção sul do município de Forquilha, região Noroeste do estado do Ceará. Seu Manoel Mendes, como era conhecido por todos, nasceu em 19 de março de 1905, filho de Francisco Mendes Ferreira e de Maria Tereza de Jesus. Faleceu em sua residência em Sobral, no dia 07 de janeiro de 1985 aos 80 anos de idade.

Ao longo de sua vida e possuidor de um espírito empreendedor que sempre lhe acompanhou, desenvolveu em sua fazenda no Salgado dos Mendes um grande comércio varejista que movimentava a economia desta porção territorial que, na época, pertencia à Sobral. Matérias-primas vegetais, como a pluma do algodão, o fruto da oiticica, a semente da mamona e até minerais, como a pedra rodilha, eram comprados de pequenos agricultores do entorno e comercializados por Manoel Mendes em Sobral, na capital cearense e até mesmo em outros estados da federação.

No âmbito político, marcou presença ao ser aliado de grandes personalidades da política estadual, como Francisco de Almeida Monte (Coronel Chico Monte, como era conhecido) e o governador do estado à época, José Parcifal Barroso, os quais eram recebidos com certa frequência em seu comércio e casarão. Manoel Mendes trouxe o primeiro gerador de energia elétrica para a comunidade, a primeira televisão (na qual foi possível assistir aos jogos da copa do mundo de 1970, no México).



O legado do senhor Manoel Mendes Ferreira é motivo de orgulho para os moradores atuais da comunidade que, inclusive, renderam-no homenagem ao colocar o seu nome na única escola que há no local. A personalidade forte, a visão empreendedora e futurista, os feitos e toda a sua trajetória pessoal são como uma bússola que norteia os novos rumos e inspira aqueles que buscam o progresso do distrito de Salgado dos Mendes.

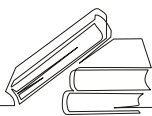


## Tributo ao patrono da cadeira nº 04 da Academia Forquilhense de Letras e Artes – AFLA, Francisco Araújo Torres

*Zuila Madeira Albuquerque Paixão*

Em 13 de agosto de 1955, nasceu em Forquilha, então Distrito de Sobral, Francisco Araújo Torres. Filho de Manuel Torres Vasconcelos e Albanisa Ferreira Gomes, o pequeno Francisco perdeu o pai ainda muito novo. Cresceu no meio familiar, que contava com a mãe e dois irmãos mais novos e a presença permanente dos avós maternos, o senhor Francisco Araújo, a quem chamava “Caújo”, e Senhora Maria Ferreira, a “Mãezinha”. Neto de pescadores, era presença frequente ao lado do avô, com quem dividia as tarefas do ofício da pesca.

Simple, Chico Torres realizou a segunda etapa do então Ensino Fundamental no Ginásio Vicente Loyola, empreendendo, a partir de então, um longo caminho de responsabilidade com os estudos. Na adolescência mostrou-se tão estudioso e introspectivo quanto surpreendente. Cumprindo o papel de estudante com esmero e profunda busca pelo conhecimento, na perspectiva de ser vencedor, chamou a atenção quando, em plena adolescência, influenciado pelos movimentos de contracultura que havia no mundo, aderiu ao estilo hippie e confundiu àqueles que não entenderam que ele extraía dele o que havia de positivo, expressado em palavras como “Paz e Amor”. Na humildade de sua casa de taipa, mergulhado em leitura profunda, ninguém entendia como podia Chico Torres saber sobre três dias de Paz e Música em Woodstock, festival realizado em agosto de 1969, na região de White Lake, na cidade de Bethel, em Nova York, Estados Unidos. Chico Torres incorporara do movimento o que ele trouxera de positivo. Usou, também, por longo período uma cabeleira no estilo “Black Power”, e na verdadeira acepção da expressão, impregnou-se de “Paz e Amor”.



Do moço que vivia recluso, debruçado sobre uma mesa, mergulhado na leitura, levaria consigo para a vida os conhecimentos e princípios que fariam dele o cidadão que as comunidades de seu município passariam a admirar. Ficava para trás, porém, guardada na lembrança, a imagem dos quatro buracos no piso de barro batido de sua casa, causados pelo atrito das pernas da velha mesa que ali se fixaram, enquanto o jovem Chico Torres realizava, rotineiramente, suas exaustivas jornadas de estudo. Cumpriu o Ensino Médio no Colégio Estadual D. José Tupinambá da Frota, em Sobral-CE. Nunca se submeteu à prova vestibular. Iniciou sua vida profissional como Professor de Língua Portuguesa no Ginásio Vicente Loyola, onde realizou parte de seus estudos. Posteriormente, através de Concurso Público, realizado em 27 de setembro de 1979, sob a matrícula 0163079, adentrou os quadros da Polícia Rodoviária Federal.

Olhar para o passado e vislumbrar o crescimento vertiginoso do jovem “Michico”, para os íntimos, sua biografia parece, agora, falar sobre outra pessoa. A partir de então passou a ser Torres, líder detentor de grande carisma, membro fundador da Câmara Júnior de Forquilha-CAJUFILHA, na qual chegou à Presidência e membro fundador da Associação Comunitária de Forquilha-ACOLHA, onde prestou relevantes serviços. No interstício compreendido entre 1993-2000, Torres foi eleito vereador por três mandatos consecutivos, tendo cumprido dois deles, vindo a falecer quando ainda exercia o primeiro ano do terceiro mandato.

Na madrugada de 24 de outubro do ano 2001, morreu Francisco Araújo Torres, vitimado por um ataque cardíaco. Sua morte surpreendeu. A cidade lamentou profundamente aquela partida inesperada. Uma multidão atônita o seguiu pelas ruas da cidade, num último gesto de adeus, ao som de Coração de Estudante, cantado por Milton Nascimento. Em meio a todos, dentre murmúrios inconformados, ouviu-se um senhor de terceira idade proferir a frase: “Morreu o Homem da Paz!”

O ano termina.

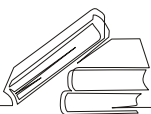
Outro ano adentra! Forquilha segue seu rumo...



O inverno de 2002 chega trazendo premissas de fatura, assim como é peculiar aos invernos “pesados”: frio, fungo, bolor... reque-rendo dos usuários cuidados extras com guarda-roupas, sapateiras e outros equipamentos sensíveis à frialdade. Enfim, cuidado redobrado com objetos de uso pessoal, dentre outros! Numa manhã fria do ano, uma profunda dor foi sentida. Do silêncio do quintal da casa onde residiu Torres, nada propositalmente, alguém que adentra a sala ouve o choro resignado de uma senhora de meia-idade, que expõe ao tímido Sol, que ora despontava, itens guardados. Fardas! Botas! quepes! Tal como a Insígnia que compunha sua farda. Entre os demais itens, os objetos de uso pessoal também não sucumbiriam à intempérie! Não, enquanto aquela mãe vivesse! Naquele momento, o visitante diante da intimidade com aquela relação insondável de tamanho amor, transportou-se, através da lembrança, para um dos poemas mais extraordinários da Literatura Brasileira, - Cântico do Calvário - do Ultrarromântico Fagundes Varela. Pensou que - feitas as devidas adequações quanto ao gênero do emissor e a descrição física do homenageado ao referir-se à cor de seus olhos - nada retrataria com maior precisão a dor percebida. Embalar o Cântico o qual não se ousa imitar, restando a possibilidade de adequá-lo foi uma sugestão. Para a mãezinha foi bom que não o conhecesse. Uma versão maternal da Elegia talvez a fizesse sucumbir diante da reafirmação de que “a soberana dos sinistros impérios de além-mundo com seu dedo real selou-te a fronte!”

Ei-lo:

“Eras na vida a pomba predileta  
 Que sobre um mar de angústias conduzia  
 O ramo da esperança.  
 — Eras a estrela  
 Que entre as névoas do inverno cintilava  
 Apontando o caminho ao pegureiro.  
 Eras a messe de um dourado estio.  
 Eras o idílio de um amor sublime.  
 Eras a glória, — a inspiração, — a pátria,  
 O povir de tua “**mãe!**” — Ah! no entanto,



Pomba, — varou-te a flecha do destino!  
 Astro, — engoliu-te o temporal do norte!  
 Teto, — caíste! — Crença, já não vives!

Correi, correi, oh! lágrimas saudosas,  
 Legado acerbo da ventura extinta.  
 Dúbios archotes que a tremer clareiam  
 A lousa fria de um sonhar que é morto!  
 (...)  
 Oh! filho de minh'alma! Última rosa  
 Que neste solo ingrato vicejava!  
 Minha esperança amargamente doce!  
 Quando as garças vierem do ocidente,



Buscando um novo clima onde pousarem,  
 Não mais te embalarei sobre os joelhos,  
 Nem de teus olhos no “esverdeado” brilho  
 Acharei um consolo a meus tormentos!  
 (...)  
 Mas não! Tu dormes no infinito seio  
 Do Criador dos seres! Tu me falas  
 Na voz dos ventos, no chorar das aves,  
 Talvez das ondas no respiro flébil!  
 Tu me contempas lá do céu, quem sabe,  
 No vulto solitário de uma estrela,  
 E são teus raios que meu estro, aquecem!”  
 (...)

Forquilha segue seu rumo e o povo continua querendo saber como viveu o cidadão extremamente ético que se fez pessoa pública e, desafiado pelo estresse do dia a dia, nunca perdeu a calma: Um “Gentleman!” O povo quer, ainda, saber.



## Tributo ao patrono da AFLA - Academia Forquilhense de Letras e Artes Monsenhor Sabino Guimarães Loyola

*Zuila Madeira Albuquerque Paixão*

Quando ainda estudante, durante as leituras matinais, encontrei em um livro algo que me chamou a atenção. Tratava-se de uma redação feita por uma estudante, cujo título era “O Anjo Sem Asas”. Pareceu-me o fenômeno da sincronicidade estudado em Psicologia. O que eu lia era uma manifestação de idolatria de uma fã a seu astro roqueiro. A sincronicidade estava presente na ligação do título da redação àquilo que eu sentia em relação à pessoa de Monsenhor Sabino Guimarães Loyola, que desde que o conheci me pareceu um “Anjo Sem Asas”. “O Anjo Sem Asas” que fundou o Centro Educacional Vicente Loyola, Escola que ajudou na formação de tantos jovens e foi como um marco inaugural na arrancada para o progresso educacional de nosso município.

A juventude da minha época de adolescência guarda com terno respeito a imagem deste Senhor! Senhor de cabelos grisalhos, de vestes brancas, que para mim assemelhava-se a um anjo. Mensageiro do bem! De boas alvíssaras! Eu o conheci quando estava saindo da infância e entrando na adolescência. Conheci-o através de informações de meus pais, avós e dos seus amigos.

Um dia ele apareceu! Apareceu em um momento estratégico quando, quem sabe, uma das primeiras frustrações sérias ameaçava marcar a minha, a nossa juventude. A frustração de não poder estudar, de nos vermos tolhidos do direito do saber, do conhecer, direito divino e, porquanto, cidadão, que nos assiste. Trazia consigo a semente que uma vez plantada, brotaria às cabeças fecundas de nossos jovens.





Depois... de vez em quando ele aparecia e nós, seus pupilos, o víamos como um “Anjo Sem Asas”. O nosso respeito pela sua pessoa crescia à medida que o tempo passava e amadurecia em nós a consciência de seu gesto grandioso, que ficaria imortalizado na História de Forquilha.

Ontem, quando ele chegou, portador e autor do projeto de tão grandioso empreendimento, nós fomos beneficiados. Hoje, quando sentimos os efeitos, somos profundamente agradecidos e no futuro a nossa terra contará a História desta personalidade que se eternizará em nossos corações, por tudo que foi, continua sendo e conseguiu fazer pela juventude forquilhense.

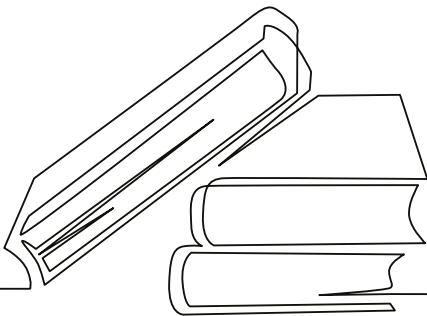
Àquela época – 1971, repentinamente, problemas existenciais afastaram-me do convívio da juventude que se reunia todas as tardes sob a égide e a orientação do “Anjo”. “O tempo o levou para longe de mim, mas ele permaneceu dentro de mim”: Lamento de duas jovens adolescentes. Uma em reverência a seu ídolo, a outra por uma saudade mais séria, mais madura...

Hoje, na minha condição de adulta, quando se sai da adolescência de sonhar com anjos, de mistificar quem nos faz o bem, toda a auréola do seráfico consolidou-se em ações práticas, que advieram do respeito, da gratidão e do carinho a esta pessoa que foi e que nos é tão cara! Posso dizer que na escola dele aprendi a ler, a escrever, a viver...

Esta é a mensagem que sintetiza a opinião do pioneirismo discente do Centro Educacional Vicente Loyola. Esta é, com certeza, a mensagem guardada dentro da consciência de Francisco Araújo Torres, Maria Amélia Aragão, Francisco de Lira Pessoa, João Madeira Albuquerque, Maria Edna Aragão, Gerardo José Dias de Loiola, Helena Gomes Loiola, Francisca Gomes Martins, Antônio Carvalho, Benedita Cavalcante de Vasconcelos e tantos outros que contribuíram e fizeram com que a pedra fundamental lançada, edificasse.

Monsenhor Sabino, se não fosse piegas eu usaria a expressão “beijar-lhe os pés”. Mas, enquanto isto, por tudo que fez por nós, permita-me “beijar-lhe as mãos”.



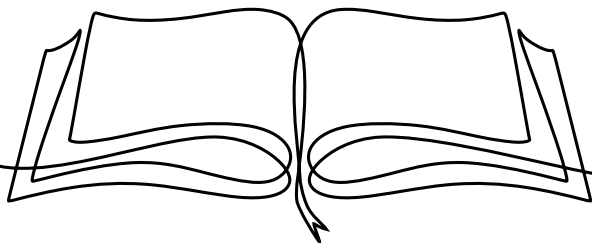


# Parte II

• CONVIDADOS •

“Se existe uma história que você deseja ler, mas ela ainda não foi escrita, então você deve escrevê-la.”

Toni Morrison



## O Homem, o Amor e o Direito

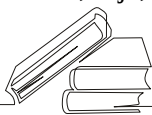
*Alessandro Buarque Couto*

Amar é um sentimento engrandecedor. Feliz daquele que consegue amar e, principalmente, ser amado. Assim acontece com tudo aquilo que nos cerca, seja com amigos, filhos, namoradas, esposas, parentes, profissões, passado, presente, futuro, tudo o que envolve o ser humano.

O Direito não poderia ser diferente. Está presente na relação dos amores do homem, independentemente de ser ele profissional ou não nas carreiras jurídicas. O Direito traz liberdade, vida, interação, ordem e uma infinidade de elementos norteadores de uma vida em sociedade. Por possuir tamanha importância, o Direito tem grande similitude com o amor propriamente dito, principalmente no que diz respeito ao amor entre homem e mulher. Percebam que o primeiro contato com o Direito aparece, para muitos, como uma sensação de alegria, enquanto para outros, nasce um sentimento de receio, temor, desprezo. Para aqueles que sentem a alegria e afinidade, o Direito retribui com outras formas de felicidade, além da cumplicidade e da confiança.

No instante inicial, muitos são aqueles que se apaixonam pelo ramo do Direito mais cogitado, ou seja, o penal. Talvez pela influência dos filmes que retratam júris, com grandes julgamentos. Mas, este é tão importante quanto os demais ramos. O amor, por analogia, é também despertado, geralmente, no primeiro momento. Poucos são os felizardos que se casam com o primeiro amor. Mas, a regra é que o contato com os demais ramos do Direito traz novos amores, novas sensações, porém, faz com que você valorize aquele inesquecível amor.

Quando os contatos se iniciam, o Direito lhe mostra novos horizontes, seja, por exemplo, o Direito do trabalho, civil, processual, tri-



butário e muitos outros ramos. Daí, o apaixonado passa a conhecer novas ideias que o Direito expressa. Sejam quais forem os ramos, vale lembrar que todos eles são Direito. As afinidades e conveniências se misturam numa relação muitas vezes duradoura. Existem alguns que não conseguem amar um único ramo do Direito exclusivamente, apaixonando-se por dois, três, ou mais, tendo verdadeiros casos de amor por variadas formas. Uma parte dos apaixonados consegue manter a fidelidade a um único elemento do Direito, porém, a tentação faz com que se ame mais de um ramo desta ciência. O Direito recompensa mais a quem ama uma única expressão dos seus ramos ou a quem ama todas as suas faces. Ele é lindo, antes fosse escrito no feminino e, como tal, consegue felicitar a todos nós com a sua ingenuidade, beleza, sapiência, direcionamento e organização, assim como são as mulheres. Por isso, amar o Direito é um estado de plena felicidade.



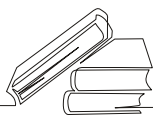
## A Magia do maestro

*Antonia Roza de Aguiar Menezes*

Movimentos leves e precisos  
Mãos que indicam caminho,  
Modulam, abafam, fazem ecoar.  
Mãos, voos de passarinho,  
Águias brancas a voar.

Seu corpo tulipa negra, narciso,  
Na ponta dos pés parece levitar  
Impulsiona alvas mãos,  
Belos cisnes a bailar  
Aos sons do coração.

Ao reger com seu sorriso  
Esses pássaros geniais,  
Orfeus canhotos ou destros,  
Nos leva ao paraíso  
A magia do maestro.



# Tudo eu faria

*Antonia Roza de Aguiar Menezes*

Em minha mente ainda vejo  
Aquele olhar penetrante  
O sorriso leve e cativante,  
E sinto o cheirinho frio de suor.

Então me vem o grande desejo  
De cheirar você, cobrir de beijos,  
De lhe trazer muita alegria  
E tudo o que há de melhor.

Sinto, agora, que tudo eu faria,  
Para lhe abraçar como antes,  
E em seus braços por instantes,  
Sentir seu calor, sua energia.



## Aprendi tanto e mais tanto nos tapas que a vida deu

*Antônio Charles Melo Feijão*

Aprendi esperar nada  
De quem não tem para dar  
Eu prefiro é ajudar  
Quem passar na minha estrada  
Pois uma mão calejada  
Para calejar doeu  
Aprende quem já sofreu  
E vive por qualquer canto  
Aprendi tanto e mais tanto  
Nos tapas que a vida deu

Aprendi que uma estrada  
Por mais curvada que seja  
Espera que você veja  
Que curva não vale nada  
O que vale é a sacada  
Que ela te ofereceu  
Se aprendeu ou não aprendeu  
Vai rir ou derramar pranto  
Aprendi tanto e mais tanto  
Nos tapas que a vida deu.





## Dias

*Dinorá Melo Ximenes Martins*

Os dias nem sempre tiveram vinte e quatro horas. Já tiveram vinte e três, vinte e duas, vinte e uma e por aí vai. Houve um tempo que um dia equivalia a doze horas. As pessoas dormiam durante quatro horas a cada dia e passavam o restante de tempo cuidando de seus afazeres. À medida que o tempo foi passando, porém, as pessoas começaram a reclamar que doze horas era muito pouco. Diziam que não dava tempo para descansar, dormindo só quatro horas. Depois tinham que trabalhar, ainda cansados, e voltavam reclamando que o dia tinha ido todo embora com as horas gastas na labuta. Para alguns sobravam duas horas.

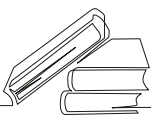
Exauridas das seis horas de trabalho, essas pessoas reclamavam que duas horas não tinham espaço o suficiente para arrumar a casa, cuidar dos filhos, fazer comida e tomar aquela pinga. Às vezes, esses pegavam horas emprestadas do sono para criar horas que queriam viver. Nos outros dias, porém, estavam sempre cansados. Havia também aqueles que dispunham de quatro horas. Falavam, da mesma maneira, que quatro horas era muito pouco tempo. Ao chegar em casa ainda tinham que sincronizar os estudos e as leituras com a vida doméstica, isso quando não tinham atividades extracurriculares marcadas. E ademais havia a vida doméstica. Era cuidar dos filhos, arrumar a casa, preparar a massa e amaciar e salgar as carnes para as refeições do dia seguinte. Além disso, mal sobrava tempo para receber amigos e beber vinho para esquecer dos sofrimentos da vida. Inclusive de quão pouco tempo lhes restava. Por último, havia os que tinham seis horas de descanso. Esses dormiam, em média, quatro horas, trabalhavam durante duas e tinham o restante do tempo à disposição.

No entanto, as lamentações quanto ao tempo não cessavam. Eles reclamavam que seis horas não era o bastante para realizar seus exer-



cícios físicos, suas atividades de caça, seus “hobbies” de desenho, de pintura, de costura, de música e de gastronomia. Era tempo miúdo demais para aproveitar devidamente suas festas – ou reuniões, como eles chamavam – ou para se recuperar da ressaca de “whisky”.

A falta de tempo era um assunto constantemente abordado em suas reuniões, até que propuseram, sob o efeito de várias doses de bebida, que os dias fossem mais longos. Sim: era completamente possível, disse um. As horas dos dias não passam de uma mera convenção, disse outro. E então mandaram chamar um garçom que chamou um criado que chamou um serviçal, que chamou um mensageiro, que chamou outro mensageiro, que chamou um secretário do governo, que redigiu uma carta para o chefe do conselho, que intimou o assistente do primeiro-ministro e o primeiro-ministro pediu ao rei que considerasse a proposta. O rei observou o arquivo, que inchou em sua trajetória até ele, e julgou-o extenso demais. Já estava atrasado para seu jantar com os demais membros da corte. Não obtendo resposta, aperrearam o primeiro-ministro novamente e este marcou uma reunião com o rei para discutir as prerrogativas do documento. O rei, satisfeito com a habilidade de síntese do seu inferior, gostou da ideia e mandou divulgarem o pronunciamento para que não houvesse um que ignorasse a nova ordem: agora um dia equivalia a dezoito horas. Os súditos ficaram muito agradecidos. Agora sim, tinham tempo o bastante. Finalmente!, diziam todos. Portanto, com a nova ordem, as pessoas passaram a dormir seis horas a cada noite e assim podiam acordar descansados. No entanto, a extensão dos dias fez tudo se alargar. Quem antes trabalhava durante seis horas, agora trabalhava por dez. Aqueles que trabalhavam durante quatro horas, agora trabalhavam por seis. E os que trabalhavam durante duas horas agora precisavam preencher três horas de labuta. As conferências passaram a ocupar mais tempo e as noites de festanças eram mais compridas. No entanto, o tempo do sono continuava diminuindo com esses dias, parecia que não havia tempo que fosse suficiente. Depois de uns anos, a felicidade se esvaiu dando lugar à insatisfação. Os que trabalhavam dez horas reclamavam que mal tinham tempo para dormir, cuidar da casa, das inúmeras crianças e de suas diversões pessoais.



## Kariboka

*Francisca Geane Souza Oliveira*

Aos oiteiros da Caiçara

A estrela que corta o sertão em noite sem nuvens, dos céus que existem em mim.  
Das mãos da oleira  
o barro de minha existência, babuja, karikoba, belas histórias.

E todas são partes de mim  
e correm em minhas veias, em meu sangue.  
Deus deixou-me a consciência  
da miséria e da fome que são atijadas pela falta de chuvas.  
Sou composta por todos esses  
que carrego comigo

Minha pena é como risco de luz  
que se faz ver na escuridão, e carrega em sua tinta  
os oiteiros que permitiram-me o acesso a essas histórias.  
Oleiro primeiro, Onde era barro, hoje é Poesia,  
onde era contada agora é cantada,  
és bússola, norte de mim.

Oleiro primeiro,  
um caipira não é Serafim,  
E Isaías não é Deus,  
proteja as lendas do Brasil,  
mas se me derem pena e papel,  
se eu puder escrever como aprendi,  
o esquecimento não levará as lendas de minha terra.

Eu sou descendente do barro  
Eu sou descendente da preta  
Eu sou descendente do índio  
Eu sou oleiro que transforma  
Histórias em Poesia.



## Por que não sou cristão e sou moralmente são

*Francisco Daniel Sousa*

A minha visão crítica em relação ao Deus descrito na Bíblia é baseada nas inúmeras incoerências e contradições presentes nas escrituras sagradas. É por isso que acredito e tenho forte convicção de que a Bíblia é uma obra escrita por seres humanos, sem nenhuma inspiração sobrenatural, sujeita a interpretações e manipulações ao longo dos séculos, o que deita por terra quaisquer alegações de que seja uma mensagem divina.

Uma das questões que mais me incomoda é a aparente falta de compaixão desse Deus para com as crianças que nascem com deficiências. Como pode um ser onisciente e principalmente benevolente permitir que uma criança inocente e sem pecado sofra desde o seu nascimento? Isso contradiz a noção de um Deus justo e amoroso. Não há explicações para que uma criança sofra de um mal permanente e insuperável, que causa inenarráveis sofrimentos, desde o ventre de sua mãe.

Além disso, a Bíblia contém muitos relatos de violência, punições severas e massacres ordenados por esse Deus. Como reconciliar essas histórias sangrentas com a ideia de um ser supremo compassivo e moralmente correto? A Bíblia é repleta de castigos impostos por Deus totalmente desproporcionais com a falha cometida.

Outra questão que surge é a falta de coerência nas regras e mandamentos atribuídos a esse Deus. Por um lado, Ele diz que é amoroso e misericordioso, mas, por outro lado, condena pessoas por motivos banais e impõe leis cruéis e discriminatórias.



Essas inconsistências e incoerências na Bíblia levantam sérias dúvidas sobre a existência desse Deus e a veracidade de sua mensagem. Se Deus é verdadeiramente onipotente e onisciente, por que permitiria que essas contradições e injustiças fossem registradas em um livro sagrado que deveria servir de guia para a humanidade?

Como uma pessoa crítica, prefiro questionar, buscar conhecimento e desenvolver minha ética com base na razão, na compaixão e no respeito à dignidade humana. Não consigo acreditar em um Deus que parece estar ausente ou que permite o sofrimento injusto, especialmente de crianças inocentes. Prefiro buscar respostas e soluções na compreensão científica, no avanço da medicina e na busca por uma sociedade mais inclusiva e igualitária, na qual todas as pessoas sejam valorizadas e respeitadas, independentemente de suas condições.

Não crer em Deus não significa imoralidade. À medida que fui abandonando a crença no divino, senti-me cada vez mais dominado por preceitos morais que contribuem para uma sociedade melhor. Assim, é que com a descrença descobri que somente os membros da espécie humana podem ajudar a si mesmos. Não existe alternativa para vivermos melhor, senão nos imanarmos e produzir na face da Terra a nossa felicidade possível, pois definitivamente outra não há.



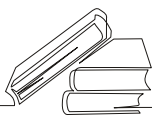
## Um ser especial

*José Teles de Menezes Sobrinho*

Acordo. Vislumbro o alvorecer de um novo dia  
No aconchego que me conforta e me alimenta  
Ouvindo o teu respirar doce e profundo  
Preenchendo de amor  
Meus espaços mais carentes.

És a luz e a virtude que me inebria  
Fazes de mim um ser muito especial  
Mostra-me que a vida é uma dádiva divina  
E dizes com o coração  
O que a razão é incapaz de enxergar

És a mais bela de todas as rosas  
Embelezas com teu brilho o lar que escolhi  
Depositais com carinho teu perfume  
Em meu caminho  
E fazes de mim um ser muito feliz!



## Sorriso de mãe

*Leunira Batista Santos Sousa*

Mãe, face do bem-querer  
Lágrimas que regam a esperança  
Banham o futuro dos filhos  
Com o sorriso encantador  
Coração, fonte inesgotável  
Estrela que brilha no céu do amor.

Mãe, natureza reluzente  
Luz que clareia o horizonte  
Com um leque nas mãos  
Traz bons ventos com a afeição  
O filho recebe a essência da proteção.

Mãe, bênção divina na obra do Criador  
Benfeitora na tristeza ou na alegria  
Cheiro da erva-da-trindade  
Que ornamenta o grande amor  
Do ventre à eternidade.



## O sino

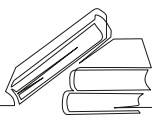
*Regis Luís Machado Melo*

Chico Mendes estava exasperado. Os cabelos alvoroçados, o rosto e o peito vermelhos como o papo de um galo de briga. O suor empapava suas roupas apesar da brisa fresca que soprava do rio Groaíras naquele final de tarde. Fazia mais de uma hora que ele tentava em vão instalar a nova escada em formato de caracol que levaria ao campanário da igreja. A escada antiga dormia próximo ao cruzeiro no patamar da igreja, decrépita, despedaçada e cheia de carunchos. “Diacho, ô coisa complicada de instalar, meu Deus!” Pensou.

Chico Marcolino vinha retornando do seu serviço quando viu a cena inusitada, se compadeceu da imperícia do rapaz e resolveu ajudá-lo. Em questões de minutos a nova escada estava instalada e no prumo. Antes de ir para casa, Marcolino olhou para o sino no alto e quando saía da igreja viu a escada velha destroçada e jogada ao pé do cruzeiro. Virou-se, olhou para a torre do sino e lembrou-se do que presenciara naquele pátio mais de cinquenta anos atrás.

Lembrou-se que jogava futebol no terreno quadrado próximo ao coreto. Subia um bafo quente da terra devido ao barrufo que caíra recentemente e um crepúsculo ensanguentado enfeitava o céu de setembro, quando escutou o sino a anunciar o Ângelus e ficou perplexo, pois o sino estava rouco como um galo gouguento. Ele e todos os seus colegas se viraram para a igreja e fizeram um esconjuro.

Alguns dias depois, a pedido do padre, que estava preocupado de no período da festa da Santa não ter o sino chamando os fiéis, um paroquiano abastado mandou entregar um novo sino na igreja. Logo apareceram curiosos para ver o sino e o padre aproveitou para pedir-lhes que o ajudassem na instalação. Dois jovens parrudos, um de cada lado, pegaram o sino e tentaram erguê-lo e nada conseguiram. Mais dois homens se uniram a eles, mas o sino permaneceu impávido no chão. Dez homens juntos tentaram e nada. O número de curiosos, avisados pelos moleques, aumentou bastante, enchendo todo o pátio da igreja. O pa-





dre exasperado, suando em bicas e vermelho como um peru gritava ordens. De longe, só se viam suas enormes orelhas de abano enquanto ele coçava a cabeça preocupado. Quando alguém gritou alto do meio da balbúrdia em que estava o patamar da igreja:

— Chamem o seu Adenor, que eu tenho certeza que ele leva esse sino!

O vigário chamou dois moleques que estavam ali e os ordenou que fossem à casa do seu Adenor e dissessem que ele estava chamando-o na igreja, com urgência.

Eles saíram em desabalada carreira. Atravessaram o terreno quadrado cercado por um casario baixo e esparsos, passaram ao largo do antigo coreto e entraram numa rua estreita próxima à mercearia do Malaquias Dorotheu. Uns duzentos metros mais à frente, na casa da esquina que futuramente pertenceria à família Vasconcelos, encontraram seu Adenor deitado na sala em uma rede com varandas, matando a tabefes, muriçocas carniceiras.

Esbaforidos, os moleques gritaram em uníssono:

- Chegue! Se avexe, seu Adenor! O padre tá chamando o sinhô ligeiro lá na igreja!

Adenor levantou-se de um pulo, vestiu uma camisa limpa, calçou suas alpercatas de couro cru e saiu calmamente em direção à igreja. De longe ele avistou o adro da igreja apinhado de gente. Quando chegou, as pessoas foram se afastando e abrindo caminho para ele passar. O padre foi ao seu encontro e lhe explicou a situação, apontando para o sino inerte. Ele se colocou ao lado do sino, retirou a sua camisa e as alpercatas, segurou com as duas mãos um encaixe que ficava no topo do sino e, com um movimento de pêndulo do corpo, jogou o sino aos ombros como se fosse um simples saco de algodão. O povo incrédulo bateu palmas. Adenor subiu a escada de madeira de dois em dois degraus. O padre o acompanhou bufando. Ele encaixou o sino na corrente que pendia do suporte de madeira de outras eras, destravou o badalo e entregou a cordinha ao padre, que olhou para o relógio e, com movimentos vigorosos, anunciou o Ângelus. O povo se ajoelhou em silêncio e todos fizeram o sinal da cruz.



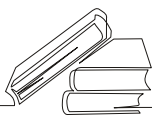
## Aconteceu lá no Sertão do Daniel

*Sônia Lúcia Alvares Fernandes*

Eu estava passando uma temporada de três meses com minha avó, Izaura, vivendo o que posso chamar de dias de ouro da minha juventude, quando recebi a notícia que teria que passar o Natal em São Luiz do Maranhão. Esta era uma ordem imperiosa da minha mãe, vinda do Rio de Janeiro. Recebi a notícia apenas duas semanas antes das festas natalinas. Meu coração afundou. O sertão chorou lágrimas em meu peito. Naquela manhã choveu muito. O rio Acaraú estava cheio. Na esperança, ainda argumentei em desculpas – **“Mas o rio está cheio! Não posso atravessar!”** - A reprimenda veio na hora – **“Não interessa! Atravessa de canoa!”**.

E assim foi realmente.

Fiquei, então, esperando o dia da partida. No dia anterior à minha ida para o Maranhão, a tristeza era minha companheira. Não porque não amasse os parentes do outro estado, mas porque o sentimento da saudade era indescritível em toda a minha alma. Naquele dia, fui me despedindo do carinho da minha avó, da galinha caipira deliciosa, da farofa de ovo que hoje ainda amo, não saí de perto de minha Tia Margarida, pois queria gravar o som de sua risada bem-humorada na minha lembrança e me apeguei mais ainda aos meus queridos primos Maria Izaura, carinhosamente apelidada de “Aiá”; Maria José, também conhecida como “Zezé”; Arnaldo, que vivia com sua esposa, Nilda, e suas pequenas filhas Elayne e Margaridinha; e José Maria, o travesso “Zé Maria”, que estavam comigo no Daniel.



Nós já havíamos combinado de nos reunirmos pela última vez no alpendre da casa da “Mãe Izaura” para esperar as estrelas surgirem no céu e contar belas histórias que reafirmavam o grande amor pelo nosso sertão. Desta forma, no fim da tarde, fui esperá-los no alpendre. Deitei-me relaxadamente na rede de embira e a brisa do fim da tarde me convidou a fechar os olhos. Não sei ao certo e nem sei dizer quando, o fato é que, entre o sono e a vigília, percebi o movimento de pessoas. Pensei serem os meus primos chegando, mas não eram eles.

Na frente da casa da minha vó morava a família do Honório Trajano, filho da minha querida e saudosa Comadre Cota. Na casa moravam ele, a esposa, Alcy, e seus filhos. No entanto, a casa naquele momento parecia diferente. Ela se assemelhava a um estábulo, o que achei muito estranho. Apertei meus olhos duas vezes para me certificar do que via e levantei-me devagar, indo até o portão do alpendre.

A cena que se desenrolava à minha frente era um pouco surreal. Meus olhos buscaram a casa da minha Tia Margarida, que ficava ao lado, e ela não estava lá. A tarde estava findando e as primeiras estrelas surgiam no céu. Então, percebi se aproximando o som de cascos de um pequeno jumento. Na garupa, uma jovem com um bebê nos braços e ao seu lado, puxando o jumento, um rapaz com a pele castigada pelo sol e um aspecto de trabalhador sofrido, característico do torrão nordestino. Nossos olhares se encontraram. Seus olhos eram como um sorriso meigo, que trazia a esperança em seu brilho. A jovem mãe balançou a cabeça, cumprimentando-me em silêncio, e sorriu para mim.

Eles foram entrando naquele estábulo misterioso. Como eu não entendia o que estava acontecendo, segui-os de perto. No meu coração, sentia que aquela cena era muito familiar. A pequena família se alojou. Apesar de parecer não ter nada para comer ou alimentar o bebê, eles não estavam tristes.

Eu ia iniciar uma fala e oferecer alguma coisa, mas descobri que estava paralisada, sem movimentos. Eu só podia olhar e ouvir. Então,



um pouco adiante surgiram três homens de vestes limpas e humildes. Carregavam com eles alguns pacotes, pareciam ser presentes.

No céu brilhou uma forte estrela quase me tirando a visão do momento.

Concentrei meus olhos na cena que se desenrolava: Um homem era alvo como o dia, o outro trazia a cor do entardecer e o terceiro era negro como a noite... Ops! De onde tirei essa descrição? Já os conhecia?

Entraram e cumprimentaram o casal - **“Noite, Cumadre.’, ‘Noite, Cumpadre”**. - Pareciam ser típicos da região, porém nem tanto. Entregaram os presentes, os quais identifiquei como um peixe assado, farinha com rapadura e uma jarra de suco de maracujá, o que eu mais gostava e que minha vó fazia para mim.

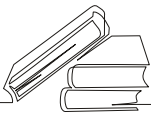
Um dos três misteriosos convidados me notou e, virando-se para o jovem pai, sussurrou enquanto ainda me encarava resabiado: **“Ela vai lembrar? E se ela contar para alguém?”**.

O rapaz sorriu e, iniciando a sagrada refeição entre eles, disse: **“Algun dia, talvez. Ela tem o dom da escrita, mas ainda não sabe”**.

Fiquei surpresa! Por mais que eu me esforçasse, só conseguia olhar e ouvir. Era a única testemunha de uma cena que eu já havia lido e visto encenada muitas vezes durante as festas de Natal. E aquele bebê? Era quem eu pensava? Mas, ali no Daniel? O que estava acontecendo?

Enquanto eles sorriam diante da minha inocente confusão, minha visão foi ficando nublada. Ao longe, ouvi a voz da Zezé me chamando. Quando dei por mim, estava a alguns metros da casa em direção ao caminho do rio Acaraú.

A voz da minha prima me trouxe para a realidade – **“Prima, o que você está fazendo aí na estrada, mulher?”** - Seu tom era alarmado e suas feições eram marcadas pela preocupação. – **“Isso não é coisa para se fazer a essa hora da noite!”** Sim, já era noite, mas estava muito claro, pois o céu era de muitas estrelas e uma belíssima lua iluminava o lugar. - **“Zezé, você viu aquelas pessoas?”**



Ela me olhou desconfiada. - **“Que pessoas?”**

Espantada, olhei em volta e busquei por algum sinal do que tinha visto - **“O casal, o bebê e um jumento. E havia três homens.”** – Nada. Apenas a estrada e o silêncio do anoitecer. Nenhum resquício havia sobrado da minha suposta visão. Zezé também olhou ao seu redor, tentando entender de quem eu estaria falando, mas no fim apenas suspirou e, com um pequeno sorriso, pegou minha mão e começou a me guiar de volta para casa.

- **“Você dormiu e sonhou? E agora é sonâmbula? Venha, vamos sair daqui. A Mãe Izaura não vai gostar de saber que viemos aqui sozinhas e amanhã temos que acordar cedo. Depois você conta essa história direito, só não vá assustar a Aiá com essa coisa de assombração, você sabe como ela é impressionada.”**

No dia seguinte partimos em direção ao Acaraú. Eu e dois dos meus primos íamos atravessar de canoa. Maria Izaura, Vovó Izaura, Tia Margarida, Tio Saldanha, Arnaldo e Nilda de longe nos abençoavam. Eu estava triste e pensativa, mas encantada com o que havia vivenciado na noite anterior. Suspirei fundo e joguei meu olhar em direção à estrada que seguia para o Cariré. Então, vi ao longe a pequena família se afastando e gritei: **“Vejam, lá estão eles de novo!”**

Zé Maria, que sempre tinha alguma piada para contar, não perdeu tempo - **“Prima, reza a lenda que durante os festejos de Natal quando alguém pega muito sol na cabeça, a mente fica perturbada e começa a alucinar. Vê até assombração! Teve um caboclo que disse ter visto Barrabás e Judas correndo longe, lá para aqueles lados das Aroeiras dos Maciéis. Ele foi atrás e nunca mais voltou.”**

**“E como é que você soube dessa história se ele nunca mais voltou?”** – Retruquei, furiosa. Ele apenas deu de ombros e respondeu despreocupado: **“Não sei. Só sei que foi assim!”**.

Zezé riu e, entre risadas e um sorriso meigo, me trouxe para perto com um meio abraço confortante - **“Não presta atenção nele, prima, ele está inventando história igual o Chicó do Alto da Com-**



***padecida. Isso é que dá ter que fazer prova do livro que o Padre Cleano mandou a gente ler véspera de Natal!***". E rimos muito da história, o que aliviou a tristeza da minha partida.

Durante a travessia, em direção à última noite na minha querida Groaíras, não deixei de pensar comigo mesma, enquanto via aquelas três figuras se perderem no horizonte sem fim: ***“Eu não alucinei! Eu tenho certeza de tudo o que vi e ouvi. Isso deve ser um daqueles milagres de Natal que acontecem em lugares abençoados como é o meu Sertão Daniel!”*** E mais, parafraseando uma história engraçada contada pelo meu pai, afirmo dizer que: ***“Se o Espírito não me engana e a Verdade não me mente, Jesus Cristo é Cearense. Só eu sei e só Deus sente!”***



## Meu pai

*Zumira Martins Melo*

Hoje o seu nome é saudade. Saudade que não dá para sentir sem sorrir. As doces lembranças de quem foi o jeito simples, alegre ou triste, cansado ou abatido, seu bom humor era sempre evidente. Imagino-o hoje no céu, lugar de bondade infinita...

Se aqui, suado, sofrido da luta constante de um agricultor castigado de sol e terra seca, conduzia sua família de onze filhos com harmonia. Não lhe faltava ânimo nem disposição para cuidá-los. Bem humorado, saltitante, ligeiro, contando histórias, cantando, criando repentes e fazendo piadas de nossas próprias fraquezas, nos introduzindo no trabalho da agricultura de uma forma tão atraente que fazia nascer em nós o orgulho de sermos trabalhadores rurais, criando um clima de produção dentro de nossa propriedade, subtraindo nossa sobrevivência num tom de brincadeira com competição, entre nós próprios, tirava de cada um o máximo, o espírito de luta, de garra, de conquista e vitória, cujo prêmio era ser o vencedor. Cada um queria ser o mais: o mais inteligente, o mais valente, o mais ligeiro, o mais trabalhador, o mais corajoso. Assim vivíamos até enquanto dependíamos dele.

Um homem íntegro, de alto astral, nunca deixou que sentíssemos carência de nada, pois seu amor de pai e esposo com a união conjugal feliz, durante mais de sessenta anos, supria nossas necessidades e no seu lar existia paz, amor e alegria. Não havia lugar para angústia, estresse, revolta... Termos que só conhecemos aqui fora.

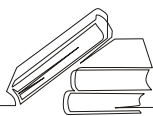
Portanto, meu PAI querido, quero ser seu exemplo. Enquanto vida tiver eu o honrarei com gratidão a Deus por ser sua filha.



Glória a Deus por tê-lo ao seu lado animando à corte celeste somando alegria às maravilhas eternas ao lado de todos os outros pais que aí se encontram.

Nascido em 18 de maio de 1918, em Ererê-CE. Saiu de lá a procura de trabalho, por volta de 1946. Aqui encontrou sua cara metade, minha mãe, Margarida Maria Gonçalves Martins, no sertão Daniel, município de Cariré, onde viveu até seu último dia de vida.

Meu amor, José Martins Cardoso: o Saldanha!





## Eu e o tempo

*Zumira Martins Melo*

O tempo voa! Com ele voam também nossas recordações, ideais e objetivos de vida. Parece que foi ontem que eu, ainda menina, sonhando, idealizando o futuro, cheia de ilusão e fantasia de alcançar o ápice da vida com realizações do jeito que eu pensava. Impetuosa, sem temor, nunca imaginei o passo a passo da trilha pela qual ainda iria passar. Via-me sempre realizada, vitoriosa, como se aquilo que eu gostaria que acontecesse no futuro viesse pronto. De repente me deparei com a realidade, sonhos realizados, família formada com a estrutura que sonhei, mas o inesperado aconteceu. Perdi Minha filha Ionara, num abrir e fechar de olhos, fato que transformou a minha vida porque me sinto hoje incompleta. Onde quer que eu vá, a alegria não é mais a mesma: Acho que nem sei mais sorrir!

Via-me com os meus filhos criados, bem formados, cada qual com sua família; meus netos... Nunca me passou pela cabeça a ideia de perder um deles.

Meu Deus! Só em vós que tudo pode, espero a graça de entender isso. Até agora não sei uma forma de dizer que está melhor depois que minha filha se foi. Cada dia se renova a saudade, aumenta a falta que ela faz. Eu acordo com a imagem dela na mente, como se estivesse vendo-a: franzina, de aparência frágil, porém gigante em competência, personalidade e caráter. Vem uma retrospectiva de tudo que vivemos: na sua infância, muito recatada, obediente, estudante comprometida com a escola; sua juventude, a faculdade, a festa de formatura que ela curtiu intensamente, comemorou a vitória alcançada por realizar o seu grande sonho de se profissionalizar em enfermagem, que ela queria muito.



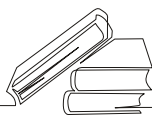
Ingressou no trabalho com o firme propósito de servir a Deus e ao próximo. Mergulhou de cabeça na profissão que ela amava e fez desta e seus pacientes a prioridade de sua vida. Não tinha dia nem hora para atender aqueles que a procuravam.

Casou-se, teve sua filhinha, a quem dedicou todo seu amor durante três anos e alguns meses, mas não teve a sorte de vê-la crescer. Partiu prematuramente.

No dia 23 de julho, data do seu aniversário, vivo um vazio como se faltasse um pedaço de mim. Derramo meus prantos diante do computador, sem remédio ou cura às fendas que sua morte abriu no meu coração.

Com o tempo entendi que na vida não se colhe apenas flores, há também tempestades com chuvas fortes, raios e trovoadas. Tudo ocorre para nos tornar mais fortes.

DESCANSE EM PAZ, MINHA FILHA - IONARA MARTINS MELO.

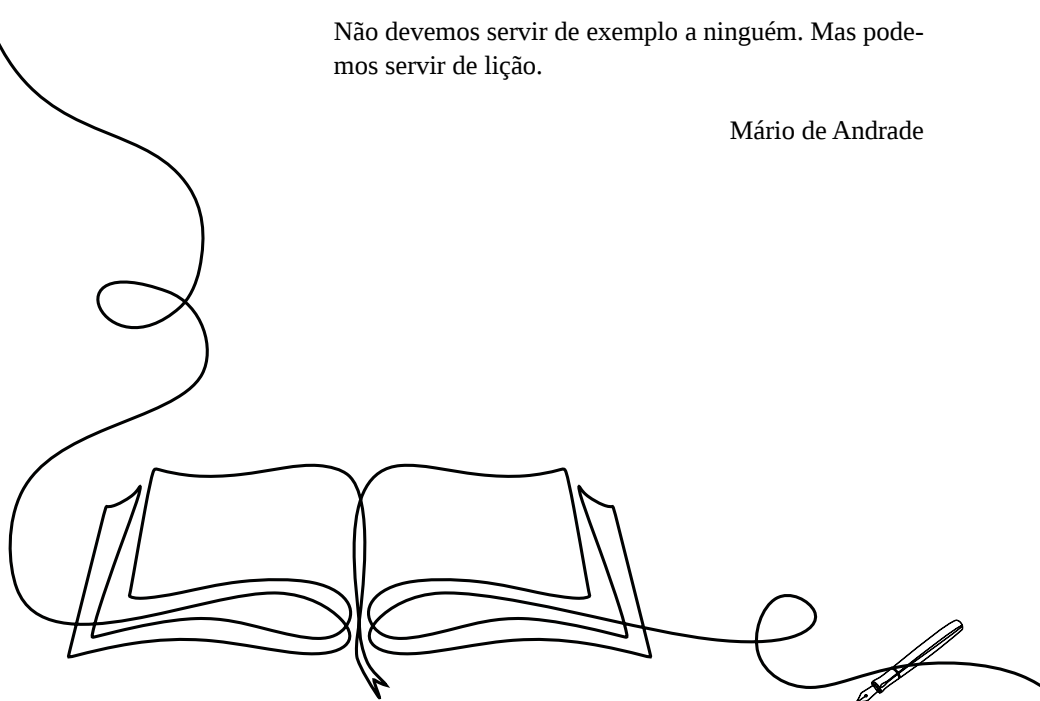


# Parte III

## • ESTUDANTES •

Não devemos servir de exemplo a ninguém. Mas podemos servir de lição.

Mário de Andrade



## Sempre ao meu lado

*Ana Beatriz Albuquerque Mendes de Vasconcelos*

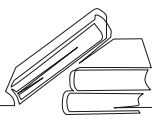
Após o meu embarque para a cidade de São Paulo, onde moro, notei que a passageira ao meu lado era parecida comigo. Tinha o mesmo corte de cabelo e usava quase as mesmas roupas. A imagem de uma irmã gêmea veio-me à cabeça e no meu delírio lembrei de como éramos parecidas na infância.

Meus pais andavam discutindo e não havia nada que eu pudesse fazer. Minha irmã e eu já havíamos tentado uma reconciliação, todavia essa decisão não nos competia. Como despedida, minha mãe sugeriu um último jantar em família. Algumas semanas depois, eu viveria com ela em São Paulo.

No aeroporto eu ganhei outra despedida. Abracei os meus amigos, o meu avô e outros familiares, dos quais recebi alguns presentes. Nunca havia iniciado uma jornada sem a parceria de minha irmã. A última vez que vislumbrara sua presença foi no aeroporto. E, agora, ali, desta vez eu tinha apenas a minha mãe, de qualquer modo, a pessoa mais importante da minha vida.

Faz mais de seis anos e na utopia de meu sonho infantil, compreendo que a imaginária gêmea representava o desejo de identificação com a minha irmã, Ana Clara, presença real de quem não pretendia me afastar.

O tempo passou rápido, colocando em seus devidos lugares situações reais, dando-me a dimensão do quão a condição humana possibilita a mente, tornando-a passível de fantasiar. O tempo passou rápido... como a lágrima que vazou do meu olho.



## O Brasil dos meus sonhos

*Ana Beatriz Albuquerque Mendes de Vasconcelos*

O Brasil dos meus sonhos será um país de direitos iguais para todos. Cada um verá o próximo como se visse um amigo de infância, respeitando as diferenças em todos os aspectos, diferenças tais como: classe social, orientação sexual, credo e quaisquer manifestações que identifique a legitimidade de ser cidadão. A educação básica será plenamente alcançável em todas as escolas públicas, que atingirão o potencial de uma escola particular e todo brasileiro exercerá a cidadania em sua plenitude.

O Brasil dos meus sonhos será um país desenvolvido. Nele as cidades serão limpas e seguras, onde poderei, finalmente, chamar amigos para brincar até tarde da noite na rua, se assim o preferir e meus pais permitirem. No sonho de um futuro melhor, vejo outras crianças recuperando a infância que nunca tiveram e vivendo um futuro de oportunidades e esperança.

No Brasil dos meus sonhos haverá bibliotecas públicas e leitura de qualidade em todas as cidades. As feiras de troca de livros são eventos populares que ocorrem com frequência.

No Brasil dos meus sonhos, todas as profissões serão respeitadas, pois seus profissionais as exercerão em sua plenitude, cada um, se negando ao arremedo do improviso, terá a possibilidade da especialização em qualquer que seja a categoria representada.



## A vida que levo e a que levarei

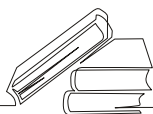
*Ana Beatriz Albuquerque Mendes de Vasconcelos*

Eu sou Ana Beatriz, tenho treze anos e moro em um apartamento com a minha mãe, Luciana, e minha irmã “por parte de mãe”. O nome dela é Clara! Meus pais são separados e ambos são policiais. O meu pai, Erivaldo, mora noutra cidade e os demais familiares no interior.

Eu estudo pela manhã, contudo, também tenho aulas extras às quartas e aos sábados e curso de língua estrangeira às terças e às quintas. Sempre fiz atividades esportivas: natação e karatê, porém, parei e estou decidindo o que praticar. Uma modalidade diferente para, diante de mais possibilidades, inovar e descobrir os meus reais gostos.

Todos os dias eu me esforço para cuidar de minhas responsabilidades, na busca da garantia de um futuro tranquilo. Este é um assunto que levo bem a sério, porque estou decidindo o que irei fazer ao longo da vida. Quando terminar a faculdade, penso em trabalhar como Engenheira Civil e levar uma rotina rígida.

Não tenho em mente, ainda, construir uma família, mas sim dedicar-me a Projetos que se enquadrem nas Ciências Físicas. Além disso, também quero melhorar as minhas habilidades em Desenho, poder ler mais Clássicos da Literatura e estudar Produção Audiovisual.



## A cadeira mágica – 2

*Evison da Silva Soares*

Depois da cadeira simplesmente sumir, e a turma ter ido embora, algum tempo depois, voltaram ao local. Então aquele maravilhoso quarteto adentrou na casa. Ana, como sempre, muito inteligente, achou uma fórmula da cadeira. E não é que eles pegaram os ingredientes pedidos no papel? Assim, como que num passe de mágica, a cadeira apareceu na frente deles.

Pedro, como sempre muito danado, foi logo fazendo seu pedido:

— Quero um vídeo game!

No entanto, ao invés de aparecer um videogame, foi ele Pedro, que virou um sapo. Todos ficaram muito assustados, menos Ana, que logo falou:

— Minha gente, calma! É preciso falar as palavras mágicas: “cadeira, quero desejar de uma só maneira”. Não é que Pedro virou humano novamente!

A cadeira brilhou com intensidade e Ana se sentou, usando a sua inteligência, fez um pedido inusitado:

— Cadeira, quero fazer dois pedidos.

A cadeira logo disse:

— Claro, você merece!

— Primeiro: Que a nossa amizade dure para sempre. Segundo, quero uma caixa de chocolate, ENORME! – Disse Ana.

Todos ali ficaram emocionados e não quiseram mais fazer nenhum pedido... Assim, saborearam os chocolates, que pareciam estar deliciosos, e foram embora felizes.



## Um passeio muito legal

*Evison da Silva Soares*

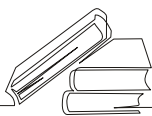
O menino na janela  
Logo apareceu,  
E no céu de estelas  
As assas bateu.

No dia seguinte no céu  
Continuou numa nuvem  
Escura logo se abrigou  
Olhou para lá e para cá  
Mas nada conseguia enxergar.

Logo se agoniou  
E para cada  
Logo votou  
Sentado e aconchegado  
Cochilou no jardim  
Em cima do pé de capim.

A lua cheia apareceu  
Na hora que anoiteceu,  
Voou pela janela novamente  
Os olhos começaram  
A se abrir levemente

Para a cozinha caminhou,  
Logo, para o seu avô contou  
Sobre a noite de aventura  
Que ele sonhou.





## A flor indelicada

*Flávia Rislaine Carvalho De Jesus*

Não era desejada,  
Amada,  
Nem sequer,  
Regada,  
Foi o patinho feio  
Da história.

Acaba  
Sem cor  
Que restou?  
Só dor.

Nemo sol a queria  
Nem sequer,  
A iluminava.

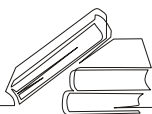
O que será  
Dessa pobre flor  
Se não for  
Regada?



## Nordeste

*Flávia Rislaine Carvalho De Jesus*

Aprendi que nada se ganha fácil  
Meus avós quem me ensinou  
Vim uma família digna  
Nunca tive o que eu quis  
Mas o pouquinho que eu tinha  
Já me deixava feliz.  
Humilde?  
É o que somos  
E isso fez ser, quem eu sou.  
A minha pele era branca  
Mas por conta do sol  
Amarelou...  
Muitos estranham nosso sotaque  
Até julgam  
Mas eu tenho orgulho de dizer  
Se para ti tem algum problema  
O único problema é você!  
Mar minino...  
Não julgue o meu Nordeste  
Pois sou cabra da peste  
Sou nordestino!



## A Voz do Silêncio

*Gabriele Vasconcelos Paiva*

Minha voz é o silêncio,  
Que ecoa em cada canto,  
Ninguém me dá ouvidos,  
Me sinto um mero quebranto.

Mas não me subestime,  
Pois o silêncio é minha arma,  
Observo tudo ao meu redor,  
Nada passa sem minha chama.

Então ouça o que digo,  
Pois minhas palavras são poucas,  
Mas carregam um peso desmedido,  
E em sua mente ecoam, roucas.



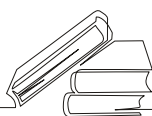
## História do pobre ao milionário

*Guilherme Nathan Lima da Conceição*

Era uma vez, um menino chamado Gabriel, ele tinha seus 11 anos e morava em uma favela do Rio de Janeiro. O sonho dele era dar uma vida melhor para sua família. Pensava como faria para tirar seu pai e sua mãe daquela vida, pois havia dias em que nem café tinham para tomar.

Após transcorridos dois anos, Gabriel, agora com treze anos, resolveu juntar seu próprio dinheiro para comprar um celular. Após muita batalha, fretes e engraxes de sapatos, depois de transcorrido um ano, ele havia juntado R\$: 11.400,00 e conseguiu comprar seu smartphone e ainda sobrou R\$: 250,00 Reais para fazer a feira.

Ao chegar em sua casa, já foi logo pesquisar como ganhar dinheiro e ele começou a assistir Kayky Janiszewskis, o cara que ficou milionário aos 16 anos e comprou sua Ferrari aos 18. Gabriel seguiu os mesmos passos e quatro anos depois ele já estava milionário, conseguiu seu primeiro milhão de reais e foi morar em Alphaville com seu pai e sua mãe e lá viveram felizes e ricos para sempre.



## Família na escola

*Guilherme Nathan Lima da Conceição*

Oi, prazer! Para quem não me conhece, meu nome é Guilherme Nathan. Sou estudante do Centro Educacional Zenor Pereira Teixeira, que para mim é uma honra ter minha família junto com a escola. A minha família me acompanha nessa jornada, nesse mundo de aprendizagem, e é sempre importante ter essa união entre a escola e a família. Ter essa força é muito importante, já que são duas famílias em uma só, a família na escola é Super importante. Eu adoro essa conexão, o que me ajuda a ter um desempenho melhor. Eu gosto de conversar na sala de aula, mas uma coisa eu aprendi, sei que não é proibido conversar na escola, no entanto, podemos conversar na hora e no tempo certo para não atrapalhar os coleguinhas. Você, aluno do Zenor, você é meu amigo, eu amo a família ZPT. Que pena que já chegou ao fim! Amei falar o que sinto. Que você tenha um bom dia, tchau!



## Carta aberta à Saúde

*Isabela Silva da Hora*

Segunda-feira, 8 de maio de 2023

Precisamos de atendimentos mais descentes! Muitas pessoas precisam de olhares especiais, como todos nós queremos o olhar de vocês, gestores, como nós elegemos vocês, queremos pessoas qualificadas para os cargos e com educação, pois muitas vezes somos maltratados e respondidos com ignorância.

Vivenciamos muitos estados precários de pacientes na fila de doações de órgãos. Precisamos de mais organização, chega de descaso! Por mais prefeitos com consciência para nomear secretários!

Isabela Hora

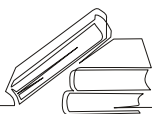
## Maria Bonita

*Isabela Silva da Hora*

Ela já foi o amor de um cabra arretado  
O amor do rei do cangaço  
A sua primeira aventura  
Mulher de alma linda e pura

Do sertão do Nordeste  
Presente na malhada caiçara  
Terra de mulher valente  
Que o sertão invocara

Moça de família humilde  
Pois creio eu e você acredita  
O nome dela é Maria Bonita



## A Comunidade Colônia

*Janaine da Silva Santos*

Sobre a minha comunidade vou falar  
Daquilo que antes não existia  
Posto de saúde, calçamento, asfalto,  
E MacPot Assessoria

Aparelho celular, e televisão  
Nem podíamos imaginar  
Hoje temos quadra, poços e Associação  
Estamos além do que poderíamos sonhar

E tudo isso existi hoje na nossa comunidade  
Que é um lugar bom e bonito, interessante de verdade  
E também tem várias coisas legais, é brincadeiras  
De queimada, esconde-esconde e até rouba bandeira



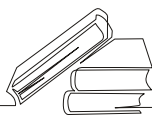
## São João

*Janaine da Silva Santos*

São João é dia de alegria  
Para todos tem brincadeiras  
Tipo quadrilha, roda e fogueiras

Têm festas juninas, tem comidas típicas  
Mungunzá, arroz-doce  
Bolo de milho, maçã-do-amor  
E paçoca a Quilo

Tem canjica, pamonha e milho  
Pescaria, balão, bandeirolas  
E chinelo de couro  
Nos pés dos rapazolas  
O São João do Nordeste  
É mesmo um estouro.





## O mundo está doente

*João Pedro Braga Melo*

O mundo está doente,  
E isso infecta a gente.  
As pessoas não sabem mais o que é o amor,  
Eles só transbordam rancor.

O homem trata a mulher como objeto.  
O mundo não sabe o que é respeito.  
A religião virou algo ultrapassado,  
Mas na verdade quem assim pensa é que é desantenido.

A palavra empatia não existe mais,  
Agora é o ódio que aumenta cada vez mais.  
Nesse mundo ganancioso,  
Tem muito coração rancoroso.

Hoje a cor de pele define caráter,  
Pois o mundo só julga o ter, não mais o ser.  
Mas há esperança, de um mundo sem dor e rancor,  
Basta que saibamos o que é amor.



## Tempos de criança

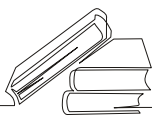
*José Hyago da Silva Farias*

Sentada em frente à minha casa, observo a criançada de hoje em dia e fico impressionada com a facilidade com que vivem nesta atualidade. Com o avanço da tecnologia, as crianças que antes não ficavam em casa, seja por necessidade de sustento ou apenas buscando diversão, agora passam a maior parte do tempo “com a bunda enfiada no sofá”, buscando apenas a gratificação instantânea proporcionada por vídeos ou jogos que não trazem nenhum benefício real.

Eu nasci em uma casa de taipa no Morro, interior de Groáiras. Meu pai trabalhava principalmente na roça e minha mãe cuidava dos afazeres domésticos. Sendo a mais velha de nove irmãos, fui obrigada desde cedo a assumir responsabilidades para as quais, devido à minha pouca idade, ainda não estava preparada. Isso incluía desde a limpeza da nossa casa até ajudar meu pai em seu trabalho no campo. No entanto, todas essas dificuldades desapareciam quando chegava o fim de semana. Passar o dia brincando me fazia esquecer qualquer preocupação e me sentia verdadeiramente livre, vivendo plenamente minha infância.

As condições de nossa casa, tanto financeiras quanto de moradia, eram extremamente precárias, mas sempre seguimos em frente, esperando que o próximo dia fosse pelo menos um por cento melhor do que o anterior. Tínhamos fé e isso era o mais importante para nós. Acredito que esse ambiente, embora difícil, ajudou-me a desenvolver caráter e aprender lições que levo para a vida e compartilho com meus filhos e netos. Procuo ensiná-los da mesma forma como um dia fui ensinada, valorizando a persistência e a gratidão.

Sigo minha vida desta forma, desejando apenas que eles desfrutem o melhor que essa vida pode oferecer, mesmo que eu não esteja presente em toda a jornada deles neste mundo. Acredito que esse seja o trabalho de uma mãe.



## Carrossel

*Júlia Beatriz Carvalho de Menezes*

Quando falo em carrossel  
Só me lembro do céu  
Quando falo em céu  
Só me lembro do sol  
Quando falo em sol  
Só me lembro do girassol

Que gira, gira pro sol  
Que é o carrossel dos animais  
Quando ele gira, todos cantam bem assim:

Vai girando, vai girando girassol  
Girando olhando pro sol  
E feliz como o céu.



## Povos Indígenas: Minha Preocupação

*Kaio Marques Borges de Sousa*

Os índios estão vivendo uma crise humanitária por causa do garimpo ilegal. Isso, com certeza, deve ter afetado os povos originários. Principalmente no que se refere à saúde. Este problema me deixa preocupado com as mais de trezentas etnias existentes no Brasil. Os garimpeiros invadem os territórios, sobem os rios, desmatam derrubando árvores de grande porte e ainda trazem doenças para estes povos. Por isso, tem que haver políticas públicas para a saúde dos indígenas. E, além disso, o Poder Público tem que preservar as terras deles, porque de acordo com a Declaração das Nações Unidas Sobre o Direito dos Povos Indígenas, o certo é que tenham seus habitats seguros e recursos para a sobrevivência neles.

Mas o que um índio pensaria sobre isso? A indígena Kaê Guajajara, uma escritora, fez uma música chamada “Resiliência”, que fala sobre o tema, quando diz:

“Eu sou o caminho que se abriu  
Depois que o fogo se alastrou  
Pulso rítmico da natureza individual.  
Sobrevivente do maior genocídio  
Em tempo e número”

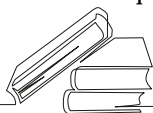
(...)

Outro trecho da música diz o seguinte:

“Eu vejo os pássaros cantando  
E me pergunto:  
Será que um dia eu vou cantar assim também?”

Que seja! Os pássaros cantam livres e ela também quer ser livre, pois ela se pergunta se um dia cantará como eles.

Temos que nos preocupar com os índios, senão, quem vai?



## Amor

*Karen Terezinha Alves Albuquerque*

Um amor verdadeiro  
Faz sentir-nos por inteiro  
Esse sentimento intenso, forte  
Que muitos têm a sorte  
De achar um e ser feliz  
E de ter a vida que sempre quis

Um sentimento que também faz sofrer, chorar  
Mas, sempre tem alguém para o coração alegrar  
A dor da primeira desilusão  
É uma dor forte, parece que foi destruído o coração  
Pensamos que nunca vamos superar  
E viver em eterna solidão

Mas, sempre tem alguém que nos chama a atenção  
Me sentia só, isolada  
Achando que nunca ia ser amada  
Até que, de repente, ele chegou...  
E esse pensamento, com o tempo, mudou

Com ele me sinto protegida  
No meio do seu abraço me sinto acolhida  
E tirou-me do peito aquela dor



## A Amora

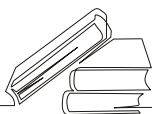
*Luís Felipe de Aguiar Menezes*

A história de Amora começa do meu costume de viajar para a casa de meu avô. A pobrezinha já nasceu órfã, sua mãe morreu dentro da casa de um homem, que era uma boa pessoa, pois amava os animais.

Em uma das idas para casa do meu avô, passei um ou dois dias, visitei um cachorro preto, bem magro, e decidi alimentá-lo. Enquanto o pobre cãozinho comia, avistei uns gatos e resolvi ajudá-los. Bom, todas as vezes que eu ia para lá, os alimentava.

Certo dia, resolvi adotar um animal e, mesmo procurando em lugares de adoção, não encontrava nenhum animal que gostasse. Então, quando chegou o feriado, eu só pensei em ir para casa do meu avô.

Assim que cheguei, fui onde encontrei os gatos e, achei um filhote perfeito, que chamei de Nino. Com uns três meses, percebi que era uma fêmea e decidi chamá-la de Amora.



## Problemas Sociais

*Maria Amanda Alves Melo*

Os problemas sociais  
Não são poucos nesse mundo  
Trazem graves consequências  
Quando se toca no assunto  
São várias categorias  
Que entram nesse conjunto.

Existem muitos fatores  
Várias coisas vem em vão  
Tem pobreza, desemprego  
Racismo, desnutrição  
Habitação precária  
Também discriminação.

E todos esses problemas  
Atingem a educação  
Já que tudo isso ocorre  
Dentro da escola então  
E sobre alguns assuntos  
Esses versos falarão.

Na educação há coisas  
Que não eram para ter  
Racismo e desigualdade  
Não param de acontecer  
Todos os dias lutamos  
Para isso perecer.

O fato de não ser igual  
É a maior causa do racismo  
Crianças e adolescentes  
Sofrem por causa disso  
E por esse motivo  
A maioria abandona o ensino.

Os principais julgamentos  
São por condições e cor  
E até o local de morada  
Mas não fazem o favor  
Que ao invés de coisas ruins  
Espalharem o amor.



## Meus Desenhos

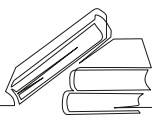
*Maria Clara Dias Prado*

Eu faço desenhos perfeitos, Mas às vezes eu não termino, Quando termino eles ficam feitos.

Eu também tenho criatividade, Para novos personagens e criaturas, E faço misturas.

Gosto de desenhar, E de ter adesivos, Acho muito difícil eu deixar de pintar.

Acabei de falar a história das minhas pinturas, Que ganha vida com minhas mãos, Ao criar personagens e criaturas.





## Grito de Mulher

*Maria de Fátima dos Santos Pereira*

Eu não vim da sua costela  
Você que veio do útero de uma mulher  
E acredite se quiser!

Não pedi sua opinião para me dizer  
O que vestir ou não, eu não tenho dono  
E se discordar, te abandono.

Te servir não é meu dever  
Muito menos minha obrigação  
Aliás, você não é meu patrão.

Me chame de feminista  
Ou do que quiser,  
Nem por isso sou menos mulher.

Se ponha no seu lugar  
Se quiser uma empregada  
Vá depressa trabalhar,

Mas talvez ela peça demissão,  
Quem vai querer você como patrão?  
Lugar de macho escroto é na prisão ou no caixão  
No lugar daquela mulher que a vida você interrompeu.

Mariele, Dandara, vocês nunca serão esquecidas,  
Vocês viraram anjos, encontro com vocês em outra vida.



## Os animais

*Maria Helena da Silva Rodrigues Silva*

Um ser *animalzinho* de quatro patas, que gosta de amor, carinho, que ama brincar, às vezes são danadinhos, é bem verdade, no entanto são alegres e inteligentes, tanto que tem hora que até perece gente.

Alguns desses *animaizinhos* se tornam os nossos melhores amigos, pode até não parecer, mas eles também têm sentimentos, uns são mais calmos e outros bem bravos, mas são animais que precisam de atenção. Dá para imaginar que existem pessoas que não gostam deles? Talvez seja por isso que os abandonam nas ruas, essas pessoas não têm coração, e se têm, deve ser de pedra.

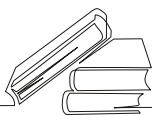
Pobrezinhos! Eles não têm culpa alguma dessa *gente má* ser assim, de humor ácido. Por sorte, temos pessoas amáveis que gostam deles, e por isso os acolhem em seus lares, dão comida, carinho e muita atenção. Acredito que isso torna o nosso mundo um pouco melhor, tomado de pessoas boas, alegres e gentis.

## O menino sonhador

*Maria Helena da Silva Rodrigues Silva*

Um menino muito pobre sonhava em ser escritor, mas, naquele tempo, seus pais não tinham muita condição. Ele tinha só um pequeno livrinho que ganhou do seu pai. Ele gostava muito de história em quadrinhos. Quando seu pai ia na cidade e tinha dinheiro, seu pai comprava livro de história em quadrinho. Quando seu pai voltava da cidade e levava os livros para ele, ele ficava muito feliz. Sempre que seu pai ia era a mesma coisa, até que um dia ele resolveu escrever sua própria história. Ele escrevia palavra por palavra até que formou um pequeno livro. Quando ele fez 19 anos, publicou seu livro, e o livro fez muito sucesso. Aos 25 anos ele fez sua própria loja, que tem todos os seus livros de sucesso e seu sonho se realizou.

Moral: Nunca desista dos seus sonhos, pois um dia ele vai se realizar.



## Terra de Encantos

*Maria Stefany da Costa Oliveira*

Groaíras, cidadezinha do interior do Ceará  
É um ótimo lugar para se morar.  
Terra de um povo hospitaleiro,  
Que trabalha e acolhe o tempo inteiro.

Um lugar que é bonito e animado.  
Quem por aqui passa fica apaixonado.  
Pequena e pacata, esta é a minha cidade  
Que a todos transmite tranquilidade.

Com belezas naturais de se admirar,  
Possui famosos três rios para se encantar.  
Nossas praças são alegres e floridas  
E as pessoas que aqui moram, muito queridas.

Chegando outubro, é época do groairense celebrar  
A tradicional festa do Rosário, para a virgem venerar.  
É um período de muita fé e louvor para a população,  
É época de alegria, reencontros e confraternização.

“Grogró de Mel”, minha cidadezinha,  
Embora sendo ela tão pequenininha,  
É um reduto de inúmeros e vastos talentos,  
Que juntos fazem acontecer importantes eventos.

O meu amor por esse pedacinho de chão  
É tão grande, quase nem cabe no coração  
Pra sempre irei me lembrar e homenagear  
Esse majestoso lugar que é único de se morar.



## Mãe Querida

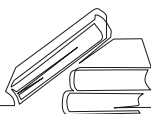
*Maria Stefany da Costa Oliveira*

Mãe, minha amiga querida  
Que me ensina sobre a vida  
Com amor e compaixão,  
Pois é dona de um imenso coração.

O seu beijo carinhoso,  
O seu sorriso maravilhoso,  
O seu abraço quentinho  
Têm o aconchego de um ninho.

MÃE, 3 letras com significado sem igual  
Onde o amor é incondicional.  
Mãe, uma mulher guerreira,  
Que pelos seus filhos supera qualquer barreira.

Mãe é nome bendito,  
Que transmite um valor infinito.  
É força, amor, perdão, resistência...  
Cuidando dos seus filhos com muita paciência.



## Arte

*Maria Taysla Silva Sá*

Pode expressar sentimentos  
Transmitir alegria ou tristeza  
    Para termos clareza  
    Que arte e libertação  
Para sermos quem quiser  
    E termos aceitação  
    Diante ao que fizer  
Ser livre para imaginar  
    E fazer o que te alegria  
Pois arte pode levar pessoas a amar  
    Sem nenhum tipo de regra  
    Arte é dança  
    É música e ou pintura  
Onde se sentimos novamente criança  
E onde sentimos adrenalina e vemos cultura  
    A arte e o que fazemos  
    E construímos também  
Nos que trazemos a arte não reconhecida  
    Que traz a paz, alegria e harmonia  
    Onde é oferecida  
O que precisamos de verdade que é alegria  
    E olha que nem é ironia.



## Carta de Amor

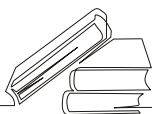
*Maria Taysla Silva Sá*

Todas as cartas são belas  
As mais belas e aconchegantes  
Como magníficas estrelas  
São as que nelas se sentem  
O amor dos mais brilhantes

Transmitido pela escrita  
De uma pessoa apaixonada  
Que fala até de batata frita  
Para ter assunto com a pessoa  
Onde sempre é mencionada

As cartas de amor  
Talvez sejam ridículas  
Mas, só pessoas que não escrevem  
É que são Realmente são ridículas

Pois não podem sentir o calor  
Contidos nas carta de amor  
Nos abraço de pessoas  
Entrelaçadas e apaixonadas.



## Minha maior saudade

*Marília Damasceno Sousa*

Todas as noites ainda penso em você.

É difícil você ter que lidar com a saudade roendo dentro de você e saber que nunca mais vou vê-la. Eu não estava preparada para sentir isso e num piscar de olhos a senhora se foi. Não entendi na hora e fiquei me questionando, por que logo você?

— Vó, a senhora foi alguém que me amou como ninguém nunca me amou. Era um amor tão puro que não sou capaz de descrever como era lindo o seu amor de avó por mim, sua neta.

Ainda acho que vou chegar na sua casa e te encontrar na cozinha fazendo aquele café que só você sabia fazer.

Você partiu deixando muita saudade no meu peito, e pensar que não terei mais o seu carinho, sua companhia, sua atenção, causa uma dor enorme em meu coração.

Guardo as melhores memórias. Recordo como foi importante ter você na minha vida, pois você me viu crescer em todos os sentidos. As histórias maravilhosas que contava todos os dias jamais serão esquecidas.

Sempre vou recordar de você, com aqueles cabelinhos grisalhos, brancos como neve, com aquele sorriso radiante, dos seus olhos claros como a luz do Sol, do seu coração bondoso, das suas palavras sábias. Você foi uma verdadeira lição de sabedoria para mim e a minha maior inspiração. Tudo que me resta agora são memórias, fotografias, músicas que fazem lembrar de você.

Obrigada por compartilhar sua vida comigo, por ter me ensinado o grande significado da vida e por ter me dado tanto amor!

Você vai estar para sempre no meu coração...



## O Sofá

*Micaely Ludhimila Santos de Lima*

Antes seus músculos eram fixos e duros quanto as rochas. Sua pele externava beleza e fulgor, fora até cantinho de amor. Seus braços eram firmes e fortes. Suas pernas robustas e torneadas eram bronzeadas pelo verniz da juventude.

Implacável tempo, com alguns até flexível, já com outros... Hoje, os seus estofados estão flácidos. O brilho de sua couraça fora rasgado e ofuscado pelos anos. Seus braços trincados enfraqueceram. Suas pernas ficaram tortas e bambas. E suas almofadas? Antes eram aconchegantes e macias, hoje, ficaram murchas e emboloradas.

É, meu velho amigo sofá, o tempo também lhe deixou cicatrizes!

## A Família na Escola

*Micaely Ludhimila Santos de Lima*

O Zenor é um ambiente escolar  
Que nos ensina as disciplinas  
A nossa casa, é um ambiente familiar  
Que serve para nos educar

Na família aprendemos  
A ter Bons modos e educação  
Na Escola aprendemos  
As disciplinas da construção

E quando essa duas se juntam  
Fazem crescer o saber  
Melhorando a nossa vida  
E nosso modo de viver





## A girafa e a zebra

*Natanael de Santos Silva*

Em um belo dia na floresta do zoológico, Dona Zebra perguntou para a Dona Girafa:

— Olá, Dona Girafa! Onde você mora? A girafa responde:

— Eu moro do outro lado dessa floresta.

A Dona Zebra tem dúvidas sobre o porquê de a Dona Girafa vir do outro lado da floresta para este lado de cá, todos os dias. Nisso, a Dona Zebra se despede de Dona Girafa e segue sua vida.

— Pois é, Dona Girafa, eu vou embora. Está ficando meio tarde e eu não posso me demorar. Qualquer dia desses voltamos a nos encontrar. A Dona Girafa maneia com a cabeça, em gesto de despedida.

— Tchau! Eu também não posso demorar para ir para casa, eu moro longe, por isso não posso me demorar muito. Qualquer dia desses voltaremos a nos encontrar em algum lugar.

Passou-se um tempo e a Dona Zebra e Dona Girafa se encontram muitas vezes depois do primeiro encontro. Certa vez, durante um desses reencontros, a Dona Zebra e a Dona Girafa se desentenderam um pouco e brigaram. A Dona Zebra, como estava com muita raiva, falou assim para Dona Girafa:

— Você é burra! Vem do outro lado da floresta para ficar atrapalhando o nosso lado.

Dona Girafa, muito triste, sai correndo para o seu lado da floresta. A Dona Zebra, arrependida do que havia dito, para se desculpar acompanha a Dona Girafa até a sua casa, e mais ou menos uma hora depois, quando chegaram lá, Dona Zebra viu que a casa da Dona Girafa era



muito humilde. Aquele lado da floresta era seco, vazio e sem vida. As famílias dos animais que moravam naquele lado da floresta eram muito pobres. A dona Girafa só ia para o outro lado da floresta para conseguir comida para ela e para a sua família. A Dona Zebra não poderia imaginar que a Dona Girafa vivia na precariedade, já que eles viviam em um local sem vida, seco e muito humilde. A Dona Zebra, bastante triste consigo mesma, foi até a Dona Girafa se desculpar:

— Dona Girafa, me perdoe pelo que eu falei sobre você! Eu estava com raiva do mundo e descontei em você. Não pensei antes de agir e também não sabia que sua vida era assim. Se eu soubesse, com certeza não tinha falado aquelas coisas e ainda ajudaria a trazer comida para vocês. Me perdoe as palavras equivocadas!

A Dona Girafa, com a humilde que lhe é peculiar, responde:

— Eu te desculpo sim e agradeço muito a sua ajuda para trazer mantimentos para a minha família. Se você puder fazer isso, lhe serei eternamente grata.

Depois desse dia, a Dona Zebra começou a ajudar a Dona Girafa a levar mantimentos para o seu lado da floresta, fazendo com que ela plantasse as mais diversas plantas, fazendo com que o lado da floresta habitado pela Dona Girafa virasse o melhor local da floresta. Nisso, a Dona Zebra ajudou bastante, tanto que se mudou para o outro lado da floresta e passou a viver na companhia de sua amiga, Dona Girafa, e assim viveram felizes para sempre.

Moral da história: Nunca julgue ninguém sem saber o que ela passou ou está passando.



## O tigre e o rato

*Natanael de Santos Silva*

Era uma vez, um tigre chamado John. John estava cansado das suas caçadas, pois havia caçado muitos animais. Nisso, um grupo de seis ratinhos passou ao lado de John, que estava deitado na relva. Então um dos seis ratinhos, o de nome Arthur, passou por cima dele. Nisso, o tigre pegou um dos seis ratinhos que estava passando e eles conversaram:

— Eu sei que eu não valho nada para você, então me solte – Disse o rato Arthur.

— Rato, você não me vale nada, não dá nem para o começo, por isso, eu vou te soltar – Falou o tigre.

Naquele momento, alguns caçadores estavam caçando pelas redondezas da floresta que o tigre e os seis ratinhos estavam. John saiu em busca de alimento, pois estava com fome, e o ratinho Arthur era muito pequeno e muito magro para aquele velho tigre.

Então, o tigre caiu em umas das armadilha de cordas dependurada numa árvore. As cordas caíram em cima dele. Os caçadores não deram por conta de John.

Nisso, o ratinho Arthur lembrou de que o tigre o poupou, então o ratinho chamou os cinco ratinhos amigos dele para ajudá-lo a soltar o tigre da armadilha dos caçadores. E começaram a roer as cordas com seus dentes muito afiados. Por fim, os ratinhos tiraram o tigre da armadilha dos caçadores e cada um seguiu seu caminho depois do acontecido.

Moral da história: uma boa ação traz outra boa ação, pois nós somos todos iguais.



## Família na escola

*Priscila Lopes da Silva*

A família na escola e mais educação  
E ter bom comportamento e aprendizagem  
Estudar para ter maior compreensão  
Na escola, as matérias nos ajudam a ter coragem.

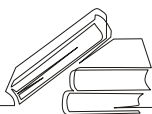
A escola e a educação se leva no coração  
Tudo isso nos serve de aprendizagem  
A escola e a família em união  
Ajudam no discernimento, na interpretação.

## Felicidade

*Priscila Lopes da Silva*

A felicidade é feita de coisas boas  
Como carinho, amor, respeito, consideração  
E ter amor pelo próximo e desejo de viver  
De alma lavada no coração

A felicidade é para ser dividida  
Entre as pessoas  
Felicidade é sinônimo e não ilusão  
Carinho e amor pelas pessoas  
É aprender que sempre devemos pedir perdão



## A Princesa Audrey

*Rayane Pereira Paiva*

Há muito tempo, num reino chamado Glosangeles, o rei Estevam e a rainha Alice tiveram uma filha que nomearam de Audrey. A garota puxou os cabelos ruivos de seu pai e os belos olhos verdes de sua mãe e tinha lábios vermelhos como sangue e uma pele bem branquinha como as nuvens. Todos no reino ficaram muito felizes com o nascimento da princesa, pois agora o reino teria uma nova herdeira para o trono.

A princesa cresceu sendo amada por todos que a conheciam, quando completou sete anos seu pai havia lhe entregado um colar mágico, que continha um diamante que era uma chave para poder abrir o portal para a floresta encantada e lhe dava o poder de compreender o que os animais diziam.

A maior parte de sua infância, Audrey foi brincar na floresta encantada com seu pavão, o Duque, e sua macaquinha, a Duquesa. A princesa fez vários amigos na floresta, como a fada Lilly, a princesa das fadas, a sereia Jasmine e outros.

### 10 ANOS DEPOIS

— Audrey, minha querida, precisamos fazer essa viagem para falarmos com o rei Hiram. Disse a rainha Alice.

— Não sei não, mãe, não estou com bom pressentimento sobre essa viagem.

— Vai ficar tudo bem, minha linda princesa. Daqui a três dias voltamos. Disse o rei com seu tom de voz sereno.

— Ok. Esperarei vocês.



— Tchau, filha! Se cuida! Fala a rainha Alice, dando-lhe um abraço.

— Tomem cuidado!

A princesa Audrey apenas sorriu e seguiu seus pais até a carruagem.

— Alteza, você não vai voltar para dentro? Perguntou um dos guardas reais.

— Irei à floresta falar com a rainha Estela. Cuide do castelo! Caso aconteça alguma coisa, me avise imediatamente!

— Sim, mas Vossa Alteza sabe que não pode ficar saindo do castelo quando o rei e a rainha estão fora.

— É... Sei, mas já volto, prometo que é coisa rápida!

— Certo.

A princesa, ao chegar numa parte da floresta com seu cavalo, parou bem em frente a uma muralha enorme. Neste momento, um raio do sol atingiu seu colar e uma grande porta se abriu no meio daquela muralha. A princesa entrou com Lírio, seu cavalo, rumo ao castelo. Quando chegou, entrou às pressas à procura da rainha.

— Rainha Estela, desculpe incomodá-la, mas gostaria de falar uma coisa com você.

— Olá! Querida, não está me incomodando. Adoro conversar com você, mas parece estar um pouco preocupada. Diga, meu bem! — falou a Rainha.

— Rainha Estela, meus pais foram viajar, mas sinto que algo está errado.

— Oh, querida! Sei que você está sentido medo, venha cá e deixe-me dar um abraço! Você gostaria de tomar um chá de ervas comigo, querida?

— Pode ser, preciso tirar isso um pouco da minha cabeça. Você sabe onde está Lilly?

— Até eu gostaria de saber por onde anda minha filha, mas ela saiu um pouco mais cedo dizendo que ia para o jardim dançante, mas você a conhece, até Lilly chegar ao seu destino... A Princesa Audrey é coisa rápida.



— É... realmente essa é a Lilly. Acho melhor eu ir, Rainha Estela, tenho que estar no castelo, caso aconteça alguma coisa.

— Pode ir, querida. Aviso Lilly que passou aqui. Adeus, Audrey!

— Adeus, rainha Estela!

Ao chegar ao castelo, a princesa foi direto para o jantar, pois já estava tudo escuro. Durante o jantar, chegou um príncipe ao castelo procurando pelo rei Estevam.

— Vossa Alteza, desculpe-me atrapalhar seu jantar. Sou o príncipe Christopher, do Reino Dianópolis. Sou o futuro sucessor do Trono, vim a pedido de minha mãe, a rainha Miranda, e do rei Leonor. Meus pais gostariam de convidar a família real de Glosangeles para um jantar no nosso Reino.

— Seja bem-vindo, príncipe Christopher! Sou a princesa Audrey. Estou um pouco confusa. Hoje de manhã meus pais saíram na carruagem real indo a caminho de seu reino. Então, não precisava vir aqui pessoalmente, pois o convite já havia sido entregue.

— Desculpe-me, princesa! Não mandamos nenhum convite para sua família. Segundo a ordem de meu pai e para mostrar respeito, o convite era pra ser feito pessoalmente. Então acho que aconteceu alguma coisa estranha. Se você estiver com o convite aí, poderia me mostrar para eu tentar identificar quem mandou?

— Está aqui. Bem que eu estava com uma sensação estranha de que algo aconteceria. Disse Audrey, preocupada com o que estava ocorrendo.

— Bem que eu suspeitei! Este não é o brasão da minha família.

— Alguém tentou enganar meus pais. Tomara que eles estejam bem!

— Alteza, alteza! Entrou um dos guardas que havia acompanhado o rei e a rainha na viagem.

— Sebastian, o que aconteceu? Por que não está com meus pais?



— Alteza, ela voltou... Alteza, ela está volta e disse que só irá libertá-los quando você entregar a chave da floresta e a coroa a ela. Ela quer ser a nova rainha. Morgana está de volta! — Disse o guarda.

— Vou pedir ajuda à guarda real de meu reino, vamos encontrá-los. Falou o príncipe Christopher com um tom um pouco preocupado.

— Sebastian, reúna toda a guarda real! Diga o que está acontecendo e peça para procurar por todo reino! Não é possível que ela não esteja por perto. — Ordenou Audrey.

Passada a noite, todos da guarda real procuraram em tudo que é canto o rei e a rainha. Eles passaram semanas, meses e ainda continuam à procura deles. Até as pessoas do Reino perceberem que o rei e a rainha estavam desaparecidos e até surgiram boatos sobre o assunto.

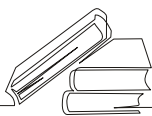
Ninguém sabia o que realmente havia acontecido, a Princesa Audrey sabia que não podia simplesmente dizer que a bruxa Morgana havia voltado e levado seus pais. Desde esse dia, a Princesa, que era doce e amigável com todos, tornou-se azeda e uma pessoa totalmente diferente do que era, pois achava que era sua culpa. Se tivesse implorado por seus pais talvez nada disso teria acontecido. Como já havia comentários de que seus pais estavam desaparecidos, Audrey resolveu confirmar a história e anunciou sua coroação.

A nova rainha Audrey governará este reino com ajuda do príncipe Christopher. Todos os convidados aplaudiram. Só que uma coisa aconteceu que nem mesmo a princesa Audrey esperava. Quando a coroação acabou e todos haviam ido embora, Audrey, ao voltar para seu quarto, triste, pois não esperava que fosse assim quando se tornasse rainha, ao olhar para seu espelho havia algo escrito lá.

— Parabéns, Vossa Majestade! Só queria dizer que isso ainda não acabou. O nosso jogo só está começando.

Audrey sabia exatamente de quem era aquele recado.

— Irei achar meus pais, Morgana. Nem que seja a última coisa que eu faça na vida. — afirmou a rainha Audrey.





## É Preciso Doer em Mim! É Preciso Doer em Nós!

*Raphaelly Vasconcelos dos Santos*

Quando ainda criança, eu sempre costumava escutar alguém falar sobre o garimpo e logo vinha-me à mente a imagem de um moço à beira de um rio, com sua peneira, na qual fios de ouro entravam. Tive que desfazer essa imagem ao descobrir sobre o garimpo ilegal que acontece na Região Amazônica.

O que sabemos, hoje, é que o garimpo irregular causa danos irreparáveis à natureza, danos esses que dificilmente podem ser consertados. O uso das bombas de alta pressão danificam o subsolo e acabam causando “rombos” na terra que se tornam enormes crateras. Olhá-las me faz lembrar feridas que não têm cura. Pensar isso me causa dor. Normalmente acontece de os garimpeiros usarem o mercúrio, jogando-o no lamaçal para separá-lo do ouro.

A questão é: Aonde vai parar a lama contaminada com o mercúrio? Lançar mercúrio na água é um caminho sem volta, pois ele acaba se acumulando e não apenas deixando este precioso líquido inutilizado ao se tornar contaminado, mas também envenenando toda a cadeia alimentar, a começar pelos peixes que fazem parte dela, incluindo os indígenas que deles se alimentam, sendo também por conta do destino errado do mercúrio que ao chegar aos rios e, finalmente, aos “potes” d’água dos indígenas, contamina-os. O malefício que o garimpo ilegal traz aos povos nativos precisa ser mostrado publicamente. Que haja uma conscientização geral, principalmente através das escolas, já que nelas está o futuro do País.

As feridas encontradas nas terras indígenas precisam doer em mim!  
Precisam doer em nós!



## O valor da leitura

*Rauanny Memória Feijão*

Ler é adquirir vocabulário,  
Viajar sem sair do lugar  
Ler é aprender  
Também refletir e pensar

É ter criatividade  
Saber se expressar  
Ter opinião  
E saber argumentar

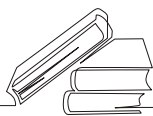
Quem lê, tem mais concentração  
Facilidade em textos escrever  
Desenvolve o senso crítico  
E consegue melhor compreender

A leitura desperta a curiosidade  
Pode entreter  
Desperta sonhos  
E a vontade de aprender

Ler é uma terapia  
Não é só obrigação  
Ajuda na empatia  
E formação do cidadão

Forma opiniões  
Ajuda no autoconhecimento  
Traz diversas emoções  
Sociedade mais justa e  
sem julgamento

Por meio dos livros  
Podemos diversas culturas  
conhecer  
Interagir e conviver  
É também um lazer



## Batalha do viver

*Rich Dhastin Martins dos Santos*

Um salto dado...  
É conquista para o conquistado  
Mais uma meta, mais um “vencer”...  
Só restou a vitória para o que crê...

Orgulha-se quem quis prevalecer  
Sem pisar em ninguém.  
Viver muito além  
De uma ideia... do que ver...

A vitória é o fardo  
Do mais forte soldado  
Que mais bradou  
E sem temer derrotou

As dificuldades da vida.  
Foi sabendo que era só ida  
E mesmo assim não se quebrou...  
Se engana quem achou.

Que alguém O derrotou  
Nunca na terra se viu  
Força alguma caiu  
Que ao menos... O balançou.



## Reinado Cangaceiro

*Rich Dhastin Martins dos Santos*

O mais falado  
O temido por todos os lados  
Seja onde for  
Seu nome tem fervor.

Nordeste brasileiro foi lá, seu reinado  
Até hoje é aclamado  
Como o maioral ou o miserável,  
Seja o que for, seu legado deixou.

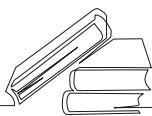
O cangaceiro temido  
Crédito a “Padin Ciço”,  
Viveu da luta do seu trabalho  
Derrubou muitos soldados.

Ninguém o maluvia  
Quem enfrentava, morria e nem via  
Seu bando armado até os dentes  
Aclamado pela gente.

Conquistar cidades era sua diversão  
Ninguém mexia quando entravam em ação,  
Seu olho perdido  
É só a marca do ofício.

Este já sabe quem é  
O maior cangaceiro, virado na “pé”  
Nem a morte fez o sumir da memória  
Perdeu, mas vive na história.

Lampião!!! A representação  
De frieza em ação,  
Perdeu o olho, mas não perdeu sua oração



## A Vida

*Sandy Melo dos Santos*

A vida nos faz refletir  
Viver, apreciar e sentir  
Uma mistura de sentimentos  
E também de ensinamentos

É triste ver tanta gente sofrer  
Passar fome  
Não ter o que comer

Enquanto outros a se gabar  
Por ter a vida perfeita  
Sem nem se esforçar

Será que tudo isso é justo?  
A maior parte do mundo  
Precisa de muito estudo  
Para na vida vencer  
E outros já tão ricos  
Antes mesmo de nascer

Mas na vida tudo é possível  
Sonhar é o que te faz incrível  
E tudo que você pensar  
Você pode realizar

Independente da condição financeira  
Estudar não é perda de tempo  
É ganho de conhecimento  
Que ao topo vai te levar.



## Futebol Feminino

*Valentina Hermínia Almeida Menezes*

Gosto muito de futebol, mas sei que o futebol feminino demorou muito a ter importância no mundo.

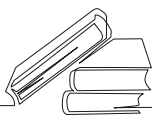
Pesquisei e vi que, em 1894, uma ativista dos direitos das mulheres, Nettie Honeyball, fundou o primeiro clube esportivo britânico, chamado “Ladies Football Club”.

Nos anos 20, fala-se em partidas de *football* disputadas por mulheres, mas somente em 1983, o futebol feminino foi regulamentado. Em 1988, a FIFA realizou um torneio na China.

A seleção montada no Brasil para a competição tinha como base o Radar do Rio e o Juventus de São Paulo porque tinha o time feminino mais forte do país.

Não fizeram nenhuma roupa para as jogadoras. As atletas viajaram para o Mundial com as sobras do fardamento masculino. Nesse campeonato, a zagueira Elaine marcou o primeiro gol do Brasil contra o Japão.

Quanto a mim, Valentina Hermínia, comecei a jogar futebol aos 07 anos, treinando na escola com os amigos. Depois fui treinar na academia do Boleiro, no sub 8, com a orientação do professor Hygor. Atualmente, treino na equipe da minha escola, o COESI, sob a orientação do Técnico Prof. Marcelo.





Editora  
**SER  
TÃO  
CULT**

Este livro foi composto em fonte Liberation Serif, impresso no formato 14 x 21 cm em off set 75g/m<sup>2</sup>, com 190 páginas e em e-book formato pdf.  
Setembro de 2023.





Crianças, jovens e adultos reunidos nesta obra têm algo em comum: o amor pela palavra escrita. Membros da Academia Groairense de Letras (AGL) e da Academia Forquilhense de Letras e Artes (AFLA) uniram-se a diversos convidados das mais diversas formações e vivências para compor esta obra.

São contos, crônicas, poesias, uma variedade de textos que trazem as mais belas mensagens que trarão ao leitor, com certeza, o mais puro deleite, deixando vir à flor da pele os mais nobres sentimentos. Leia-os com moderação, sem pressa, aproveitando os intervalos no seu dia-a-dia.

Leia e se encante

ISBN 978-655421090-4



9

786554

210904

Editora

**SERTÃO:CULT**